

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MIRIAN PECCATI TOSCAN

**O COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO NA COMUNIDADE BILÍNGÜE
ÍTALO-BRASILEIRA DE NOVA PÁDUA/RS:
identidade, prestígio e estigma lingüísticos**

Orientador (a): Dra. Vitalina Maria Frosi

Caxias do Sul - RS

2005

MIRIAN PECCATI TOSCAN

**O COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO NA COMUNIDADE BILÍNGÜE
ÍTALO-BRASILEIRA DE NOVA PÁDUA/RS:
identidade, prestígio e estigma lingüísticos**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura Regional.

Orientador (a): Dra. Vitalina Maria Frosi

**Caxias do Sul - RS
2005**

DEDICATÓRIA

À memória de meus pais

Marcello Fortunatto Peccati

e

Inês Bisinella Peccati

Para

Luiz

Graziele e Rafael

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo.

À minha família pelo apoio e por compreender a minha ausência.

À Professora Doutora Vitalina Maria Frosi, pelo acesso a livros pessoais, incentivo, paciência e disponibilidade, sem cuja orientação este trabalho não se realizaria.

Aos amigos pelo estímulo, em especial à Ester Mambrini e Mauro Olsen.

Às pessoas da comunidade que me ajudaram, colocando-me em contato com os informantes, Valmor e Ida Araldi, Néri Morandi, Nestor e Lino Peccati, Edília Munaro, Joaquina Vazzata.

Aos entrevistados da primeira fase que reviraram, em sua memória, os principais fatos da história de Nova Pádua e generosamente os relataram.

Ao prefeito Ivo Sonda e ao ex-prefeito Dorvalino Pan, que me receberam e contextualizaram a comunidade de Nova Pádua, sob o ponto de vista histórico, político e econômico.

Aos fabriqueiros e membros das Capelas por interromperem jogos de cartas ou interessantes conversas de domingo para receber-me e gentilmente contar o número de comunitários e ex-comunitários, um por um, família por família, na fase histórica que compreendeu o ponto de partida da pesquisa.

Aos sujeitos da pesquisa pela forma disponível e afável com que me aceitaram e abriram seu coração.

À Grazielle por ajudar-me em tarefas no computador.

Aos professores do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional por semear o conhecimento com dedicação.

À coordenação do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional, Professor Doutor Flávio Loureiro Chaves e a Professora Doutora Elisa Battisti.

À Universidade de Caxias do Sul por tornar possível o Programa de Mestrado.

À CAPES por tornar este estudo possível financeiramente.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida na comunidade lingüística ítalo-brasileira de Nova Pádua, situada Nordeste do Rio Grande do Sul, fundada em 1885 por imigrantes italianos. Esse grupo etnolingüístico convive com uma situação de línguas em contato e bilingüismo. O objetivo deste estudo foi investigar atitudes lingüísticas dos bilíngües em relação aos sistemas de fala utilizados pelo grupo étnico-social: a língua portuguesa *standard*, o dialeto italiano (Coiné) e a variedade de fala de língua portuguesa local. A investigação partiu do pressuposto de que os bilíngües adotam atitudes positivas ou negativas, de prestígio ou estigma, em relação às variedades lingüísticas. Além disso, pressupõe-se que o comportamento dos bilíngües é regulado por valores atribuídos às línguas. Os resultados mostraram uma gama de valores positivos e negativos atribuídos e percebidos nas variedades lingüísticas, e esses valores orientam o uso dessas variedades. Não só a avaliação positiva ou negativa orienta o comportamento lingüístico dos bilíngües, mas também fatores extralingüísticos como situações de interação formal ou informal e a solidariedade ao interlocutor. Inesperadamente, a pesquisa mostrou um conflito de valores e de identidade lingüísticos entre os participantes da amostra. Esse conflito revelou-se na contradição existente nos juízos de valor atribuídos às variedades lingüísticas, nas duas situações de avaliação propostas pela pesquisa. Na primeira, em que o falante seria uma terceira pessoa e não o sujeito da pesquisa, o dialeto italiano é o sistema de fala de maior prestígio, e a língua portuguesa *standard*, a língua de menor prestígio. As atitudes positivas em relação ao dialeto italiano ou dialeto vêneto (Coiné) apontam para uma ligação afetiva entre o sentimento étnico italiano e a identidade lingüística da amostra. Contraditoriamente, para uma situação interpessoal, em domínios usuais como: casa, Capela, escola, em que o próprio bilíngüe deveria falar, os valores divergiram. Isto é, os sistemas de fala de língua portuguesa, local e *standard*, receberam maior prestígio do que o dialeto italiano. Essas atitudes foram justificadas, entre outros motivos, pela necessidade de domínio da língua portuguesa, pela solidariedade ao interlocutor e pelo reconhecimento de uma forma lingüística de língua portuguesa local, língua portuguesa com marcas italianas. Dessa forma, os dados mostraram que a identidade lingüística italiana é mais idealizada e/ou nostálgica do que real. Em contrapartida, parece surgir um latente reconhecimento de uma prática lingüística ítalo-brasileira local.

Palavras-chave: sociolingüística, grupo etnolingüístico, Nova Pádua, línguas em contato, bilingüismo, variedades lingüísticas, juízos de valor, prestígio, estigma, atitudes lingüísticas, identidade lingüística, interlocutor, interação entre falantes.

ABSTRACT

This research was developed in an Italo-Brazilian linguistics community of Nova Pádua, located in the northeast of Rio grande do Sul, which was founded in 1885 by Italian immigrants. This ethnolinguistic group lives with a situation of bilingualism and languages in contact with each other. The aim of our work was to investigate the linguistics attitudes of the bilingual speakers in relation to the used speaking systems by the ethnic-social: the standard Portuguese language, the Italian dialect (Coiné) and the variety of the local speaking Portuguese language. The investigation began with the presupposition that bilingual speakers have positive or negative attitudes, prestige or stigma, in relation to the linguistics varieties. Besides this, we presupposed that bilingual speakers behaviour is measured by the values given to the languages. The results showed a series of positive and negative values related and perceived in the linguistics varieties. Not just the positive and negative evaluation guides the linguistics behaviour of bilingual speakers, but also extra-linguistics factors as a formal interaction situation or the speaker's solidarity. Surprisingly, the research showed a conflict of values and linguistics identity in the sample. This conflict was revealed in the contradiction of the values judgement given to the linguistics varieties in the two evaluation proposals suggested by the research. In the first proposal, where the speaker is a third person, not the one belong to the research, the Italian dialect is the speaking system of the greatest prestige and the standard Portuguese language, the language of minor prestige. The positive attitudes in relation to the Italian dialect direct to an affective link between the Italian –ethnic feeling and the sample's linguistic identity. Contradictorily, for an interpersonal situation, in usual dominions as house, school, chapel where the own bilingual should speak, the values differ. It means that the regional and standard Portuguese language speaking systems receive more prestige than the Italian dialect. Among other aspects, these attitudes were justified by the necessity of the Portuguese language dominium, by the speakers solidarity and by the recognition of a linguistics form of a local Portuguese language, Portuguese with Italian marks. By all these, the dates showed that the Italian linguistics identity is more idealized and/or nostalgic than real. On the other side, it seems appearing a latent recognition of a local Italo-Brazilian linguistics practice.

Key words: sociolinguistic, ethnolinguistic group, Nova Pádua, languages in contact, bilingualism, linguistics varieties, extra-linguistics factors, the values judgement, prestige, stigma, linguistics attitudes, linguistics identity, interactions between speakers.

ABREVIATURAS

[cf.] confira

[DI] Dialeto Italiano

[F] Feminino

[LEI BRAS] Lei de “Brazilianização”

[PS] Língua Portuguesa *standard*

[LP] Língua Portuguesa

[LPL] Variedade de fala de língua portuguesa local

[M] Masculino

[NP] Nova Pádua

[RCI] Região de Colonização Italiana

[DI ou dialeto italiano] a Coiné resultante da fusão dos dialetos também conhecida por dialeto vêneto.

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS DO SEGUNDO CAPÍTULO

- (E.01) entrevistado n. 01
- (E.02) entrevistado n. 02
- (E.03) entrevistado n. 03
- (E.04) entrevistado n. 04
- (E.05) entrevistado n. 05
- (E.06) entrevistado n. 06
- (E.07) entrevistado n. 07
- (E.08) entrevistado n. 08
- (E.09) entrevistado n. 09
- (E.10) entrevistado n. 10
- (E.11) entrevistado n.11
- (E.12) entrevistado n.12

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

- (01) sujeito da pesquisa n. 01
- (02) sujeito da pesquisa n. 02
- (03) sujeito da pesquisa n. 03
- (04) sujeito da pesquisa n. 04
- (05) sujeito da pesquisa n. 05
- (06) sujeito da pesquisa n. 06
- (07) sujeito da pesquisa n. 07
- (08) sujeito da pesquisa n. 08
- (09) sujeito da pesquisa n. 09
- (10) sujeito da pesquisa n. 10
- (11) sujeito da pesquisa n. 11
- (12) sujeito da pesquisa n. 12
- (13) sujeito da pesquisa n. 13
- (14) sujeito da pesquisa n. 14
- (15) sujeito da pesquisa n. 15
- (16) sujeito da pesquisa n. 16

LISTA DE FIGURAS

1 – Mapa da Itália – Região de origem dos imigrantes.....	25
2 – Mapa do Brasil e do RS – Localização geográfica de Nova Pádua.....	29
3 – Mapa de Nova Pádua – Distribuição dos sujeitos da pesquisa.....	79
4 – Gráfico – Soma final geral da terceira parte Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para mandar gravar uma publicidade, a fim de divulgar a cultura de Nova Pádua Dados por grupos	123
5 – Gráfico – Soma final geral da terceira parte Frequência de rejeição às variedades lingüísticas para mandar gravar publicidade, a fim de divulgar a cultura de Nova Pádua Dados por grupos	126
6 – Gráfico – Resultado parcial da quarta parte Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para divulgar NP, pessoalmente, na família e na Capela – Dados por grupos	154
7 – Gráfico – Resultado parcial da quarta parte Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para divulgar NP, pessoalmente, na escola e para interagir com pessoas que vêm de cidades – Dados por grupos.....	157
8 – Gráfico – Resultado parcial da quarta parte Frequência de rejeição às variedades lingüísticas para divulgar NP, pessoalmente, na família e na Capela – Dados por grupos	159
9 – Gráfico – Resultado parcial da quarta parte Frequência de rejeição às variedades lingüísticas para divulgar NP, pessoalmente, na escola e para interagir com pessoas que vêm de cidades – Dados por grupos.....	161
10 - Gráfico - Resultado final geral das terceira e quarta partes Frequência de escolhas das variedades lingüísticas - dados por grupos.....	163
11 - Gráfico - Resultado final geral das terceira e quarta partes Frequência de rejeição das variedades lingüísticas - dados por grupos.....	164

LISTA DE QUADROS

1 – Quadro-resumo da distribuição dos grupos – adulto (GA) e jovem (GJ), segundo a idade e o gênero.....	81
2 – Quadro-resumo do perfil sociocultural do grupo adulto – GA.....	89
3 – Quadro-resumo do perfil sociocultural do grupo jovem – GJ.....	90

LISTA DE TABELAS

1 – A língua materna adquirida /16 sujeitos – GA e GJ	91
2 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, aspectos naturais e culturais de Nova Pádua – Total da amostra.....	95
3 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, aspectos naturais e culturais de Nova Pádua – Dados por faixa etária	97
4 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, aspectos naturais e culturais de Nova Pádua – Dados por gênero.....	97
5 – Freqüência de rejeição às variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, aspectos naturais e culturais de Nova Pádua – Total da amostra.....	98
6 – Freqüência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, aspectos naturais e culturais de Nova Pádua – Dados por faixa etária.....	99
7 – Freqüência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, aspectos naturais e culturais de Nova Pádua – Dados por gêneros	100
8 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i> – Total da amostra.....	101
9 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i> – Dados por faixa etária	102
10 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i> – Dados por gêneros.....	103
11 – Freqüência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i> – Total da amostra.....	104
12 – Freqüência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i> – Dados por faixa etária	105
13 – Freqüência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i> – Dados por gêneros.....	106
14 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que o povo de Nova Pádua é inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico – Total da amostra.....	107
15 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que o povo de Nova Pádua é inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico – Dados por faixa etária.....	109
16 – Freqüência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de uma publicidade, que o povo de Nova Pádua é inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico – Dados por gêneros.....	110

17 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de uma publicidade, que o povo de Nova Pádua é inteligente, trabalhador e capaz de grande progresso econômico – Total da amostra.....	111
18 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que o povo de Nova Pádua é inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico – Dados por faixa etária.....	113
19 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, que o povo de Nova Pádua é inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico – Dados por gêneros.....	113
20 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, a verdadeira identidade de Nova Pádua – Total da amostra.....	114
21 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, a verdadeira identidade de Nova Pádua – Dados por faixa etária	116
22 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, a verdadeira identidade de Nova Pádua – Dados por gêneros	116
23 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, a verdadeira identidade de Nova Pádua – Total da amostra.....	118
24 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, a verdadeira identidade de Nova Pádua – Dados por faixa etária	119
25 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mostrar, através de publicidade, a verdadeira identidade de Nova Pádua – Dados por gêneros	119
26 –	Soma final geral da terceira parte Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para mandar gravar uma publicidade com o fim de divulgar a cultura de Nova Pádua –Total da amostra.....	121
27 –	Soma final geral da terceira parte Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para mandar gravar uma publicidade com o fim de divulgar a cultura de Nova Pádua – Total da amostra	124
28 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade aos familiares – Total da amostra	128
29 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade aos familiares – Dados por faixa etária.....	130
30 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade aos familiares – Dados por gêneros	130
31 –	Frequência de rejeição às variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade aos familiares – Total da amostra	132

32 –	Frequência de rejeição às variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade aos familiares – Dados por faixa etária	133
33 –	Frequência de rejeição às variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade aos familiares – Dados por gêneros.....	134
34 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade às pessoas da comunidade, na Capela – Total da amostra.....	135
35 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade às pessoas da comunidade, na Capela – Dados por faixa etária	137
36 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade às pessoas da comunidade, na Capela – Dados por gêneros	137
37 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade às pessoas da comunidade, na Capela – Total da amostra.....	138
38 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade às pessoas da comunidade, na Capela – Dados por faixa etária	140
39 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade às pessoas da comunidade, na Capela – Dados por gêneros.....	140
40 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade na escola - Total da amostra.....	142
41 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade na escola – Dados por faixa etária	143
42 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade na escola – Dados por Gêneros	143
43 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre Nova Pádua, na escola – Total da amostra	145
44 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre Nova Pádua, na escola – Dados por faixa etária.....	146
45 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar pessoalmente a publicidade sobre Nova Pádua, na escola – Dados por gêneros	146
46 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade a pessoas que vêm de cidades – Total da amostra	147
47 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar pessoalmente a publicidade a pessoas que vêm de cidades –Dados por faixa etária	149

48 –	Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade a pessoas que vêm de cidades – Dados por gêneros.....	149
49 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade a pessoas que vêm das cidades – Total da amostra	150
50 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade a pessoas que vêm de cidades – Dados por faixa etária.....	152
51 –	Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade a pessoas que vêm de cidades – Dados por gêneros	152
52 –	Resultado parcial da quarta parte Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para utilizar em família e na Capela – Total da amostra	153
53 –	Resultado parcial da quarta parte Frequência de escolhas das variedades lingüísticas para utilizar na escola e para interagir com pessoas que vêm de cidades – Total da amostra	155
54 –	Resultado parcial da quarta parte Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para utilizar em casa e na Capela – Total da amostra	158
55 –	Resultado parcial da quarta parte Frequência de rejeição das variedades lingüísticas para utilizar na escola e para interagir com pessoas que vêm das cidades – Total da amostra	159

ANEXOS

A –	Levantamento do êxodo	177
B –	Discurso do Professor Gelain	178
C –	Controle do Caixa de uma Capela.....	179
D –	Instrumento para a coleta dos dados	180
D.1.1 –	Texto da publicidade – versão gravada em língua portuguesa <i>standard</i>	181
D.1.2 –	Texto da publicidade – versão gravada em dialeto italiano	182
D.1.3 –	Texto da publicidade – versão gravada na variedade de fala local de língua portuguesa	183
D.2.1 –	Questionário – Primeira Parte.....	184
D.2.2 –	Questionário – Segunda Parte	185
D.2.3 –	Questionário – Terceira Parte	186
D.2.4 –	Questionário – Quarta Parte	188

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Abstract.....	07
Abreviaturas	08
Código de identificação dos entrevistados do segundo capítulo.....	09
Código de identificação dos sujeitos da pesquisa.....	09
1 INTRODUÇÃO	18
2 CONTEXTO DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA E DE NOVA PÁDUA: aspectos sociais e econômicos da colonização e evolução do grupo social	23
2.1 O grupo social: objeto de estudo sociolinguístico	23
2.2 A Itália: contexto político-social e origem dos imigrantes	23
2.3 Contexto político-social no século XIX do Brasil: política de imigração.....	25
2.3.1 A ocupação da terra na Região de Colonização Italiana.....	26
2.4 A Colônia Caxias.....	27
2.4.1 Nova Pádua: a 16 ^a Léguas da Colônia Caxias	28
2.4.2 Aspectos econômicos da Colônia Caxias.....	29
2.4.2.1 Aspectos socioeconômicos de Nova Pádua.....	31
2.4.3 Aspectos religiosos da Colônia Caxias.....	33
2.4.3.1 Aspectos religiosos de Nova Pádua.....	34
2.4.4 Aspectos socioculturais da Colônia Caxias.....	35
2.4.4.1 Aspectos socioculturais de Nova Pádua.....	37
2.4.5 A língua na RCI.....	40
2.4.5.1 A instrução, a língua e o estigma em Nova Pádua.....	42
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	46
3.1 O objeto da sociolinguística	46
3.2 Comunidade Social, Comunidade Linguística e Comunidade de Prática.....	46
3.3 Conceito de cultura	48
3.4 A Língua como identidade de grupo.....	50
3.5 Língua padrão, língua <i>standard</i> , variedades linguísticas e dialetos.....	52
3.5.1 Variedade de fala de língua portuguesa local.....	54
3.6 Língua de prestígio	54
3.7 Bilingüismo e alternância de códigos.....	56

3.8	Interferência entre línguas em contato.....	58
3.9	Atitudes lingüísticas.....	61
3.10	O estigma segundo Goffman.....	66
3.11	Colono: um estigma sociolingüístico na RCI.....	72
3.12	Conceito de região.....	74
4	METODOLOGIA.....	76
4.1	A escolha da comunidade.....	77
4.2	Delimitação do universo da pesquisa.....	78
4.2.1	Seleção da amostra.....	78
4.2.2	Variáveis.....	80
4.3	Hipóteses.....	81
4.4	Instrumento e sua aplicação.....	81
4.4.1	Gravação do texto	82
4.4.2	Questionário.....	83
4.4.3	Aplicação do instrumento	84
4.5	Avaliação dos resultados.....	85
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	87
5.1	ANÁLISE DA PRIMEIRA PARTE.....	88
5.1.1.	Perfil sociocultural do grupo adulto	88
5.1.2.	Perfil sociocultural do grupo jovem	89
5.1.3.	Síntese dos resultados.....	91
5.2.	ANÁLISE DA SEGUNDA PARTE.....	91
5.2.1.	Perfil socioeconômico da amostra	91
5.2.2.	Síntese dos resultados.....	93
5.3.	ANÁLISE DA TERCEIRA PARTE.....	94
5.3.1.	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de divulgar o município mostrando os aspectos naturais e culturais de Nova Pádua	94
5.3.1.1	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de divulgar o município, mostrando os aspectos naturais e culturais de Nova Pádua	97
5.3.2	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i>	100
5.3.2.1	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que Nova Pádua é um <i>pequeno paraíso</i>	103
5.3.3	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que o povo de Nova Pádua é um povo inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico.....	106

5.3.3.1	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que o povo de Nova Pádua é um povo inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico.....	110
5.3.4	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar a verdadeira identidade de Nova Pádua.....	113
5.3.4.1	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar a verdadeira identidade de Nova Pádua.....	117
5.3.5.	Síntese dos resultados.....	120
5.3.5.1	Síntese da avaliação positiva.....	121
5.3.5.2.	Síntese da avaliação negativa.....	124
5.4	ANÁLISE DA QUARTA PARTE.....	127
5.4.1.	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar a mensagem publicitária, pessoalmente, à família.....	127
5.4.1.1	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar a mensagem publicitária, pessoalmente, à família.....	131
5.4.2.	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária aos comunitários, na Capela.....	134
5.4.2.1.	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária aos comunitários, na Capela	138
5.4.3.	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária na escola	141
5.4.3.1.	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de transmitir, pessoalmente, a mensagem publicitária na escola.....	144
5.4.4.	Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária a pessoas que vêm das cidades	147
5.4.4.1	Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar pessoalmente a mensagem publicitária a pessoas que vêm das cidades	150
5.4.5.	Síntese dos resultados.....	153
5.4.5.1.	Síntese da avaliação positiva.....	153
5.4.5.2.	Síntese da avaliação negativa.....	157
5.5	Resultado final geral.....	162
5.5.1	Resultado final geral de avaliação positiva.....	162
5.5.2	Resultado final geral de avaliação negativa.....	163
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	REFERÊNCIAS	171
	OBRAS CONSULTADAS.....	175

1 Introdução

A sociolinguística preocupa-se em investigar a relação entre os fatores sociais e o comportamento lingüístico. Weinreich (1974) foi um dos pioneiros em estudos sociolinguísticos. Depois dele, muitos estudos mostraram que valores sociais influenciam o comportamento dos indivíduos em relação às línguas, isto é, os valores atribuídos aos sistemas lingüísticos têm correlação com os valores sociais atribuídos aos falantes das línguas. Em situações de bilingüismo, de acordo com Mackey (1972), as atitudes de um bilíngüe com relação às suas línguas e com as pessoas que as falam influenciarão o seu comportamento entre áreas de contato diferentes nas quais cada língua é usada.

O comportamento lingüístico da comunidade bilíngüe ítalo-brasileira de Nova Pádua (NP) foi o fator motivador deste, que tem por objetivo investigar, a partir do ponto de vista do próprio usuário da língua, atitudes lingüísticas, de prestígio ou estigma, com relação aos sistemas de fala que estão em contato: a língua portuguesa culta, o dialeto italiano e a variedade de fala de língua portuguesa local.

Nova Pádua faz parte da Região de Colonização Italiana (RCI), e se localiza na região Nordeste do Rio Grande do Sul, onde as línguas italiana e portuguesa foram postas em contato a partir da migração européia ocorrida no final do século XIX. Essa grande migração distribuiu pela América milhões de pessoas, inclusive no Brasil. No Rio Grande do Sul, a partir de 1875, imigrantes italianos chegaram aos milhares e, na RCI, instalaram-se num espaço desabitado. Por isso, não precisaram adaptar-se à cultura do novo país e aí transplantaram, conforme Frosi e Mioranza (1975), costumes, cultura e língua italianos. A continuidade desses valores sociais fez com que os colonizadores italianos se constituíssem num grupo etnolingüístico distinto da sociedade maior brasileira.

No início da colonização, os imigrantes falavam o dialeto da região de origem (Itália), por exemplo, dialeto milanês, belunês, trevisano. Contudo, uma vez que foram assentados

conforme a ordem de chegada, os colonos passaram a interagir entre si e, por força da interação, mesclaram os dialetos. Segundo Frosi e Mioranza (1975, p. 67), a interação entre os imigrantes das diferentes regiões italianas teria favorecido a interinfluência dialetal que resultou num supradialetto, uma *koiné*, conhecida como dialeto vêneto. Porém, com o tempo, passou a predominar o bilingüismo, e o contato e a interinfluência passaram a se dar entre o dialeto italiano e a língua portuguesa. Na década de 30, a campanha de nacionalismo proibia o uso de línguas estrangeiras, mesmo em comunidades colonizadas por imigrantes. Registros históricos mostram esse período como uma fase marcada por constrangimentos pelo uso do dialeto italiano. Surge, então, o estigma ao dialeto italiano e ocorre um crescente abandono da fala dialetal italiana. Ainda, de acordo com Frosi e Mioranza (1983, p. 511), na segunda metade do século XX, o dialeto italiano já teria sido substituído pela língua portuguesa, nos centros urbanos maiores da RCI, porém o uso da variedade dialetal estaria persistindo nas comunidades rurais.

Nova Pádua é uma comunidade rural onde, na década de 80, ainda se falava o dialeto italiano. Hoje, a comunidade é bilíngüe e convive com o contato de três variedades lingüísticas: a língua portuguesa, o dialeto italiano e uma variedade de fala local de língua portuguesa. Essa última é uma variedade de língua portuguesa marcada por elementos da fala dialetal italiana. Segundo estudiosos, (FROSI, 1987; MANTOVANI, 1998; PAVIANI, 1992; GIANNI, 1997; SANTOS, 2001), a variedade de fala de língua portuguesa, na RCI, é resultante da interinfluência fônica, lexical e semântica da língua portuguesa e do dialeto italiano. Na fonologia, por exemplo, ocorre a pronúncia do ditongo nasal –ão como –on, *pão* é pronunciado como *pon*, e *tera* é pronunciado por *teRa*. No léxico, encontramos expressões como *nona* em lugar de *avó*. Na semântica, o termo *pedir* é usado no sentido de *perguntar* e pode-se ouvir expressões como “*eu venho lá*”.

Variedades lingüísticas podem viver em contato sem existir questionamentos com relação a elas. Haugen (1973, p. 87) afirma que “a língua não constitui um problema, a não ser que sirva de base para a discriminação, mas que, na verdade, tem sido usada como tal desde tempos imemoriais”. Dessa forma, o problema passa a existir no momento em que uma variedade lingüística, que é utilizada por um grupo social, passa a ser motivo de gracejos ou zombarias por parte de outras pessoas ou de outros grupos sociais. Se o comportamento negativo em relação ao sistema de fala for insistente e permanente, poderá dar origem a um estigma individual ou coletivo a esse grupo social, e o sistema de fala que contempla os desvios lingüísticos será estigmatizado.

Estigma, na concepção de Goffman (1988), é uma marca negativa atribuída a um indivíduo.¹ Entretanto, marcas negativas podem ser atribuídas, também, a formas lingüísticas, que passam a ser vistas como um estereótipo lingüístico.² Para este estudo, adotou-se o conceito de estigma conforme Goffman, porém transposto para a área da sociolingüística. Dessa forma, ele é percebido como um atributo negativo que caracteriza, marca, um sistema de fala como grosseiro, feio, errado, etc.

Segundo Preston (2002, p. 40), “as atitudes em relação aos sistemas de fala parecem estar conectadas a atitudes em relação a grupos de pessoas”, isto é, há correlação entre a avaliação dos sistemas de fala e o falante. Esta investigação partiu do pressuposto de que, em Nova Pádua, primeiramente, a língua materna adquirida pelas crianças, hoje, é a língua portuguesa, em detrimento à aquisição do dialeto italiano como ocorria até há duas ou três décadas; segundo, o falante atribui e/ou percebe diferentes juízos de valor positivos ou negativos a variedades lingüísticas; terceiro, esses valores são determinantes para ele escolher

¹ Segundo Goffman (1988, p. 12), se, ao conhecermos uma pessoa, descobirmos que ela tem algo diferente dos outros, isto é, se surgirem evidências de que ela tem um atributo pelo qual torna-se difícil incluí-lo numa categoria conhecida, podemos considerá-lo uma espécie menos desejável. “[...] deixamos de considerá-lo uma criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma.”

² Estereótipo lingüístico é visto, neste estudo, de acordo com Monteiro (2000, p. 66), como sendo as “formas lingüísticas socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Ou seja, são formas que recebem forte estigmatização, cada vez mais estranhas aos grupos que as censuram. São, pois, variantes que constituem o patrimônio de um grupo específico e sobre as quais atuam atitudes e crenças”.

uma variedade lingüística ou recusar-se a utilizar este ou aquele sistema de fala. Com base nesse pressupostos, colocam-se algumas questões iniciais:

- a) Houve ruptura na transmissão do dialeto italiano como primeira língua em favor da língua portuguesa?
- b) Aos sistemas de fala – língua portuguesa, dialeto italiano e variedade de fala de língua portuguesa local – os falantes atribuem prestígio ou estigma?
- c) O comportamento lingüístico dos bilíngües de Nova Pádua é regulado pelos juízos de valor atribuídos às variedades lingüísticas?

Para levar o estudo a bom termo, dividiu-se a dissertação em seis capítulos. O primeiro introduz o tema da pesquisa, o segundo discorre brevemente sobre a história de NP. A contextualização e evolução da comunidade, significativamente tardia em relação aos centros urbanos da RCI, é relevante porque, para a obtenção dos dados, delimitou-se a faixa etária da amostra a partir de mudanças históricas locais. Para isso, renunciou-se aos critérios normalmente usados para estudos na RCI, que são determinados a partir das gerações dos imigrantes. Tomou-se essa decisão por acreditar que os percursos histórico e social da língua estão vinculados ao percurso histórico da comunidade lingüística. No terceiro capítulo, abordaram-se as teorias sociolingüísticas que fundamentaram a pesquisa, ou seja, posicionamentos de autores como Weinreich, Labov, Fishman, Grosjean, entre outros, que, num crescente sistematizar de conhecimentos do comportamento lingüístico, sustentam que, em situações de bilingüismo, bilíngües e monolíngües atribuem valores positivos e negativos às variedades lingüísticas, que a avaliação das línguas está correlacionada aos falantes. Além disso, acreditam que as atitudes negativas do falante em relação à própria língua materna, quando criança, produz-lhe conseqüências negativas quando for adulto. A contribuição do sociólogo Goffman se deu no sentido de se perceber como a sociedade estabelece meios para categorizar as pessoas, a partir de atributos considerados comuns e naturais, ou estigmatizá-

las por um atributo que as diferencia das demais. Ainda em sua obra, o autor esclarece que o estigma é uma linguagem de relações, é um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos. O quarto capítulo apresenta o modo de trabalhar o tema, que se deu através de método indutivo, adaptando à nossa realidade a técnica dos pares ocultos de Lambert (1960). Sob essa perspectiva, foram obtidos dados quantitativos e qualitativos, através de questionário e entrevista. O quinto capítulo apresenta e analisa os resultados dos dados. Esse capítulo está subdividido em quatro partes e descreve os resultados quantitativos e qualitativos de cada uma das questões. Na primeira e na segunda parte, descrevem-se os dados socioculturais, socioeconômicos e analisa-se a evolução na aquisição da língua materna da amostra em tempo aparente, a partir de duas faixas etárias. Na terceira parte, descrevem-se e analisam-se os resultados quantitativos e qualitativos das quatro questões, de avaliação positiva e negativa. Nesse segmento, são apresentados os resultados das atitudes lingüísticas dos sujeitos para esta proposta de mostrar, por meio de um texto publicitário, aspectos culturais da comunidade de NP. Os resultados são reveladores da identidade idealizada dos sujeitos. Na quarta parte, descrevem-se e analisam-se os resultados, quantitativos e qualitativos, das quatro questões, de avaliação positiva e negativa. Nesse segmento, a proposta ao sujeito era de transmitir, pessoalmente, a mensagem publicitária em quatro diferentes domínios: em casa, na capela, na escola e em interações com pessoas que vêm de cidades para visitar a comunidade. Isto é, pessoas que não residem em áreas rurais. Os dados são demonstrativos de um comportamento lingüístico prático, em que o sujeito opta por uma variedade lingüística por julgá-la funcional. Todas as partes foram encerradas com uma síntese dos resultados. Por fim, no capítulo seis, apresentamos nossas considerações finais, indicando, também, contribuições da pesquisa e outras questões suscitadas por ela, merecedoras de investigação específica.

2 Contexto da Região Colonial Italiana e de Nova Pádua: aspectos sociais e econômicos da colonização e evolução do grupo social

2.1 O grupo social: objeto de estudo sociolingüístico

Por ser o comportamento lingüístico o objeto deste estudo, tornou-se imprescindível conhecermos a realidade do grupo social da pesquisa, pois a língua como fato social evoca a relação entre identidade social e atitudes lingüísticas. Além disso, a língua como elemento cultural associa-se à história e à evolução desse grupo social.

Nova Pádua é uma comunidade formada por imigrantes italianos que integram a Região de Colonização Italiana (RCI), no Rio Grande do Sul. Talvez por ser uma comunidade predominantemente rural, ainda são encontrados falantes do dialeto italiano (Coiné vêneta), quando em outras comunidades, também colonizadas no período da imigração, esse sistema de fala já foi praticamente substituído pela língua portuguesa como “nos centros urbanos”, sugerem Frosi e Mioranza (1983, p. 511).

Uma vez que as comunidades desenvolvem-se em tempo e ritmo desencontrados, nesse estudo, apresenta-se primeiro, em nível macrocômico e de forma sintética, a contextualização do grupo social, utilizando como parâmetro a RCI, principalmente Caxias do Sul, sede da Colônia na imigração.

2.2 A Itália: contexto político-social e origem dos imigrantes

A Itália, no século XIX, lutava por sua unificação. Sofria com as guerras, a superpopulação e a pobreza. A escassez de terra impedia aos camponeses o sustento de suas famílias numerosas. De acordo com Pesavento (1980, p. 156), o advento do capitalismo e suas novas formas de produção, obrigaram o camponês a abandonar o campo, formando, “em

determinadas nações, um excedente populacional que, sem terra e sem trabalho, convertia-se num foco de tensão social”. Para Sabbatini (1975, p. XVI), além dos problemas internos, a grande recessão internacional, na década de 1870, foi uma das causas que deram início à emigração de pessoas do norte da Itália, onde predominava o sistema de produção de subsistência, e a pequena propriedade tornava-se ainda menor pelo excedente demográfico rural. Na década de 1880, ocorreu uma segunda crise agrícola, e um grande contingente populacional, por sua forma de produção de pequena propriedade agrícola independente, foi incapaz de inserir-se na produção de mercado. A superpopulação exauriu o espaço natural, tornando a sobrevivência do núcleo familiar impossível. A fome assaltava também os agricultores empregados e os trabalhadores temporários. Os camponeses obrigavam-se a determinar a quantidade de polenta que os filhos podiam comer,³ dizia o prefeito de Ostiglia (GANDINI. 2000, p. 122). Tudo conspirava a favor do embarque: o sonho de um lote de terra e as dificuldades de sobrevivência. Sem perspectivas e desnutridos, “em 25 anos, mais de um milhão de italianos emigraram para o Brasil à procura de um trabalho ou de uma terra que as condições econômicas e sociais de seu país não lhe permitiam conseguir”, (MANFRÓI, 1975, p. 46). Portanto, a emigração parecia ser a solução dos problemas dos pequenos agricultores, pois o governo brasileiro oferecia a possibilidade de um lote de terra.

Frosi e Mioranza (1975, p. 14) afirmam que as campanhas que ofereciam lotes em terra devolutas do Sul do Brasil, realizadas na Itália pelos agentes de imigração, tiveram “grande receptividade nas regiões vêneto-lombardo-trentinas e iniciaram-se, a partir de 1875, movimentos e fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul”. Seus estudos mostraram que a maior parte dos imigrantes que foram instalados na RCI é proveniente do Norte da Itália:

³ “Questo povero lavoratore della capagna è costretto di misurare ai figli la polenta, ed a molti questo magro e meno proprio nutrimento fa difetto”. (Il sindaco di Ostiglia al prefetto di Mantova, Ostiglia 26 agosto 1876. In: ASM, fondo polizia italiana, b.229).

Vêneto 54%; Lombardia 33%; Trentino-Alto Ádige 7%; Friuli-Venécia Júlia 4%; Piemonte, Emília-Romagna, Toscana e Ligúria 1,5%, (cf. figura 1).

Figura 1:

MAPA INDICATIVO DAS REGIÕES E PROVÍNCIAS ITALIANAS DE ONDE PROVIERAM OS MAIORES CONTINGENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS QUE POVOARAM O NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL



Fonte: (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 83).

2.3 Contexto político-social do Brasil no século XIX: política de imigração

No Brasil, a luta pela independência do país, a abolição da escravatura e o movimento pela proclamação da república marcaram o século XIX. As necessidades do Império, nessa época, eram suprir a mão-de-obra escrava na cafeicultura e povoar as grandes áreas desabitadas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A imigração resolveria ambos os problemas.

Neste estudo, interessa-se especificamente pela colonização do RS que, de acordo com Ianni (1979, p. 12), a preocupação era “povoar, criar núcleos destinados a produzir, por um lado, a ocupação do território e, do outro, produzir gêneros para o mercado interno, o mercado urbano que se começava constituir”. Para assentar os imigrantes, o governo “projetou três colônias na margem da serra e ao norte das já existentes entre os rios Caí e Taquari que foram denominadas Colônia Caxias, Dona Isabel, Conde D’Eu. Depois, outras foram fundadas: as colônias de Antônio Prado e Alfredo Chaves” (FROSI E MIORANZA, 1975, p. 38).

2.3.1 A ocupação da terra na Região de Colonização Italiana

A forma de ocupação da terra foi fator preponderante na (re)formação da cultura dos imigrantes aqui assentados, devido à grande dimensão da área ocupada. De acordo com Sabbatini (1975, p. XXXV); Frosi e Mioranza (1975); Manfrói (1975); De Boni e Costa (1984), as colônias foram divididas em Léguas, que foram subdivididas em Linhas ou Travessões que foram divididas em lotes rurais. A *Linha* era um traçado virtual feito sobre mapas, um caminho entre a direita e a esquerda que separava os lotes pares dos lotes ímpares. Os lotes possuíam, aproximadamente, 25 hectares, eram numerados, e os fundos dos lotes de uma Linha limitavam-se com os fundos dos lotes da outra Linha. Os colonizadores assentaram-se nas cabeceiras dos lotes e, dessa forma, ficavam mais próximos uns dos outros, formando comunidades nas mesmas Linhas, normalmente, em torno de uma igreja, a Capela. As colônias tinham uma sede central para que ali se estabelecessem a Direção e a Administração. Ao chegar na RCI, os imigrantes, oriundos de diferentes regiões italianas, foram instalados por ordem de chegada e, por isso, a interação entre eles deu-se forçosamente pela organização geoadministrativa-econômica e religiosa das colônias. Assim, formaram-se

comunidades mistas, e os imigrantes passaram a interagir com falantes de diferentes dialetos, pois cada um falava o dialeto de sua região na Itália (FROSI e MIORANZA. 1975, p. 47).

2.4 A Colônia Caxias

A Colônia Caxias nasceu em 1875 e está situada no Nordeste do Rio Grande do Sul. De acordo com Azevedo (1994, p. 215), inicialmente, chamava-se Santa Tereza, tendo sido mais tarde, em 1877, denominada oficialmente Colônia Caxias, vindo a se tornar município em 1890. Limitava-se com os Campos de Cima da Serra, Nova Petrópolis, Nova Palmira, Picada Feliz, a Colônia D. Isabel e as terras de Luiz Antonio Feijó Jr. Segundo Antunes (1950, p. 17), o município era constituído por quatro distritos:⁴ Vila (1º distrito); Nova Trento, Nova Pádua e Nova Vicenza. Em 1924, ficou privado dos distritos de Nova Trento, Nova Pádua e do povoado de Marcolina Moura. No início, a colônia atuou muito pouco na política. A primeira administração do município, a junta governativa composta pelos cidadãos italianos Chitolina, Marsiaj e Sartori, governou somente até junho de 1892, quando foi deposta. A partir dessa data, a colônia passou a ser administrada por intendentess até 1928. Na República Velha, de acordo com Pesavento (1980, p. 180-194), “a integração política” do imigrante foi pouco representativa; porém, paralelamente à evolução econômica, ocorreu a evolução política e, no decorrer do século XX, representantes da antiga Colônia Caxias atingem o poder e passam a atuar “com um peso considerável na nova realidade da política gaúcha”.

⁴ Distrito = uma das partes em que se divide o território do município.

2.4.1 Nova Pádua: 16ª Léguas da Colônia Caxias

Nova Pádua, 16ª Léguas da Colônia Caxias, foi a última dessa Colônia a ser ocupada, em 1885. Situa-se cerca de 165 km da Capital Porto Alegre e cerca de 30 km de Caxias do Sul. Limita-se, ao norte, com o município de Antônio Prado; ao sul, com Farroupilha; a leste, com Flores da Cunha e, a oeste, com Nova Roma do Sul. Possui uma área territorial de, aproximadamente, 102,5 km² (figura 2). O pequeno núcleo urbano, a sede do município e os Travessões Divisa, Curuzu, Paredes, Santo Isidoro, Accioli, Bonito, Mützel, Leonel, Barra, Cerro Largo, Cerro Grande e uma parte do Travessão São João Bosco constituem a comunidade. Em 1904, tornou-se o 4º distrito de Caxias, e os próprios imigrantes ou descendentes foram nomeados para administrá-la. Posteriormente, foram nomeadas Intendências. Em 1924, foi desligada de Caxias e anexada ao município de Flores da Cunha. Hoje, a população é de, aproximadamente, 2.396 habitantes.(IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2000). Uma das características da comunidade é ser politicamente atuante



Figura 2: Localização de Nova Pádua

Mapa 1: Mapa do Brasil com o Rio Grande do Sul em destaque

Fonte:

Mapa 1: SCHNEIDER (2001, p. 11)

Mapa 2: Disponível em: http://www.fee.tche.Br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?município=Nova+P%Edua.

2.4.2 Aspectos econômicos da Colônia Caxias

Até que fossem produzidos alimentos aqui, no Brasil, os imigrantes ainda passaram fome e comiam pinhões.(BARÉA, 1925, p. 63). Porém, em pouco tempo, a abundância de alimentos tornou-se uma característica da RCI. Antonelli (1983, p. 7-26) relatava, já em 1899, que os imigrantes produziam muito: criavam porcos, cultivavam batatas, milho, feijão e trigo. Além disso, produziam vinho. Porém, o imigrante não usava a técnica, ganhava pouco e continuava pobre. Para Ancarini (1983, p. 51), em 1905, o vinho de Caxias era considerado o melhor de toda a colônia, mas era “fraco e áspero” e de baixo preço. Dessa forma, os colonos

tinham superabundância de comida, mas faltava-lhes completamente tudo o resto e andavam tão mal vestidos que pareciam mendigos. A falta de técnica, que consistia na rotação de cultivo, derrubar as árvores e queimá-las para posterior plantio por alguns anos e, depois, repetir o processo em outra área, exauriu o solo e começou a faltar terra para as famílias numerosas. Sem adubação, a terra empobrecida produzia cada vez menos, e o lote tornou-se insuficiente para sustentar as famílias numerosas. Frosi e Mioranza (1975, p. 50-51) afirmam que, já no final do século XIX, os habitantes das primeiras colônias iniciaram um deslocamento para outras regiões: inicialmente para localidades próximas, como São Marcos, Vila Oliva, Guaporé, Casca, etc.; posteriormente, em direção ao Alto Uruguai. Na década de 20, a migração ocorreu em direção a Santa Catarina e Paraná. Só passou a decrescer a partir de 1960, em razão do êxodo rural em toda a região, em direção aos centros urbanos da RCI, a Porto Alegre, Canoas, Vacaria, etc.

Na cidade de Caxias, sede da Colônia, o desenvolvimento econômico iniciou rapidamente. Já em 1910, a estrada de ferro ligava Porto Alegre a Caxias. Para Herédia (1997), a partir da estrada de ferro, a colônia teria desenvolvido um amplo comércio na região através de uma agricultura comercial. Posteriormente, desenvolveu-se a indústria metalúrgica e a indústria extrativa de madeira, além de cantinas vinícolas e moinhos. Os artefatos manufaturados teriam abastecido o mercado local, o mercado das colônias, o regional e mais tarde o nacional. A indústria tornou-se forte, o enriquecimento do Campo dos Bugres⁵ foi inevitável, e o impulso econômico da sede da Colônia Caxias alavancou toda a colônia, cujo progresso do núcleo representou o progresso geral da região de colonização. Hoje, Caxias do Sul é um parque industrial que se destaca no cenário nacional e, com ela, destacam-se os municípios vizinhos, as ex-Léguas da colônia.

⁵ “*Campo dos Bugres*: um descampado antes habitado por índios. O local era assim denominado por tropeiros que percorriam este caminho, vindos do Caí para chegar a São Francisco de Paula. Neste lugar, está a cidade de Caxias do Sul.” (MANFRÓI. 1975, p. 114).

2.4.2.1 Aspectos socioeconômicos de Nova Pádua

Para reconstituir a história socioeconômica de Nova Pádua, foram utilizados alguns documentos. Pela falta de livros, consideramos os relatos de pessoas nativas geralmente idosas, que aparecem no corpo do texto como entrevistados.

Como se disse, Caxias iniciou seu desenvolvimento já em 1910. Nova Pádua, devido à distância, à falta de estradas e à falta de meios de transporte para a produção, ficou à margem. As encostas rochosas dos rios Curuzu e das Antas dificultavam o acesso à localidade, que era feito unicamente via Flores da Cunha, por duas estradas próximas entre si. Os imigrantes reclamavam da falta de estradas e diziam que somente os burros (das tropas) conseguiam passar pelos “labirintos, buracos e pântanos”.(GALIOTO. 1992, p. 30). O comércio era pouco, e o transporte da produção era realizado com mulas de carga. As dificuldades eram tais que, de acordo com relatos orais, às vezes, o abastecimento de produtos de primeira necessidade, como sal ou açúcar, ficava comprometido. Em meio às dificuldades, destacava-se a solidariedade. Muitos trabalhos eram realizados em regime de mutirão. Para cortar os pinheiros mais grossos, os imigrantes reuniam-se (em torno de quinze homens), aos domingos. Para o abate dos porcos, os colonos reuniam-se na casa do criador dos animais e, no mesmo dia, matavam vários animais e carregavam a carne em mulas para que chegasse a São Sebastião do Caí em, no máximo, um dia e meio, recordava E.01, 87a.

Mesmo com o passar do tempo, as dificuldades continuaram. A produção agrícola e de vinho quase não tinham comércio. Na década de 20 a 30, muitos jogaram fora sua produção: “Eu vi com meus próprios olhos que soltavam o vinho pra poder botar a uva. O vinho que ficava velho estragava. Em 1928, 1930, não compravam uva e não compravam vinho”, lembrava o nativo E.08, 84a. A solução foi fundar sociedades como a Cooperativa de Vinho

Santo Antônio (1931), a Vinícola Riograndense e outras. Para comercializar os produtos como trigo, banha, cera de abelhas, etc., foi fundada a Cooperativa Mixta de Nova Pádua.

Na segunda metade do século XX, NP entrou para a modernidade. Devido à mecanização agrícola e à construção de boas estradas, a produção de subsistência evoluiu para a produção em escala comercial. A produção de uva e vinho aumentou substancialmente, passou-se a produzir hortifrutigranjeiros e criar aves também em escala comercial. Contraditoriamente, a comunidade passou a ter excedente de mão-de-obra (ou escassez de terra) e muitos jovens migraram para as cidades nas décadas de 60 e 70. Adolescentes e jovens estudavam até concluir o Ensino Fundamental e, depois disso, transferiam-se para as cidades em busca de emprego e instrução. Outros migravam mesmo sem essa instrução. Era o êxodo rural urbano (FROSI; MIORANZA, 1975). Um levantamento realizado para este estudo, mostrou que, na comunidade, entre 1960 e 1980, mais de 50% dos jovens da comunidade migraram para centros urbanos (cf. Anexo A).

Atualmente, a economia revela uma comunidade relativamente abastada: o PIB per capita é de R\$ 27.294 (IBGE, jan. 2005). É comum ver agricultores utilizando tratores de potência significativa. Porém, por nova contradição, nos últimos anos, a comunidade passou a sentir escassez de mão-de-obra, que é suprida por extracomunitários, empregados fixos ou temporários. Assim, ocorrem interações que passam a exigir o uso da língua portuguesa até no ambiente familiar.

O comércio da produção é realizado pelos próprios produtores, que vão ao CEASA (Centrais de Abastecimento S.A.) de Porto Alegre, uma, duas ou mais vezes por semana, o que favorece a interação com o meio urbano e a língua portuguesa. Portanto, o isolamento provocado pelos acidentes geográficos, pela falta de estradas e pela distância inicial do núcleo da colônia, que impediam o contato e a interação da comunidade com o meio urbano, deixaram de existir. Dessa forma, neutralizaram-se os fatores que favoreciam o uso quase

exclusivo do dialeto italiano, propiciando freqüentes situações de interação com falantes de língua portuguesa.

2.4.3 Aspectos religiosos da Colônia Caxias

A Colônia Caxias é marcada pela forte presença da Igreja Católica, que, nas dificuldades, exerceu uma função agregadora, estimuladora e pacificadora. Na fé e na Igreja Católica estavam as referências morais, sociais e, talvez, econômicas dos imigrantes. Segundo De Boni (1992, p. 235), os imigrantes nas colônias do Rio Grande do Sul estavam perdidos no meio da floresta, isolados da sociedade, abandonados pelo poder e impossibilitados de retornar à pátria pela pobreza. Também não tinham a Itália como referência de pátria porque o país fora unificado pouco antes da emigração e, por falarem dialetos diferentes, não se sentiam unidos por uma língua comum. Então, a religião teria sido o elo de união entre eles, e a fé na Igreja Católica lhes forneceu subsídios para reconstruir seu universo individual e coletivo. Certamente, a Igreja lhes dava força e para ela os colonos sempre tinham pressa. Na sede da Colônia Caxias, em 1876, a primeira igreja havia sido construída.(ANTUNES, 1950, p. 72). Os párocos, por sua vez, não restringiam seu trabalho à área espiritual; o padre D. Pietro Nosadini, por exemplo, que chegou em Caxias em 1895, fundou vários comitês⁶ e o jornal *Il colono Italiano*.(BAREA. 1925, p. 67). Atuou na política, fato que provocou atrito com a Maçonaria local, fazendo com que se refugiasse em Nova Pádua. Politicamente, num “grupo eminentemente católico, a posição assumida pelo sacerdote implicava, muitas vezes, a orientação política da comunidade”, sugere Pesavento (1992, p. 178). Portanto, no contexto da colonização italiana, certamente, a presença da Igreja Católica orientou a formação da nova cultura política do imigrante.

2.4.3.1 Aspectos religiosos de Nova Pádua

⁶ Comitê Católico Santa Teresa e Círculo Católico da juventude católica de Caxias.

A religiosidade é marca da cultura de Nova Pádua porque foi “um celeiro de vocações religiosas”,⁷ (ROSSI, 1984, p. 5). Contudo, no início da colonização, por vários anos, a comunidade ficou privada de padres. Essa falta foi suprida temporariamente em 1897 devido ao incidente político ocorrido entre o pároco de Caxias, D. Pietro Nosadini e o Intendente Campos Júnior. O padre precisou refugiar-se em NP e, conforme Adami (1962, p. 84-97), lá permaneceu por alguns meses. Para defendê-lo, os paduenses, armados, faziam vigília à noite. Esse comportamento causou a indisposição do Intendente Campos e lhes rendeu a acusação de anarquistas. Em defesa da comunidade, o renomado comerciante Vitório Mantovani fez uso de seu prestígio e remeteu um ofício esclarecedor ao Intendente de Caxias do Sul.

De acordo com Manfrói (1975, p. 181-182), um padre possuía tanto prestígio que o sacerdote tornava-se autoridade religiosa e civil. Seu poder estendia-se à economia, política, educação e sua presença indicava prosperidade. Em NP, em 1897, o padre D. Giulio Scardovelli assumiu a paróquia e promoveu o progresso, tanto econômico como espiritual, tão rápido que o bispo da diocese registrou: “*non vi esiste, al dire stesso dei Vescovi diocesani, un'altra chiesa in tutta la colonia che abbia si abbondante e preziosi arredi sacri come quella di N. Padova*”⁸ (BAREA, 1925, p. 73). Os padres catequizavam e eram as referências de conduta para a comunidade. Os que se seguiram ao primeiro deixaram marcas de generosidade, entusiasmo, rigor, moralismo, conforme lembra uma das entrevistadas (E.07, 77a). Contudo, o tempo passava, e a comunidade continuava pobre, isolada, sem instrução e falando o dialeto italiano. Em torno de 1968, um padre participou ativamente da mudança econômica e da campanha em favor do uso da língua portuguesa. O padre, ao assumir a paróquia, encontrou a comunidade superpopulosa, ignorante e tão pobre que, segundo uma

⁷ “Nova Pádua, um povoado humilde cristão, celeiro de vocações religiosas, deu origem a cinco bispos, dezenas de padres, inúmeros religiosos e religiosas, muitos professores, ...”

⁸ Não existe, na opinião dos bispos diocesanos, outra igreja, em toda a colônia, que tenha abundantes e preciosos equipamentos sacros como aquela de Nova Pádua. (Tradução nossa)

ex-professora de NP (E.05, 56a), os alunos escreviam em papel de embrulho porque não podiam comprar um caderno. Ele engajou-se em campanha para instalar o Ensino Fundamental, promovida por líderes comunitários, estimulando os moradores a investir em educação. Nessa época, a escolaridade não atingia a 5ª série nos Travessões e no núcleo urbano não passava dessa série. O padre disseminava a idéia de que a educação traria bem-estar, conforto e seria a melhor herança que os pais podiam dar aos filhos, dizia uma ex-diretora (E.08).

Entretanto, no final da década de 60, a eletrificação rural chegou em NP, e a liderança da Igreja passou a concorrer com os meios de comunicação e com a força do poder econômico. Hoje, os mais velhos queixam-se da falta de solidariedade entre as pessoas, do individualismo e da pouca fé, além da pouca oração dos jovens: “Eu vejo, pelos meus sobrinhos, netos, que eles põem dúvida em certas coisas”, lamenta um entrevistado (E.08, 84a). Os jovens, por sua vez, têm um comportamento bastante urbanizado e sua espiritualidade parece caracterizar-se pela leveza do ser, quer-se dizer, com bem menos culpas do que seus antepassados.

2.4.4 Aspectos socioculturais da Colônia Caxias

O sistema social organizado em pequenas comunidades pela Igreja Católica, no início da imigração, foi semelhante em toda a RCI. Em cada Légua, foi constituída uma paróquia, subdivida em capelas construídas no centro do Travessão, onde se desenrolava quase toda a vida social da comunidade e “no decorrer dos anos, capela passou a significar o conjunto dos habitantes que freqüentavam a mesma igreja: a comunidade ou a sociedade da capela” (MANFRÓI, 1975, p. 189). O templo servia (e ainda serve) aos cultos: missa, terço dominical, novenas, velórios, etc. Ao lado, estão o salão de festas, a cancha de bochas e a

escola. O salão sempre serviu para encontros sociais da comunidade, como jogos de bochas, de cartas e de *mora* (jogo da cultura ítalo-brasileira).

Hoje, o salão de festas serve para encontros de clubes de mães, para banquetes das festas anuais em honra ao santo padroeiro, para eventuais banquetes de casamento de um membro da capela, e também é quadra de esportes. Os chamados “friqueiros” são comunitários de uma Capela eleitos temporariamente para administrar o patrimônio comum da Capela. Eles são responsáveis pela copa (bar), pelo caixa, por realizar promoções de lazer como jogos ou bailes e auxiliam os festeiros a organizar as festas do santo padroeiro.

No início da colonização, a vida em família incluía muita reza, principalmente à noite. As crianças rezavam antes do jantar e após rezava-se o terço. Frequentemente, reuniam-se à noite para fazer novenas, que normalmente terminavam em *filós*.⁹ Nesses encontros, conversavam, cantavam, jogavam cartas e *mora*. As crianças brincavam no sótão ou no pátio e a família anfitriã oferecia petiscos como amendoins, pipocas, etc. e pode-se dizer que um *filò* era sempre uma alegre festa. Constituída sob o sistema patriarcal, a família geralmente era numerosa. De acordo com Azevedo (1994, p. 77), o sistema de trabalho era de conjunto, isto é, todos os membros da família trabalhavam com a finalidade de constituir um patrimônio para dividir entre os filhos (homens). A mulher receberia sua parte pela herança do marido. Se não casasse, permanecia na casa do pai, enquanto ele vivesse. Com a morte do pai, ficaria com o irmão que recebia o lote e trabalhava para ele. Assistência médica quase não havia, e os colonos mais afastados do núcleo da colônia ficavam desamparados. Os partos eram realizados por parteiras. As doenças simples eram curadas com ervas conhecidas dos colonos ou eram atendidos por curandeiros: “Na sede há três médicos cirurgiões. [...] Seguidamente o pobre colono, por falta de recursos, morre sem assistência médica”(ANCARINI, 1983, p. 30). A escola era menos importante que o trabalho, nos primeiros tempos, e esse modo de pensar

⁹ Encontro entre famílias ou amigos, na casa de um ou de outro, à noite.

traduzia-se em nível baixo de escolaridade para os primeiros imigrantes; porém, logo mudaram seus conceitos e passaram a exigir escolas para os filhos.

Às vezes mentem, trazendo listas com idades aumentadas das crianças e mostrando à inspetora meninos de outros lugares, de modo a completarem o número mínimo de 25 candidatos, até há pouco exigido para a abertura de uma escola. [...] Dão muita importância à aprendizagem. Dizendo *basta noi altri essere stupidi*".¹⁰ (Troian. Apud AZEVEDO. 1994, p. 83-84).

Hoje, Caxias do Sul é um grande parque industrial, e o desenvolvimento econômico propiciou melhoria na assistência médica e o aumento do nível de instrução.

2.4.4.1 Aspectos socioculturais de Nova Pádua

Por ter-se assentado em terreno desabitado, a comunidade de Nova Pádua manteve a homogeneidade étnica, que favoreceu a homogeneidade religiosa, lingüística e cultural.

Pelo isolamento social e econômico, a insegurança acompanhou o desenvolvimento desse elemento humano. No início, havia o medo dos animais selvagens e o desamparo administrativo. Os padres da igreja católica, que confortavam os colonos, estavam ausentes, porém a igreja tornou-se quase onipresente depois. A pobreza era a regra. Segundo relatos orais de um nativo (E.03, 77a), famílias de imigrantes teriam habitado, por certo tempo, dentro de uma árvore oca, pois as tábuas para construir a casa deviam ser serradas manualmente e isso levava tempo. Para se protegerem das feras, faziam fogo e vigília à noite.¹

¹ Leões e tigres possivelmente não havia, mas havia outros animais e o medo. A alimentação consistia basicamente em polenta com salame e na pouco apreciada sopa de feijão. Aos domingos havia sopa de galinha e a carne a *lesso*.¹² Frequentemente mais de uma família morava na mesma casa, como quando um filho casava e ficava morando com a esposa e os

¹⁰ Basta nós sermos ignorantes. (Tradução nossa).

¹¹ *Me contea el nonno [...]. De notte quando che rivea el leon e a tigre i fea una foghera... in torno e case ghe g'era el leon e a tigre. I stea drio una pianta e i se quercea su co'e canele*", (E.3. 77 anos). O nonno contava que, à noite, chegavam o leão e o tigre, e os imigrantes faziam uma fogueira. Ao redor das casas havia leão e tigre. Então, eles ficavam atrás de uma planta e se cobriam com bambus. (Tradução nossa).

¹² Carne cozida na fervura.

próprios filhos, junto com os pais e os irmãos, por certo tempo. Muitas crianças morriam, por doenças ou desnutrição, pois “não tinha o leite Ninho”, lamentava-se um entrevistado que perdera dois filhos infantes (E.02, 82 a). Nos primeiros tempos, deslocavam-se a pé até poderem comprar mulas ou cavalos. Não havia energia elétrica, e a iluminação era feita com lampiões a querosene. Somente em meados do século XX pequenas usinas hidroelétricas foram construídas em alguns Travessões. Se as chuvas fossem regulares, havia iluminação elétrica nas casas, mas a energia era insuficiente para eletrodomésticos. Os colonos vestiam-se mal, a roupa para a missa, a domingueira, era usada por vários anos. O sapato era um bem de consumo praticamente inacessível, “se ‘*ndea a messa a pié, con le sinele in man, massimamente se gh’era baro. Con le sinele in man*’”,¹³ lembra um nativo (E.06, 84a).

Entretanto, pobreza não significava tristeza, pois se divertiam com jogos, *filòs*, cantos, festas e caça. Os *filòs* eram quase diários, recordava nostálgico um entrevistado (E.03, 77a) até a chegada da televisão. Nas entressafras dos trabalhos, antes e depois da colheita da uva, pescarias e caçadas eram freqüentes. A caça e a pesca resultavam em *filòs* festivos. Pescavam nos rios das Antas e Curuzu, onde permaneciam acampados por alguns dias em grupos de amigos ou com a família. Na Semana Santa, a caça era proibida, pois o ruído do estampido das espingardas significava desrespeito à Paixão e Morte de Cristo. O toque dos sinos que anunciava a Páscoa liberava os caçadores.¹⁴

Os sinos, a música e o canto fazem parte da cultura paduense. Segundo Galioto (1992), todos os sinos possuem nome. Para a missa, tocam-se alguns deles. Para a Ave-Maria,

¹³ Nós íamos para a missa a pé, com o chinelo na mão, principalmente se tivesse barro. Com o chinelo na mão. (Tradução nossa).

¹⁴ “... *Massimamente se l’era a Settimana Santa. Quando che l’era il Sabo Sant [...]. Allora te stea atenti quando che i sonava il Gloria. La messa la dicea alle dieze. Allora se sentia e campane sonar... allora, via com el scioop.*” (risos). Principalmente, se fosse na Semana Santa. Quando chegava o Sábado Santo, [...]. Então, você ficava atento quando tocavam o sino do Glória. A missa era rezada às dez horas. Então, ouvia-se o sino tocar e saía-se com a espingarda. (Tradução nossa).

tocava-se sempre o mesmo. Para as grandes solenidades, tocam-se todos. Para um funeral, somente o *Campanon* (maior e mais sonoro). “Deve-se compreender os sinos”, sentencia um nativo de 82 anos, pois eles não servem apenas para fazer barulho, mas para chamar o cristão à igreja. O canto também faz parte da cultura dos imigrantes paduenses. Pode ter sido para festejar a conquista da terra, para romper o silêncio da mata ou para fazer companhia, o fato é que cantavam muito, nas casas, nas festas religiosas, em eventos quaisquer, em todo lugar: “*sti anni, se ‘ndea due o tre volte a settimana se ‘ndea a filò cantar. Quando che se ‘ndea a scola, se ghea coraio de ‘ndar casa cantando*”,¹⁵ lembrava um entrevistado (E.06, 84a). A música é outra característica de NP. A Banda Santa Cecília foi fundada em 1913 e sempre foi apoiada pela Igreja. É presença obrigatória nas festas religiosas da igreja matriz, na Feprocol¹⁶ e nas festividades cívicas. Contudo, música não significava dança. Bailes e qualquer tipo de dança eram proibidos até, pelo menos, a metade do século XX. Depois desse período, não houve qualquer restrição à dança.

Antigamente, aos domingos à tarde, todas as famílias reuniam-se na Capela para participar dos jogos e da reza do terço. Hoje, a reza do terço aos domingos na Capela é uma prática quase esquecida. Em contrapartida, aos sábados à noite, reúnem-se para fazer churrascos. Depois da metade do século XX, uma nova atividade de lazer foi introduzida na comunidade: o jogo de futebol. Em todas as capelas, foram construídos campos de futebol e, aos domingos, jogavam amistosos ou torneios. Depois, passou-se a organizar campeonatos municipais. Hoje, os adultos ainda jogam cartas de baralho e bochas, e o direito a esse último foi estendido às mulheres, fato impossível no passado. O jogo da *mora*, o jogo que exige destreza nas mãos e rapidez de raciocínio matemático, está praticamente esquecido. Em várias

¹⁵ Anos atrás, íamos duas ou três vezes por semana ao *filò* para cantar. ... Quando íamos à escola, tínhamos coragem de ir para casa cantando. (Tradução nossa. As reticências indicam a interrupção feita pelo entrevistado. Ter “coragem”, nota 15, está no sentido de fazer algo por prazer.)

¹⁶ Feira de Produtos Coloniais, promovida pela prefeitura local. Paralelamente ao concurso para escolha da rainha e princesas da festa, é realizado o concurso “*Mamma Mia*,” em que três mães idosas são eleitas co-rainha e co-princesas da festa. Juntamente com a rainha e princesas, representam NP e divulgam a festa.

capelas, os salões de festas são também quadra de esportes e à noite jovens realizam jogos de futebol de salão, mesmo durante a semana. Os jogos de futebol de campo diminuíram sensivelmente, mas muitos jovens já navegam na Internet. Aos domingos, em datas predeterminadas, as mulheres reúnem-se nas Capelas para realizar reuniões do Clube de Mães. Contudo, há pouca opção de lazer para as moças, que, nos fins de semana, ou saem para dançar nas danceterias das cidades ou ficam em casa ajudando as mães a receber parentes que vêm das cidades. As festas anuais em honra ao santo padroeiro ainda perduram e, para que uma festa seja realizada, todos (ou quase todos) os membros da Capela, inclusive os velhos, envolvem-se no trabalho comunitário, gratuitamente.

2.4.5 A língua na RCI

De acordo com Frosi e Mioranza (1975), os imigrantes na RCI falavam os dialetos de sua província de origem. Uma vez que, na região colonial, colonos de origens diferentes foram instalados conforme a ordem de chegada, formaram-se comunidades étnico-lingüísticas mistas. Por força da interação, ocorreu o cruzamento e a interinfluência dos dialetos resultando num dialeto comum com o predomínio de um dialeto sobre o outro. Por exemplo, se numa comunidade o maior número de falantes fosse de dialeto vêneta, a língua comum resultante teria características predominantemente vênetas.

Na sede da colônia, por ser caracteristicamente urbana e haver a administração, as línguas cruzaram-se também com a portuguesa. Com os desenvolvimentos social e econômico da colônia italiana, houve grande evolução lingüística, que ocorreu principalmente pelas necessidades agroeconômicas e de subsistência que obrigavam a contatos interdialetais dos agricultores com a indústria (funilarias, ferrarias, comércio, etc.) dos centros das colônias.

Além dos contatos comerciais, já na primeira geração, havia o intercâmbio social das próprias localidades e casamentos entre falantes de diferentes dialetos. Posteriormente, o progresso sociopolítico e econômico e o comércio, que levou os produtos a toda a região e para fora dela, favoreceram novos contatos, mobilidade social e o êxodo rural. Todos esses fatores propiciaram as interinfluências lingüísticas que, por sua vez, originaram supradialetos regionais em áreas do Nordeste do Rio Grande do Sul. Quer dizer, a partir da influência dos dialetos entre si, formaram-se dialetos com a predominância de características de um sobre o outro. Essa predominância é causada pela maior representatividade numérica de falantes de um dialeto ou pode ocorrer pela maior coesão do grupo numérico inferior ou por maior presença de falantes de um dialeto na indústria e no comércio ou por maior presença cultural de um grupo étnico determinado. Enfim, “o dialeto que vingou não foi um dialeto puro, mas uma soma de características ou supradialeto, uma *koiné*” (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 67), que, equivocadamente, é conhecida por dialeto vêneto.

Em 1937, a fala dialetal italiana foi proibida, pois o governo brasileiro iniciou a campanha de “brasilianização” nas áreas coloniais. No RS, com o objetivo de integrar os colonos à comunidade brasileira, foram implantadas escolas na zona colonial. Os estabelecimentos privados foram nacionalizados, e as que não aceitaram a “Brasilianização” foram fechadas. Segundo Pesavento (1992, p. 191-192), nessa campanha, foi dada ênfase ao ensino obrigatório de português, de História e Geografia do Brasil e de Educação Cívica. O uso de línguas estrangeiras foi proibido nas escolas, nos serviços públicos e militares e até nas tumbas e lápides. Os resultados logo apareceram. Nos centros urbanos da RCI, já em meados do século XX, as comunidades apresentavam-se bilíngües com tendência ao monolíngüismo em língua portuguesa: “Muita gente, sobretudo os mais velhos, ainda falam o italiano (em casa). Os moços, em geral, entendem mas poucas vezes falam” (AZEVEDO (1994, p. 63).

Um estudo de Frosi e Mioranza (1983, p. 511) realizou um mapeamento da realidade lingüística de dezenas de municípios na RCI. A investigação constatou que, nos centros urbanos maiores da RCI, a fala dialetal já havia cedido lugar à língua portuguesa, apontando para uma substituição do sistema lingüístico italiano pela língua portuguesa. Segundo os autores, isso ocorreria devido à reorganização interna do imigrante na nova pátria em função de uma integração total.

2.4.5.1 A Instrução, a língua e o estigma em Nova Pádua

Em NP, no ano de 1900, já havia uma escola estadual, porém só tinha capacidade para atender, aproximadamente, a 50 alunos, registrou Antunes (1950, p. 100). Pela pouca capacidade da escola, muitos imigrantes nunca se alfabetizaram. Sabe-se, através de fontes orais, que o primeiro professor de NP, Carlos Mantovani, viera da Itália já instruído e com o objetivo de exercer a profissão no Brasil. Ele ensinava pela manhã em NP, à tarde, em Nova Roma de Flores da Cunha e, à noite, em casa na *Scuola Serale*¹⁷. Nos Travessões, não teria havido qualquer escola, como no Travessão Mützel, onde somente em 1913 foi enviado o professor Luiz Gelain. Em 1924, Gelain foi nomeado pelo Município de Flores da Cunha para ensinar no Travessão Bonito e, segundo relatos (E.12) teria ensinado também no Travessão Paredes, na *Scuola Serale*.

O baixo nível de instrução perdurou por longo tempo. O Grupo Escolar, para instrução primária, foi instituído em 1937 pelo Decreto 6.618 e, nos Travessões, as escolas eram multi-seriadas. Um entrevistado (E.04) lamentava que, em Nova Pádua, depois da metade do século, a instrução ainda atingisse nível tão baixo: “Eu tenho 57 anos [...] eu aos 15, 16 anos saí de NP porque naquela época a gente tinha dificuldade de progredir ou continuar nos estudos. [...]

¹⁷ Escola Noturna.

o povo de NP procurava a educação”. Somente em 1972, com o decreto 21.603 foi instituída a Escola de Ensino Fundamental; o Ensino Médio só foi implantado em 2001.

Hoje, a escola é acessível a toda a comunidade. O ensino está centralizado no núcleo urbano da NP, e o ensino multisseriado dos Travessões foi eliminado. Alunos do Ensino Fundamental têm transporte escolar gratuito, e estudantes de NP, do Ensino Médio e de Faculdades, recebem abono para o transporte. Além disso, os estudantes de licenciaturas também recebem auxílio para pagar a Faculdade.

Em Nova Pádua, também, deve ter ocorrido mescla e a interinfluência lingüísticas. Primeiramente, os imigrantes de diferentes origens, falavam diferentes dialetos, que, ao final, resultou na *Coiné veneta*. Mais tarde, a campanha de “*Brasilianização*” obrigou o uso da língua portuguesa nas escolas, e a variedade de fala local de língua portuguesa seria o resultado do contato entre as duas primeiras. É possível que as primeiras aulas tenham sido ministradas em italiano, pois o professor Mantovani viera junto com a imigração. Porém, segundo relatos, já no início do século XX, os professores Bigarella e Gelain já utilizavam a língua portuguesa nas escolas. Possivelmente, ocorreu um período de bilingüismo nas escolas. Mesmo assim, nenhuma escola foi fechada em NP por ocasião da campanha de “*Brasilianização*”. Certamente, no início da colonização, poucos imigrantes ou seus filhos obtiveram o domínio da língua portuguesa. O discurso de Gelain (Anexo B) mostra que, em situações formais, o sistema lingüístico utilizado era uma variedade de língua culta, que podia ser o italiano oficial da Itália unificada. A língua italiana era usada também na escrita, pelo menos até o final da década de 30 (Anexo C).

O monolingüismo em dialeto italiano ultrapassou a metade do século XX em muitas famílias, e a transposição dos valores de uma língua para outra pode ter sido difícil para algumas pessoas. A passagem para o bilingüismo italiano-português deixou marcas nos paduenses: “como pessoa, eu acho que o fato que sempre me marcou e que nunca vou

esquecer foi aquele de não saber que as pessoas falavam outra língua”, lembrava uma entrevistada (E.11). Uma ex-professora do interior de NP (E.12) contou-nos que, na década de 60, o conteúdo das séries iniciais devia ser explicado em dialeto italiano porque as crianças não entendiam a língua portuguesa. Reafirmando as dificuldades da colega, outra ex-professora (E.10) argumentava que o desconhecimento da língua portuguesa e o uso sistemático do dialeto italiano tornavam a alfabetização difícil e favoreciam a repetência na primeira série.

Esses fatores podem ter sido a causa para que se iniciasse a campanha em favor do uso oral da língua portuguesa também entre familiares. Essa campanha foi liderada pela recém-instituída Escola de Ensino Fundamental e apoiada pela Igreja local, no final da década de 60 e início da de 70.

A campanha em favor do uso oral da língua portuguesa utilizava muitos recursos para convencer a comunidade. Nas reuniões do Círculo de Pais e Mestres, os professores insistiam com os pais dos alunos para que adotassem o português também em casa; os professores “corrigiam” insistentemente a fala e a escrita do português com mescla de italiano na escola; castigos eram aplicados aos alunos que falavam em dialeto italiano. Entre outras tarefas, o aluno que fosse ouvido falando em DI deveria escrever cem vezes, durante o recreio: “Devo falar português”; a criança que falava em dialeto italiano devia carregar uma pedra que a professora lhe dava, marcando-a, até que outro também falasse em dialeto italiano, assim livrava-se da pedra porque a passava ao segundo, esse a um terceiro e assim sucessivamente; os alunos deviam fazer cartazes com a frase: “Sou brasileiro, devo falar português” e expô-los dentro de casa ou no salão de festas da comunidade. Para reforçar, o padre insistia em atender as confissões falando somente em língua portuguesa.

Atualmente, movimentos buscam resgatar, através de programas de rádio, teatros e outras promoções, a identidade lingüística italiana quase perdida. A comunidade também

trabalha em função de resgatar o prestígio das origens. O dialeto italiano é prestigiado, e a mescla das línguas portuguesa e italiana parece ser mais tolerada. Contudo, houve um tempo em que falar o dialeto italiano ou utilizar a língua portuguesa com marcas do dialeto italiano era motivo de constrangimentos. Por ocasião do primeiro Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros na Universidade de Caxias do Sul, Bunse (1979, p. 106), durante os debates, recomendou aos falantes desse dialeto para que não sentissem “vergonha” em utilizá-lo. Uma vergonha advinda de um comportamento social que correlaciona a fala dialetal italiana a um “colono” que, segundo Frosi (1987, p. 234), remete a lavrador da terra, ignorante, grosseiro e de condições sociais, culturais e econômicas inferiores.

Mesmo que o dialeto italiano seja evitado nas interações com falantes estranhos, o contato entre as línguas favorece a mescla lingüística, e a presença de elementos da variedade dialetal italiana na língua portuguesa é quase inevitável. Realizações fonéticas com interferência lingüística podem sofrer juízos de valor negativos, diminuindo o prestígio da variedade e de seu usuário, além de favorecer o aparecimento de estigma lingüístico.

Em NP, houve um tempo em que os jovens negavam-se a falar em público, na escola ou na igreja, “porque tinham medo de errar, de falar errado” e os colegas faziam “brincadeiras”, recordava uma ex-diretora (E.05). Para uma ex-professora, os alunos que vinham de mais longe tinham mais dificuldade, então eram “gozados”, eram “chamados de nome”, por isso esses alunos sentiam-se envergonhados e ficavam sem falar. Hoje, a escola preocupa-se com a perda da identidade lingüística da comunidade e busca corrigir as atitudes lingüísticas negativas em relação ao dialeto italiano ou à interferência lingüística. Porém, ainda existem alunos que “sentem vergonha de falar o dialeto na escola”, pois quando produzem a mescla lingüística percebem que são ironizados pelos colegas.

3 Fundamentação teórica

3.1 O objeto da sociolingüística

A sociolinguística estuda a língua como fenômeno social e cultural. Estudos sociolinguísticos têm demonstrado a estreita relação entre as mudanças linguísticas e os valores atribuídos à linguagem. Os estudos de Labov (1976), por exemplo, mostraram que as pessoas atribuem prestígio à variedade de fala em que o segmento fonético /r/ em final de palavra como em *car* é pronunciado e estigmatizam a forma linguística sem a pronúncia do /r/. Além disso, atribuem *status* social mais elevado aos falantes da primeira forma de fala. Fishman (1974, p. 25) entende que o homem está sempre usando a língua e ao mesmo tempo está vinculado aos demais através de normas e comportamentos comuns. Por isso, é função da sociologia da linguagem examinar o uso da língua e a organização social do comportamento humano. As atitudes em relação às línguas, de acordo com Preston (2002, p. 40), parecem estar conectadas a atitudes em relação a grupos de pessoas; isso quer dizer: no julgamento das línguas, há uma correlação entre os atributos de um grupo linguístico e suas línguas ou variedades. Por exemplo, se acreditamos que um grupo é *tranquilo, romântico, imprudente*, etc., atribuímos essas características à língua ou à variedade linguística utilizada pelo grupo; se pensarmos que um grupo é *insensível, antipático e desinteressado*, o mesmo pensamos de sua língua ou variedade linguística e assim por diante. Portanto, o comportamento linguístico e o comportamento social parecem estar intimamente relacionados.

3.2 Comunidade Social, Comunidade Linguística e Comunidade de Prática

Uma sociedade pode formar-se por diferentes grupos sociais, organizados em comunidades étnicas, como ocorre no Brasil. De acordo com Berruto (1987, p. 19-20), Comunidade Social é um conjunto de indivíduos que têm em comum determinada cultura e sentem-se ligados entre si por uma certa organização sociocultural e, ao mesmo tempo, reconhecem-se como não co-participantes das culturas de outros grupos. Os motivos pelos

quais as comunidades divergem de outras comunidades podem ser étnicos, políticos ou as diferenças podem estar em algum aspecto cultural como na educação, nos costumes, na economia, na língua, etc. Se a diferença é lingüística, os grupos étnico-sociais formam uma comunidade lingüística.

Comunidade Lingüística, segundo Fishman (1975, p. 84-85), é “aquela comunidade na qual todos os membros possuem em comum pelo menos uma variedade de língua e normas para uso apropriado dessa.” Além das normas comuns, pode-se acrescentar que o uso comum de uma variedade lingüística traduz um sentimento de afinidade entre os falantes, algo compartilhado. De Heredia (1989, p. 179) faz referência a normas e papéis para o uso das línguas e defende que há uma comunidade lingüística quando

seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência (nação, região, minoria).

Segundo a autora, as normas para uso de uma variedade são lingüísticas e sociais. As normas lingüísticas indicam que os signos verbais e as regras determinam as situações, formal ou coloquial, de uso da língua. As normas sociais determinam a variedade a ser usada como falar somente a língua de origem com a família e utilizar somente a língua nacional na escola. É importante perceber que as diferenças dessas normas tornam-se significativas nas diferentes comunidades lingüísticas, pois refletem aspectos das culturas, diz a autora.

Segundo Meyerhoff (2002, p. 527-528), Comunidade de Prática é “um agregado de pessoas que estão juntas em torno de um compromisso mútuo”. Entretanto, alerta aos sociolingüistas para que, em suas análises, utilizem com cuidado as noções de Comunidade de Prática (CofP) e para que se assegurem de não constituir uma onde ela não existe. Para se reconhecer como CofP, há três critérios fundamentais que são, assim, enumerados por Wenger (1998, apud MEYERHOFF, 2002, 527-528): a) deve haver compromisso mútuo dos sócios, podendo ser harmonioso ou conflituoso, assim, não é necessariamente um grupo de

amigos ou aliados. Por exemplo, uma CofP harmoniosa pode ser um grupo de chefes de departamento que se encontram regularmente para discutir o reduzido orçamento da empresa e os destinos dos fundos da organização; b) os membros devem compartilhar a negociação ou o empreendimento, o que ocorre numa circunstância como esta: os membros reúnem-se com algum propósito, e esse propósito se define na perseguição dele. Assim, a busca do empreendimento cria relacionamentos mútuos entre os participantes; c) a CofP caracteriza-se pelos repertórios compartilhados entre os membros e, esses recursos (lingüísticos ou outros) são resultados cumulativos de negociações internas.

Neste estudo, entende-se como Comunidade de Prática os membros de uma capela reunindo-se para organizar e realizar, por exemplo, uma festa do santo padroeiro; um jantar beneficente para o Clube de Mães, atividades de lazer como jogos de futebol, bailes, etc. Esses empreendimentos exigem empenho, negociações, partilha de linguagem e informações.

3.3 Conceito de cultura

Quase todo ensinamento é transmitido através da linguagem, e a cultura é transmitida pela sociedade, principalmente, pela linguagem, dizem os estudiosos.

O conceito de cultura é complexo. Segundo Geertz (1989), em algum momento da história, uma mudança tornou o homem capaz de transmitir cultura. Na concepção do autor, a cultura deve ser apreendida como uma ciência interpretativa à procura do significado. As palavras, os gestos, os desenhos, a música, as jóias, os artificios mecânicos como relógios, etc., são símbolos que dão significado à experiência do indivíduo, que ao nascer já os encontra em uso na comunidade. Além disso, eles permanecem em circulação após a sua morte. As idéias, os valores, atos, emoções são produtos culturais. Assim como as ferramentas, a caça, a organização familiar, a religião, a arte e a ciência, que moldaram o

homem somaticamente, e são necessárias tanto à sua sobrevivência como à sua realização existencial. Dessa forma, Geertz (1989, p. 66) concebe a cultura como “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressos em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.

Esse conceito entra em harmonia com Lyons (1987, p. 274), quando afirma que cultura é “todo conhecimento adquirido socialmente, isto é, todo o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade,” e uma vez que um membro está inserido na sociedade, ele constrói seu modo de ser e fazer conforme lhes é ensinado.

Entretanto, a cultura evolui e, conforme afirma Lahire (2002, p. 175), “a cultura nunca é ‘transmitida’ de modo idêntico, mas deforma-se em função das condições de sua transmissão e da relação social que se instaura entre o que já ‘sabe’ e o que não sabe”. Dessa forma, é reconstruída, mas, mesmo assim, reproduz os modos de ser e fazer dos antepassados.

Isso posto, entendemos que a cultura está inserida de tal forma no elemento humano que parece inerente a ele. É mediada pela linguagem e se reproduz nas entranhas do grupo social. A cada movimento do grupo social, o espaço físico, possivelmente, muda assim como as condições de transmissão apontadas por Lahire. Pela mudança das condições, a cultura de um grupo pode mudar, e o grupo apresentar uma identidade sensivelmente distinta do instante¹⁸ anterior.

3.4 A língua como identidade de grupo

¹⁸ Instante – deve ser compreendido como momento histórico de um grupo social. Uma fase que pode compreender anos ou séculos.

Identidade pressupõe alteridade, isto é, a existência do *outro* diferente do *eu*. No que se refere às línguas ou às variedades lingüísticas, o próprio código ou a variedade parece refletir características do grupo social falante. Appel (1996, p. 24) afirma que, no caso de grupos, que um se distingue de outro através de sua própria língua. As normas e os valores culturais dessa comunidade são transmitidos pela linguagem. Os sentimentos do grupo enfatizam-se mediante o uso da própria língua, e os indivíduos que não pertencem a ele ficam excluídos de suas transações internas. Grosjean (1982, p. 117) afirma que, além de ser um instrumento de comunicação, a língua é também um símbolo de identidade social e de grupo, um emblema de associação e de solidariedade. Por isso, certas regularidades e normas podem ser vistas como comportamento comunicativo a refletir os significados sociais que balizam a escolha de estratégias comportamentais que o agente faz em determinadas situações. Para Blom e Gumperz (2002, p. 80-84), a fala nativa do indivíduo é considerada parte integral de sua história familiar, um sinal de sua identidade local. Seus estudos, em *Hemnesberget*, Noruega, mostraram que a língua padrão não é associada à identidade, mas à educação e ao poder no cenário nacional. Os moradores nativos demonstram preferência pelo dialeto, mas utilizam a língua padrão em situações oficiais, quando ela expressa conhecimento técnico ou para serem polidos em relação a estranhos que sejam perceptivelmente alheios a sua vida pessoal. Além disso, se um indivíduo tem competência na variedade lingüística local, mas se recusa em falá-la e prefere a língua padrão, pode ter sua atitude interpretada como falta de respeito com o dialeto, uma expressão de distância social, desprezo pelo “time local”¹⁹ e seu espírito comunitário.

Ainda, com relação à identidade lingüística, Garvin e Mathiot (1974, p. 119-130), observaram, no Paraguai, como a língua espanhola é respeitada por ser a língua oficial e a consideram boa e necessária, mas a língua guarani é considerada a língua materna dos paraguaios e os identifica de tal forma que os torna uma “nação distinta”. Esse

¹⁹ Nativos.

comportamento faz com que os falantes de guarani sejam vistos como “camaradas paraguaios”, enquanto os que falam apenas o espanhol são chamados *gringos*.

A *Anamnèsia* russa, esquecer o esquecimento, é um exemplo de identidade lingüística que merece ser descrito. Segundo Sèriot (1999, p. 23-36), rupturas bruscas de língua ou de memória repercutem negativamente em um povo. Essa afirmação está baseada na história recente da Rússia quando, na Revolução Bolcheviche de 1917, decidiu-se apagar a memória Tzarista, pois era vista como a “prisão dos povos”. A fim de apagar a memória, foram destruídos sobrenomes, nomes de lugares, de praças e de ruas. Contudo, tal objetivo não foi atingido porque ainda havia a língua que constituía um vínculo entre as gerações e garantia a memória e a identidade do povo. Esse vínculo impedia o apagamento do passado. Foi decidido, então, adotar uma nova língua “o esperanto” para construir uma nova cultura a partir da “tábula rasa”, isto é, para que o apagamento se concretizasse, construiriam uma identidade coletiva partindo do zero. Novamente ocorreu o insucesso, pois a ruptura muito brusca com a língua do passado tornou difícil a construção de uma nova identidade a partir do nada. Com o advento da Perestroika, os russos foram incentivados à *Anamnèsia*, que quer dizer esquecer o esquecimento. Agora deveriam lembrar do passado para dar sentido ao presente. Assim, reabilitaram os nomes e reimprimiram obras para reescrever a memória perdida, e a lição de que a língua é a expressão da alma de um povo foi aprendida. A língua é o espírito e o reflexo do passado e do presente, que liga gerações passadas, presentes a um todo histórico grande e vivo.

Nesse cenário entende-se que a identidade é construída a partir da história do grupo social e nem sempre a língua oficial de um país identifica lingüisticamente toda a sua sociedade. Existe a possibilidade de uma comunidade lingüística minoritária, como um grupo etnolingüístico, perceber, na sua língua minoritária, a própria identidade e, intragrupo, a própria língua ou dialeto pode possuir valor maior do que a língua da sociedade maior.

3.5 Língua padrão, língua *standard*, variedades lingüísticas e dialetos

A língua escrita, em oposição à língua falada, possui menor variação. A linguagem oral, no entanto, a variação lingüística pode ser importante. Dependendo da situação, formal ou informal, o indivíduo pode optar entre a língua padrão, a oficial, ou uma variedade social, étnica, regional, popular, etc.

A língua padrão é altamente codificada, é considerada a língua oficial de uma nação. Para Bourdieu (1996, p. 31-32) é a língua “legítima”, “obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, instituições políticas, etc.)” Essa língua do Estado torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas lingüísticas são objetivamente medidas. É produzida por gramáticos e professores que têm autoridade para codificá-la e determinar as normas de uso. Pela condição de língua padrão e oficial, é elevada ao *status* de língua de prestígio e torna-se modelo para o uso lingüístico numa sociedade, o qual geralmente é assimilado como a língua correta, diz o autor.

Mais importante do que apreender a língua padrão como modelo a ser seguido, variedade lingüística normatizada ou ideal lingüístico de uma comunidade,

‘na linguagem é importante o pólo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem línguas como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo,’ afirma Coseriu (apud Cunha e Cintra. 1985, p. 7).

A língua portuguesa *standard*, neste estudo, é vista também como língua culta, uma forma de fala uniforme da língua portuguesa, que pode ser encontrada em veículos de comunicação como televisão e rádio em programas de nível informativo. É a forma de fala

utilizada pelo grupo majoritário, que detém os poderes político, cultural e econômico no Brasil. Esse sistema lingüístico geralmente é considerado puro, no sentido atribuído por Weinreich (1974, p. 149), isto é, um sistema de fala em que há resistência à interferência lingüística.

Variedades lingüísticas são aquelas que possuem marcadores sociais e/ou regionais. As variedades sociais manifestam-se de acordo com os diferentes estratos sociais, enquanto as variedades regionais são observadas levando-se em conta os limites físico-geográficos. Dentro dessas fronteiras, sociais ou geográficas, o uso de uma língua pode fazer surgirem variedades lingüísticas que se formam a partir da absorção ou da eliminação de elementos lingüísticos do sistema. Nesta pesquisa, variedade de fala foi apreendida de acordo com a definição de Heye (1986, p. 206) como “a variedade social’ (socioleto) que se refere “àquelas convenções de fala de grupos que estão geralmente sujeitos a avaliações em termos de prestígio por outros grupos sociais. [...] freqüentemente são marcadas por uma relação assimétrica, sócio-politicamente [sic] motivada, com outras variedades lingüísticas.” Os dialetos, ainda conforme o autor, são variedades regionais que “se desenvolvem historicamente em áreas geográficas distintas. Sua função mais importante está na comunicação oral, i.é, [sic] não são rigidamente codificadas no sentido normativo como o são as variedades padrão.”

Na comunidade lingüística de Nova Pádua, conforme já abordado no item 2.4.2, as línguas em contato favoreceram a formação da variedade de fala local de língua portuguesa. A diferença da variedade de fala local de língua portuguesa pode ser percebida se for posta em relação à língua portuguesa padrão, a variedade utilizada pelas instituições públicas e de ensino, ou *standard*, aquela utilizada pela mídia falada. A variedade de língua portuguesa local em Nova Pádua foi considerada neste estudo como variedade *diatópica* da língua. Essa variedade foi propiciada pela história do espaço geográfico da RCI, que foi colonizada por grupo étnico italiano.

3.5.1 Variedade de fala de língua portuguesa local

A variedade de fala local de língua portuguesa, na RCI, é resultante da mescla lingüística entre a língua portuguesa e elementos do dialeto vênето (a coiné). Estudos como o de Frosi (1987, p. 224-229) mostram que vocábulos que terminam com ditongo nasal [ãũ], como na palavra *coração*, sofrem interferência fonética da Coiné veneta, e os bilíngües realizam, no lugar do ditongo, o fonema equivalente italiano [õ] ou [õn], que resulta em [kõra'sõ]; vocábulos que na língua portuguesa são pronunciados com vibrante múltipla como [‘te Ra] sofrem interferência da variedade dialetal italiana e são produzidos com vibrante simples [‘te ra]. Empréstimos lexicais como *nono/a*, *mêscola*, *bocia* etc. são utilizados como se fizessem parte da língua portuguesa. Conforme Paviani (1992), o pronome enfático – “me”, em expressões como “me lava os cabelos” (lava meus cabelos) ou “ele me colheu a uva” (ele colheu a uva para mim) é um empréstimo do dialeto italiano à sintaxe do português, constituindo-se num traço característico do português da RCI. Portanto, uma variedade que pode ser considerada diatópica, por ter-se desenvolvido especificamente na Região de colonização italiana.

3.6 Língua de prestígio

Uma língua de prestígio pressupõe uma língua estigmatizada ou desprestigiada. Isto é, uma língua é percebida como língua de prestígio se tiver outra com a qual possa ser comparada. Em comunidades bilíngües, é possível existirem atitudes positivas ou negativas dos falantes em relação aos sistemas de fala.

Uma comunidade é bilíngüe se muitos membros dessa comunidade são bilíngües, isto é, se usam alternadamente duas línguas. Para Siguan (2001, p. 32), é mais apropriado dizer

que uma comunidade é bilíngüe ou plurilíngüe se “duas ou mais línguas possuem algum tipo de vigência social, o que significa que são usadas em determinadas situações de acordo com normas explícitas ou implícitas”. Normalmente, essas comunidades constituem grupos sociais ou étnicos mais ou menos coesos, mais ou menos conscientes de sua identidade coletiva pelo fato de falar a mesma língua. São situações em que as línguas não possuem o mesmo *status*, nem cumprem as mesmas funções cujas diferenças traduzem-se em diferenças de prestígio que, por sua vez, estão relacionadas com a situação dos grupos que as têm como primeira língua.

Weinreich (1974, p.115) apreende prestígio lingüístico como sendo uma necessidade para ascender socialmente. Quer dizer, prestígio é o valor atribuído a uma língua necessária para ascensão social, para o indivíduo inserir-se no grupo dominante. Na mesma perspectiva, Grosjean (1982, p.120) defende que língua de prestígio ou dominante não é necessariamente aquela utilizada pelo maior grupo numérico, mas aquela falada pelo grupo que detém os poderes político, cultural e econômico, enquanto a língua de minoria é aquela falada pelo grupo minoritário, isto é, de menor poder político e econômico. Por exemplo, no Peru, o espanhol é a língua de prestígio, haja vista ser utilizada pela classe média urbanizada e culta, enquanto o *quíchua* (*Quechua*), a língua do indígena e pobre, rural, possui menor prestígio. Esse comportamento ocorre na maioria das situações de contato entre línguas, uma sendo geralmente considerada de maior prestígio.

Para esta pesquisa considerou-se como língua de prestígio a que os sujeitos demonstraram ter afinidade, a que é aceita como a própria identidade lingüística ou, também, que é o sistema de fala mais adequado para interagir lingüisticamente em determinada situação social.

3.7 Bilingüismo e alternância de códigos

Bilíngüe é o indivíduo que possui habilidade de se comunicar em dois códigos diferentes e, se esse fenômeno acontecer com toda uma comunidade, essa também será bilíngüe. Não se tem conhecimento de estudos sobre bilingüismo realizados na comunidade de Nova Pádua, mas se percebem que os membros da comunidade utilizam, tanto as variedades de língua portuguesa, a local e a *standard*, como o dialeto italiano.

O uso de duas línguas alternadamente por um mesmo indivíduo sugere o fenômeno do bilingüismo. De acordo com Mackey (1972, p. 554-555), bilingüismo não é um fenômeno da língua, mas uma característica de seu uso. Não é propriedade do grupo, mas do indivíduo, que pode ser mais ou menos hábil nas línguas que domina, e essa habilidade pode ser medida. Quer dizer, é possível medir a mestria de um bilíngüe nestas quatro habilidades: compreensão oral e escrita das línguas que fala e produção oral e escrita das línguas que fala. Segundo o autor, durante muito tempo, bilingüismo foi considerado como o domínio idêntico de duas línguas. O conceito foi ampliado e Deibold (1961. apud Mackey, 1972, p. 555) entende o bilingüismo, inclusive, como sendo o “conhecimento passivo” de língua escrita ou qualquer “contato com possíveis modelos em uma segunda língua e habilidade em usá-los no meio ambiente da língua nativa”. Ainda, conforme Mackey (1972, p. 557), o bilíngüe pode ser mais hábil em dada língua, dependendo da função para qual a utiliza. O grau de proficiência em cada língua depende da função interna (cantar, rezar, sonhar) ou da externa (falar em casa, na comunidade, na escola) em que é usada e em quais condições ele a utilizou.

Para este estudo, as funções externas são importantes na medida em que se entende que o bilíngüe deve interagir com outros e escolher um sistema de comunicação. Acredita-se que o bilíngüe escolha os sistemas de fala em função dos valores que atribuiu a cada um deles para a situação de interação, que pode ser pela formalidade, pela informalidade ou em razão do interlocutor.

A alternância de códigos ocorre em situações em que um bilíngüe convive com o uso constante de duas línguas, e esse convívio pode favorecer a mescla lingüística. Segundo Calvet (2002, p. 43), a alternância de códigos realizada no mesmo discurso é denominada *code switching* e a mistura de línguas recebeu a denominação *code mixing*.

Nem sempre a mescla lingüística é aceita positivamente e nem sempre a convivência de duas línguas é pacífica. Para Fishman (1974, p. 29), “os membros de complexos sociais que compartilham um repertório lingüístico devem saber (e sabem) quando mudar de uma variedade para outra”. Esse comportamento ocorre também porque os falantes que promovem *code switching* ou *code mixing* nem sempre usam a língua da mesma forma ou possuem o mesmo comportamento em relação à língua. Em diferentes situações sociais, os falantes podem ter maior consideração por uma língua ou são obrigados a optar entre uma ou outra variedade de língua, pela mudança de situação ou de interlocutor. Ervin-Tripp (1968. apud Grosjean, 1982, p. 127-128), afirma que os falantes, uma vez engajados em situações sociais diversas, geralmente possuem um repertório de alternativas de fala que se alternam de acordo com a situação; segundo ele, são quatro os principais fatores responsáveis pela mudança de código ou variantes: a) o ambiente (momento e local) e a situação, como o desjejum em família, uma festa, uma conferência ou um encontro; b) os participantes da interação: idade, sexo, profissão, *status* econômico, origem, etnicidade e papéis em relação aos outros, tais como: empregador-empregado, marido-esposa; c) o tópico (trabalho, esportes, acontecimentos nacionais); d) a função da interação: pedido, oferta de informação ou interpretação, rotinas, tais como: saudações, agradecimentos ou pedidos de desculpa.

Portanto, deve-se considerar a própria situação social que, muitas vezes, determina o código ou a variedade lingüística a ser usada, tanto pelo monolíngüe como pelo bilíngüe.

3.8 Interferência entre línguas em contato

A interferência pode ocorrer no sistema fonêmico, na morfologia, na sintaxe e no vocabulário. Weinreich (1974) já havia observado que o contato entre as comunidades de línguas diferentes tornara bilíngües muitos dos membros de ambas as comunidades. Além do bilingüismo, percebera que o uso alternado e constante de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo causaria a interferência de língua em outra, isto é, elementos de uma língua apresentam-se na fala da outra língua.

É relevante destacar a diferença entre interferência e empréstimo. No entender de Mackey (1972, p. 569), a primeira significa “o uso de características pertencentes a uma língua, enquanto se falar ou escrever uma outra”, é uma característica de “parole”. A prática é individual e pode ser momentânea. Para o contexto desta pesquisa, percebe-se que a variedade de fala local de língua portuguesa contempla interferências fonéticas como “meu car(r)ó está na oficina”, em que a vibrante simples foi utilizada pela vibrante múltipla. O empréstimo é coletivo e sistemático, e as características de uma língua são fixadas como se fizessem parte da língua receptora. É uma característica de “parole”. O domínio é coletivo, isto é, não só o bilíngüe, mas também o monolíngüe, sem perceber, também usa o termo emprestado. Para exemplificar, no cenário deste estudo, reconheceram-se, na forma de fala local de língua portuguesa, empréstimos, como, por exemplo: “meus filhos querem comer *lasanha*”.¹⁰ O termo italiano é utilizado também pelos monolíngües de língua portuguesa.

Para os bilíngües, o padrão e o número de interferências poderão variar com o meio, o estilo, o registro e o contexto. O meio escrito pode sofrer interferência menor que a fala, e a interferência pode variar conforme o estilo do discurso: descritivo, narrativo, conversacional, etc. O papel social do falante pode produzir um número maior ou menor de interferência no discurso. Por exemplo, o mesmo falante no papel de locutor de uma rádio pode produzir

¹⁰ *Lasanha* = *lasagna*: vocábulo italiano.

menos interferência na sua fala do que numa conversa com amigos em um bar, falando sobre o mesmo conteúdo.

A relação que o bilíngüe possui com as variedades lingüísticas, puras ou com mescla, favorece um comportamento positivo ou negativo em relação a uma e a outra. Segundo a teoria de Fishman (1975, p. 216-217), tanto a interferência como as trocas lingüísticas estão, de um lado, em relação com o domínio e com as causas da variação do bilingüismo e, de outro, com processos socioculturais e com o tipo de interação. Além disso, onde existem atitudes e consciência do tipo purístico,²¹ a interferência é vista como uma imperfeição não do falante ou daquilo que diz, mas da própria língua. Em contrapartida, existem situações de contato multilíngüe onde há uma interferência consciente e intencional. É o caso de os falantes buscarem fazer entrar na sua língua o maior número possível de elementos e traços de outra língua, como os modismos de língua inglesa, por exemplo, e, nesses casos, a interferência é mais aceita e permitida. Assim, se os falantes interpretam como uma imperfeição da língua as realizações lingüísticas que contêm desvios das normas da língua padrão, a interferência lingüística possivelmente não será aceita, e a língua *standard* ou culta pode ser prestigiada, enquanto a língua que sofre a interferência pode ser estigmatizada.

A avaliação negativa a uma variedade lingüística que sofre interferência de outra pode determinar comportamentos lingüísticos. De acordo com Siguan (2001, p. 183), as razões para um bilíngüe evitar a interferência lingüística são várias: algumas podem ser pragmáticas, ele pode querer facilitar a comunicação ou pode fazê-lo em nome da correção da língua.

A língua apreendida como correta, no senso comum, é aquela apreendida na escola. Segundo Weinreich (1974, p. 128), do ponto de vista da interferência lingüística, em sociedades mais instruídas, a escola bloqueia a liberdade de comportamento lingüístico; em ambientes monolíngües, contribui para manter a vitalidade da língua estandardizada. Em

²¹ Purismo lingüístico é a resistência consciente a qualquer interferência, em nome de um princípio (WEINREICH, 1974, p. 149).

situações de bilingüismo, a escola sustenta normas da língua padrão contra empréstimos estrangeiros desenfreados. Os resultados obtidos pela escola como agente conservador no desenvolvimento lingüístico não são casuais, pois entram no mais amplo contexto cultural, com atitudes específicas prevalecendo no sentido de pureza da língua. Mais do que ser considerada uma língua pura, ser obrigatória em espaços oficiais, a língua culta torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas das línguas são objetivamente medidas.

Quer seja para obedecer às normas, quer seja por objetivos purísticos, a escola pressiona o aluno no sentido de que ele busque o domínio da língua padrão. Entretanto, certas formas de ensino de línguas entram em conflito com valores lingüísticos do aluno. Um estudo realizado por Labov (1974, p. 71), em Nova Iorque, mostrou que “há um conflito de valores simbolizado pela diferença entre a fala dos professores e a dos alunos”. Para o autor, os professores foram premiados a tratar o vernáculo dos alunos apenas como “diferente” do inglês *standard*. No entanto, a atitude predominante dos mestres é conceituar a variedade lingüística dos alunos como um inglês “incorreto” e fala “desleixada”. Além disso, a luta dos professores em impor uma língua *standard* esbarra no sentimento do aluno de que o padrão de fala do professor ameaça o padrão de fala que o identifica como membro de seu próprio grupo.

No Brasil, o desrespeito, a estigmatização ou a desvalorização das variedades lingüísticas brasileiras contraria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que reza o respeito às diferenças lingüísticas, isto é, às diferentes variedades lingüísticas geográficas e sociais. Nos Parâmetros Curriculares para o ensino de Língua Portuguesa, está contido o apelo aos professores a trabalhar para a atenuar o preconceito lingüístico:

A Língua Portuguesa possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala. (MEC. 1997, p. 31).

3.9 Atitudes lingüísticas

O que são atitudes lingüísticas? Para Siguan (2001, p. 153) atitudes lingüísticas são “as reações do sujeito bilíngüe diante da situação das línguas que conhece e diante as normas que regulam seu uso”. Dois fatores levam um bilíngüe a escolher entre uma língua ou outra para usar em determinadas situações, diz o autor: por um lado está o conhecimento das duas línguas, suas atitudes em relação a elas, seu nível de identificação e seu desejo de utilizá-las; por outro, estão os fatores sociais, as normas que regulam o uso de uma ou de outra língua em distintas situações públicas ou privadas.

Em casos de mescla entre línguas em contato, o contexto sociocultural contribuiu para “a predisposição de uma pessoa suportar ou hostilizar” a interferência lingüística, afirma Weinreich (1974, p. 122). Isso ocorre porque o comportamento lingüístico dos falantes bilíngües está condicionado pelas relações sociais em que vivem. Esse condicionamento determina se uma língua tem prestígio ou desprestígio e se ela vai se tornar a língua dominante ou não, no sentido de integrar-se ao grupo majoritário. Por isso, o papel do contexto sociocultural é relevante quando um grupo constituído põe em contato duas línguas. Essa relevância advém de atitudes da comunidade bilíngüe em relação à produção lingüística, pois a comutação e a mistura entre línguas podem ser condenadas por uma sociedade, da mesma forma que os membros integrantes de outra sociedade preferem certas estruturas de personalidade ou certos modos de comportamento. Isso quer dizer que, nas diferentes funções da língua, características lingüísticas podem estar presentes ou não e ser aceitas ou não. Por exemplo, a interferência lingüística é aceita na família e no lazer, mas na escola não, porque a instituição tem por objetivo manter a pureza da língua. Assim, a escola contribui para a conservação da língua *standard* e “bloqueia a liberdade de comportamento lingüístico”.

(WEINREICH, 1974, p. 128). Dessa forma, o indivíduo pode sentir a necessidade de dominar a língua de prestígio para ascender socialmente e, assim, se sua primeira língua (a língua materna) for desprestigiada, ele buscará dominar a língua de prestígio para obter sucesso profissional e social.

As atitudes podem determinar o comportamento. Mackey (1972, p. 567) refere que “a atitude de um bilíngüe com relação às duas línguas e com as pessoas que as falam, influenciará o seu comportamento em áreas de contato diferentes nas quais cada língua é usada”. Nas diferentes situações, ele pode se sentir constrangido devido à sua pronúncia ou pode preferir outra língua, porque a sua primeira língua é a de um grupo pouco popular. Além disso, bilíngües de língua de minoria podem abrigar atitudes de desrespeito com relação à sua primeira língua.

Na concepção de Labov (1976), existe uma relação entre o comportamento lingüístico e a sociedade. Isso ocorre porque o modo de falar provoca atitudes de prestígio e estigma lingüísticos, posto que o uso da língua é associado à classe social do falante. Em seus estudos observou que a língua produzida com a presença do fonema /r/ é considerada variante de prestígio social, enquanto a variante que compreende um segmento com /r/ e esse não sendo pronunciado é estigmatizada. O estudioso entende que o uso dessas variantes lingüísticas é determinado por um padrão (*pattern*) de normas sociais e estilísticas, e há uma influência contínua e mensurável de fatores sociais sobre a mudança lingüística, porque a maior parte dos informantes pode identificar traços das variantes de pouco prestígio na fala dos outros e desclassificar o falante que usa formas não *standard*.

Em contrapartida, existem comunidades que utilizam uma variedade lingüística estigmatizada com o objetivo de demarcar seu espaço, sua identidade cultural e seu perfil de comunidade e de grupo social distinto. Labov (1974, p. 70) percebeu que a “língua pode ser encarada como um sistema de integração de valores”; como operários que preferem utilizar o

vernáculo da classe operária porque não sentem desejo de se identificar com os empregados do escritório da classe média.

Entretanto, nem sempre o indivíduo tem força para reagir às pressões sociais. A diferença lingüística revela aos falantes e aos ouvintes a diferença social, e as crianças podem ser objeto de crítica quando se desviam das formas válidas de falar ou oficialmente instituídas. Para Haugen (1973, p. 83-84), as crianças “são cruéis quando riem e ridicularizam os que falam diferente”, pois quando crescem percebem que os desvios de linguagem também indicam distância social e como adolescentes descobrem a diferença entre classe superior e inferior, do significado de pertencer a este ou aquele lado, dos maneirismos de fala dos heróis do seu grupo em oposição aos dos de seus pais, que se tornam obsoletos. Como adultos assimilam essas normas de tal modo, que automaticamente registram não que a fala de alguém é diferente, mas que essa pessoa é vulgar, convencida, ou estrangeira, comportando-se para com ela de acordo com essas identificações.

Ele também destaca que as correlações entre língua e indivíduo não acontecem apenas entre estratos sociais, mas também entre grupos étnicos e “as raças e as línguas foram confundidas para detrimento de ambas, levando a um tipo de racismo lingüístico”.

Reafirmando que a língua identifica o grupo, Grosjean (1982, p. 117-118) sugere que a língua, tanto é instrumento de comunicação como símbolo de identidade de grupo e, por isso, é acompanhada de atitudes e valores, que são possuídos pelos usuários e também por pessoas que não sabem usar a língua. Os juízos de valor que consideram uma língua linda, eficiente, rica, etc. freqüentemente são confundidos com os usuários daquela língua. Em comunidades em que coexistem diferentes grupos lingüísticos, atitudes de predileção e desestima em relação às línguas desempenham um papel importante na vida dos usuários dessas línguas. Porém, esses julgamentos são estereótipos²² intergrupais. Um dos problemas dessas atitudes é

²² Cf. nota 2. “Formas lingüísticas socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Ou seja, são formas que recebem forte estigmatização, cada vez mais estranhas aos grupos que as censuram. São, pois, variantes que constituem patrimônio de um grupo específico e sobre as quais atuam atitudes e crenças”

que o comportamento negativo em relação às línguas origina-se dentro do grupo dominante, mas lentamente é adotado pelo grupo de minoria que, em determinado momento, se convence de que está falando uma língua “depauperada”.

Esse comportamento foi revelado pelos estudos de Lambert (1960), quando sua pesquisa sobre atitudes lingüísticas apontou sentimentos de inferioridade do grupo franco-canadense em relação ao grupo inglês. O grupo inglês (o grupo majoritário) atribuiu mais juízos de valor positivos à língua inglesa e mais juízos de valor negativos à língua francesa, prestigiando o próprio sistema lingüístico. Contraditoriamente, os francófonos (grupo minoritário), também, atribuíram mais juízos de valor negativo à língua francesa e avaliaram mais positivamente a língua inglesa.

As conseqüências de atitudes negativas em relação às próprias línguas maternas são graves. De acordo com Grosjean (1982, p. 123), há pais que ajudam os filhos a aprender a língua “correta” para não serem estigmatizados mais tarde e para progredirem socialmente. Estudos como Rubin (1968), realizados no Paraguai, mostraram que pais esforçavam-se em falar somente o espanhol para que seus filhos se tornassem fluentes na língua oficial desse país. Grosjean alerta para as atitudes negativas ou positivas em relação à própria língua, pois os efeitos negativos desse tipo de comportamento podem ser profundos. Falantes de línguas estigmatizadas podem sentir insegurança, tanto em relação à língua materna como em relação à língua dominante, pois se sentem pouco competentes em ambas as línguas e podem se recusar a usar a língua estigmatizada em público. Crianças podem ver os falantes do sistema lingüístico estigmatizado como seres inferiores e recusarem-se a falar essa língua com os próprios parentes. Problema ainda maior é que, depois de tudo isso, poderão vir a se tornar pessoas sem raízes e alienadas de seu grupo nativo, experimentando a solidão em relação ao próprio grupo social.

(MONTEIRO, 2000, p. 66).

Nas sociedades, podem existir duelos entre grupos lingüísticos a fim de valorizar mais essa ou aquela variedade de fala. Estudos de Preston (2002, p. 40-66) em Michigan (EUA) mostraram que falantes do Norte consideram-se lingüisticamente superiores aos do Sul porque entendem que a própria fala enquadra-se no grupo de fator “padrão”, o fator lingüisticamente “correto”. Em contrapartida, falantes do Sul valorizam menos o fator “correto” e valorizam mais uma forma de fala em que se retrate o “ser agradável”. Na concepção do autor, essas atitudes são importantes no sentido de se perceber que há quem acredite que a verdadeira língua é aquela governada por regras institucionalizadas, enquanto outros valorizam mais uma língua que traduz sentimentos como afeição ou ser agradável.

Uma sociedade parece funcionar melhor quando se sente orgulhosa de ser o que é, afirma Hudson (1996, p. 218). Dessa forma, a avaliação da própria língua pelos usuários torna-se importante, pois esses julgamentos estão intimamente ligados à avaliação de si mesmos. Os falantes deveriam apreciar a própria língua porque avaliam positivamente a comunidade à qual pertencem. Para complementar, Haugen (1973, p. 87) afirma que “a língua faz parte da personalidade de alguém e é uma forma de conduta que tem suas raízes nas nossas experiências mais antigas”. Ela pode ser um dialeto rural, de gueto, de camponeses ou um idioma “primitivo”, o que importa é que ela preencha as necessidades e efetue os mesmos serviços na vida daqueles que a falam tanto quanto uma língua culta.

Enfim, em interações sociais, a forma de fala é um indício de informações sociais, e mesmo que (em si) não seja nem boa e nem ruim, é objeto de avaliação. Na medida em que uma língua está associada ao grupo majoritário ou de poder político, a interferência lingüística favorece a interpretação desse fenômeno como um erro. Na RCI, é comum pessoas corrigirem marcas lingüísticas italianas presentes na língua portuguesa, pois lhes parece um erro, como por exemplo: “Aqui dizem: ‘eu venho lá’. Trocam o R por RR e o RR por R, dizendo, por exemplo, *tera* em vez de *terra*; e *ferra* em vez de *fera*. Esse erro é muito comum na zona por

influência do vêneto. O deputado Campagnoni precisa fazer esforço para evitar esse erro”. Azevedo (apud Azevedo, 1994, p. 78).

3.10 O estigma segundo Goffman

De acordo com Goffman (1988, p. 11), desde os gregos, a palavra estigma é empregada como indicativo de uma degenerescência, uma marca indicadora do mal, da loucura e da doença. Na Era Cristã, no entanto, era um sinal de graça divina ou, na pior das hipóteses, indicava distúrbio físico. Com o tempo, a palavra voltou a ter sentido de degradação, e o estigmatizado retornou à condenação. Hoje, o estigma é visto como o protótipo do banido social, que, por exclusiva culpa sua, é posto à margem da sociedade.

O autor entende que o estigma surge porque “a sociedade estabelece meios para categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm a probabilidade de serem neles encontradas”. Uma vez estabelecidas as categorias, ao ser apresentado um estranho a alguém, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria e a ele é atribuída uma *identidade social virtual*²³ e, assim, as pessoas são identificadas de acordo com as pré-concepções estabelecidas, que se tornam normas e exigências. Porém, os atributos do indivíduo podem não corresponder aos que a sociedade espera, e a categoria e os atributos que ele, na realidade prova possuir, são a sua *identidade social real*²⁴. O problema aparece quando um indivíduo mostra evidências de que possui um atributo que se torne difícil para a sociedade incluí-lo numa categoria conhecida, parecendo até “uma espécie menos desejável” e a sociedade deixa de considerá-lo uma pessoa comum e total e o reduz a uma pessoa estragada e diminuída, “tal característica é um estigma, especialmente, quando o efeito de seu

²³ grifos do autor

²⁴ grifos do autor

descrédito é muito grande e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” propõe Goffman (1988, p. 12).

Os principais tipos de estigma seriam, segundo o autor, as abominações do corpo, deformidades físicas; as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não-naturais, crenças falsas e rígidas como desonestidade, vício, alcoolismo, desemprego, etc. e os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos pela linhagem.

Para Goffman (1988), um indivíduo torna-se estigmatizado somente em face a outro não-estigmatizado. Em sua reflexão, estabeleceu o termo “normais” para distinguir os não-estigmatizados dos estigmatizados. Ele entende que, em todos os exemplos de estigma, o estigmatizado é alguém que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana, mas possui um traço que pode chamar a atenção dos outros e afastá-los. A situação torna-se pior se o estigmatizado incorporar os padrões da sociedade, referentes a normais e estigmatizados, pois isso o torna suscetível ao que os outros vêem como marca ou defeito. Então, aceita-se diminuído, inferior aos outros e sente vergonha. Essa vergonha e a rejeição sofrida pela sociedade fazem o estigmatizado reagir com timidez, hostilidade ou agressividade nas interações face a face e experimentar sentimentos de ansiedade, insegurança e inferioridade em relação aos outros. Por tudo isso, o estigmatizado tenta corrigir o seu defeito. A pessoa deformada faz uma cirurgia plástica, o cego, tratamento para a visão, o homossexual faz psicoterapia, etc. Se não for possível corrigir o atributo negativo, o estigmatizado tenta encobrir-se, isto é, esconde as informações sobre sua identidade social real, como uma família que trata o familiar (doente mental) como se fosse sadio.

Certas marcas podem ser mais percebidas em determinadas situações e menos em outras. Por exemplo, um aleijado, ao sentar numa cadeira de rodas ao redor de uma mesa, pode ter seu defeito relativamente encoberto, isto é, o defeito dele pode não ser visto.

Entretanto, um cego tem seu estigma visível e não pode ocultá-lo, assim como aquele que tem dificuldades de fala, pois, dificilmente, poderá “abrir a boca” sem expor seu defeito. Toda vez que o fizer causará um certo mal-estar nos demais:

Nós que somos gogos, falamos somente quando necessário. Escondemos nosso defeito, às vezes tão bem, que as pessoas íntimas se surpreendem quando, num momento de descuido, uma palavra nos escapa da língua e falamos bruscamente, gritamos, fazemos careta e ficamos asfixiados, até que finalmente o espasmo termina e abrimos nossos olhos para observar o desastre. (*Riper*. 1939, apud *Goffman*. 1988, p. 96).

Outro mal conseqüente do estigma é que nem a familiaridade reduz o menosprezo ao estigmatizado, posto que as pessoas conseguem, com bastante habilidade, manter os seus preconceitos. Porém, apesar de tudo, a liberdade pode chegar para o estigmatizado e isso acontecerá no momento em que ele assumir seu defeito e sentir que pode estar acima do encobrimento. Então, se aceitará e se respeitará, e essa será a fase final, madura e bem-ajustada do estigmatizado, um estado de graça, enfatiza Goffman (1988, p. 113). Um comportamento merece destaque no grupo dos estigmatizados, pois interfere na identidade dos indivíduos. O ser humano costuma identificar-se com um grupo ao qual pertence naturalmente, e, de acordo com o autor, (1988, p.124), em casos de estigmatização, o estigmatizado por perceber que pertence a um grupo que ocupa um lugar inferior na estrutura social, pode tentar passar para o grupo mais amplo, menos estigmatizado. Contudo, essa passagem é impossível, não só porque o estigmatizado será rejeitado pelo outro grupo, mas também porque o próprio grupo, o grupo do sofrimento, o faz sentir que o seu grupo natural é o grupo estigmatizado. É uma situação em que o caráter do indivíduo vai a julgamento, pois o caráter permitido ao indivíduo é gerado pela relação que ele tem com seus iguais. Quer dizer, o indivíduo é considerado leal e autêntico se sua conduta volta-se para o próprio grupo, mas é considerado covarde e insensato quando se afasta de seu grupo.

Outro comportamento a ser observado é que o estigmatizado pode reagir contra o estigmatizador e optar por defender uma linha militante, questionando abertamente a

desaprovação semi-oculta com a qual ele é tratado pelos “normais”. Os resultados da militância do estigmatizado certamente serão proveitosos para a próxima geração de companheiros, mas o próprio militante, sem dúvida, reforçará a própria diferença da vida normal que lhe foi negada, conclui Goffman (1988, p. 125).

Ainda, segundo o autor, para a sociedade é mais interessante o bom ajustamento do indivíduo estigmatizado, pois os “normais” entendem que não há intenção maldosa ao assumir atitudes de menosprezo ou ser indelicados para com o estigmatizado, utilizando uma política de identidade. Quer dizer, diz-se ao estigmatizado para adotar uma linha correta a fim de ter boas relações consigo mesmo e ser um homem completo, um adulto com dignidade e auto-respeito. Diz-se que é um membro de um grupo mais amplo, um “normal”, mas ao mesmo tempo é “diferente” e que não seria sensato encobrir-se ou abandonar o *seu* grupo.

Quanto aos valores de identidade gerais de uma sociedade, esses podem não estar estabelecidos em lugar algum e, ainda assim, projetar algo sobre os encontros que se produzem em todo lugar na vida cotidiana. Em qualquer momento, o indivíduo pode sentir-se diferente em meio a um grupo social. Qualquer “normal pode ter o seu defeito semi-escondido e para cada pequeno defeito há sempre uma ocasião social em que ele pode aparecer com toda a força, criando uma brecha vergonhosa entre a identidade social virtual e a identidade social real”, entende Goffman (1988, p. 138). Dessa forma, para que um indivíduo não se sinta indigno, incompleto ou inferior, pode-se conceber que uma condição necessária para a vida social é que todos compartilhem de um único conjunto de expectativas normativas, que são sustentadas porque foram incorporadas. Se uma regra é quebrada, medidas restauradoras são tomadas, o dano termina, e o prejuízo é reparado, às vezes, por agências de controle, outras vezes, pelo próprio culpado.

Em sua análise, o estudioso enfatiza que deu destaque às discrepâncias entre a identidade social real e a identidade social virtual, como um indivíduo estigmatizado pode

apresentar um *eu* precário, sujeito a insulto e descrédito. Porém, “o estigmatizado e o normal são parte um do outro. Se alguém pode mostrar-se vulnerável, outros também o podem”. Esse ser (parte um do outro) significa que “por imputar identidades aos indivíduos, desacreditáveis ou não o conjunto social mais amplo e seus habitantes, de uma certa forma, comprometeram-se, mostrando-se como tolos” (GOFFMAN. 1988, p. 146). O estigmatizado que se encobre ocasionalmente quase sempre conta o incidente a seus companheiros para mostrar como os “normais” são bobos e como os seus argumentos sobre a sua diferença são meras racionalizações. Agindo assim, o estigmatizado encobre sua marca, não por vergonha, mas para divertir-se com os “normais” que tentam manter padrões convencionais de tratamento.

Segundo essa perspectiva, o autor conclui que o estigma é um processo social com dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos. O “normal” e o estigmatizado são perspectivas geradas em situações sociais durante contatos mistos em virtude de normas não-cumpridas que atuam sobre o encontro e, dessa forma, o que está envolvido são os papéis de interação. Pode ocorrer, também, de um estigmatizado exibir os preconceitos normais contra os que são estigmatizados em um outro aspecto, num momento desfavorável a outro estigmatizado. Enfim, o autor considera a sociedade americana propensa ao estigma na interação face a face. Embora os processos de estigmatização pareçam ter a função social de recrutar apoio para a sociedade entre os que não são apoiados por ela, acredita que o estigma pode ter outras funções: estigmatizar os que têm maus antecedentes morais pode ser um meio de controle social formal; estigmatizar membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos pode funcionar como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição, e desvalorizar os que possuem desfigurações físicas pode, talvez, ser interpretado como uma contribuição à necessidade de restrição à escolha do par.

Considerando as reflexões de Goffman, no que tange à estigmatização, acredita-se num comportamento social da sociedade brasileira semelhante ao descrito pelo autor. Quanto

à teoria sobre estigmatização, mesmo que o estudo tenha sido desenvolvido na sociologia, julga-se ser possível transpor algum comportamento estigmatizador para a sociolinguística.

Neste estudo, transportou-se o conceito de estigma físico para o de estigma linguístico. A marca que revela a discrepância entre um indivíduo e outro pode ser uma característica na forma de fala: um sotaque revelador da classe social, da origem étnica ou regional; um sistema dialetal, como no caso do dialeto italiano, na RCI. É forçoso reconhecer que o indivíduo falante de uma variedade linguística estigmatizada revelará sua dificuldade tal qual o gago revela seu defeito sempre que deseja falar. Além disso, é importante considerar a questão que o estigma envolve não tanto pessoas - um estigmatizado e um normal - quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, em contatos mistos. Na sociolinguística, enquanto um indivíduo estigmatiza a forma de fala do *outro*, o segundo pode estigmatizar a variedade linguística do primeiro e as atitudes negativas podem ser em relação a diferenças diatópicas, diafásicas ou diastráticas. A extensão do território brasileiro, a distância entre as regiões, que impede o contato freqüente entre os falantes, e a multiplicidade de etnias favorecem a diversidade linguística. Em uma palavra: as diferenças nas formas de fala de um grupo podem ser consideradas discrepâncias por outro grupo social, um estigma linguístico. Numa interação social, as diferenças linguísticas podem ser a causa para o menosprezo ao indivíduo usuário da forma de fala estigmatizada. Anedotas com relação ao sistema de fala estigmatizado farão o falante sentir-se ridicularizado, diminuído e envergonhado, e ele pode querer dominar a língua de prestígio até o dia em que ele atingir a fase madura e bem-ajustada – um estado de graça, como ela foi denominada por Goffman (1988, p. 113).

3.11 Colono: um estigma sociolinguístico na RCI

Trabalhadores rurais da RCI podem preferir ser denominados agricultores a serem chamados *colonos*. Nas cidades, se o termo *colono* for atribuído a uma pessoa, pode provocar reações negativas, quer dizer, o indivíduo pode ofender-se. Por quê? Talvez, a resposta esteja na associação do vocábulo *colono* a atributos negativos imputados aos imigrantes italianos assentados nessa região.

Gandini (1981, p. 137), ao fazer uma análise da questão social relacionada à imigração na região de Mântova, Itália, defende que ocorreu uma contradição entre o que era dito e o que era fato referente aos imigrantes, pois toda a exaltação ao imigrante escondia a outra face. Uma face eram os discursos oficiais e a literatura com fins publicitários nos quais o imigrante era idealizado e exaltado a artesão de civilização e de progresso. A outra face era que, assim que colocava os pés na nova terra, era tido como um ser inferior, um sofrido, um estrangeiro e um pobre. O simples fato de ser pobre era suficiente para indispor muitas pessoas.

De acordo com Giron e Bergamaschi (1996), o menosprezo ao colono tem relação com o fato de o Brasil ter sido uma colônia de Portugal. A colônia, como tal, era vista como o espaço da exploração econômica, da sujeição dos nativos e sua cultura aos conquistadores: o nativo é escravizado pelo colonizador (português). Depois da escravatura, iniciou-se a imigração, e os estrangeiros rústicos e pobres, mesmo livres, foram tratados como quase-escravos. Uma vez que receberam terras doadas pelo Estado, esse poderia controlar os colonos e sua produção e tê-los como súditos de segunda categoria, isto é, com mais deveres do que direitos. Isolados em suas colônias, tiveram seus direitos políticos negados, pois não podiam candidatar-se a cargos públicos. Continuaram pobres, ignorantes e estrangeiros. Eram mal-vistos por parte da população brasileira e autoridades italianas: “Nos núcleos coloniais não existe o menor traço de autoridade e os colonos vivem num estágio semi-selvagem sem freio e sem guia que os conduza”, afirmou Ciapelli (apud GIRON; BERGAMASCHI, 1996, p. 45). Portanto, pareceriam “bestas” que necessitavam ser controladas com freios e donos,

entendem as autoras. Ao final do século XIX, as colônias deixaram de existir, mas os imigrantes continuaram denominando seus pequenos lotes de terra de colônias, e assim ocorreu uma associação entre os termos colônia - lote de terra e colono - o habitante da colônia - que, por sua vez, é “sinônimo de dependência econômica, política e cultural”, concluem Giron e Bergamaschi (1996, p. 47). Dessa forma, se o termo ‘colono’ for utilizado como expressão pejorativa constitui-se numa ofensa aos moradores das cidades das antigas colônias.

Não apenas o falante do dialeto italiano é visto como *colono*, como também o usuário da variedade de fala local de língua portuguesa, que está impregnada de traços dos dialetos italianos. Na concepção de Frosi (1987, p. 234), o termo *colono* sempre teve significado negativo na RCI. Dizer *colono*, além de dizer trabalhador da terra, significava um indivíduo honesto, porém ingênuo, de pouca instrução e condições econômicas e sociais inferiores. Dessa forma, o conceito de colono teria sido um dos fatores que contribuíram para que o dialeto vênето cedesse supremacia à língua portuguesa, pois a infeliz identificação da fala dialetal italiana com o fato de ser agricultor favoreceu o desprezo pelo dialeto italiano, que passou a ser visto como um sistema lingüístico desprestigiado.

Assim, tanto o falante do dialeto italiano como o da variedade de fala de língua portuguesa com marcas dialetais italianas é associado ao *colono* despatriado, ignorante, submisso, de classe social inferior, lavrador da terra e pobre.

3.12 Conceito de região

Região é um espaço geográfico que se distingue de outro espaço diferente; um e outro são delimitados normalmente por fronteiras naturais, com características diferentes como:

topografia e vegetação. Contudo, na maioria das vezes, as divisões geográficas também denotam diferenças e divisões sociais importantes.

Na concepção de Bourdieu (2002), uma região é vista de forma diversa pelos cientistas. Por exemplo, para os geógrafos, é um espaço demarcado por fronteiras naturais; para os lingüistas, os limites são as variedades lingüísticas. A fim de apreendê-la, recorre a Benveniste para afirmar que *região(regio)* “conduz ao princípio de di-visão, acto mágico, quer dizer, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por decreto uma descontinuidade decisória na continuidade natural (não só entre as regiões do espaço mas também entre as idades, os sexos, etc.)”, diz o autor (2002, p.123). Portanto, é um ato de autoridade que circunscreve a região.

Não apenas os atos de autoridade, mas fatores sociais, também, contribuem para determinar os espaços. Para Pozenato (2001, p. 583-592), “a Geografia Humana define os espaços regionais também com critérios objetivos, fornecidos pela História, pela Etnografia, pela Lingüística, pela Economia e pela Sociologia”. O autor complementa o conceito, recorrendo a Bois, para o qual região é “espaço definido por uma história diferente da história do espaço vizinho ou externo”. Sendo assim, ao dar ênfase à história como fator constituinte da região, fatores sociais tornam-se mais importantes que fatores geográficos.

Vendo sob esse aspecto, a história da formação do grupo social instalado na RCI explica a existência do dialeto italiano (dialeto vêneta ou Coiné vêneta) e a Variedade de Fala Local de Língua Portuguesa, quer dizer, explica-se pela história do grupo social. Neste estudo, concebe-se a segunda como uma variedade lingüística diatópica-étnica. As interferências fonéticas, lexicais, etc. da variedade dialetal italiana na língua portuguesa, como, por exemplo, realizar o ditongo nasal /ãw/, na palavra *circulação*, como [oŋ] *circulaçon*, ou promover a interferência lexical como “oze vamu cumê polenta com *pizacan*”²

⁵ revelam a identidade regional do grupo ítalo-brasileiro. Assim, variedades lingüísticas ou

²⁵ *Pizacan* = espécie de verdura (selvagem).

sotaques de uma língua, que são considerados indicadores de identidade regional ou identidade étnica, também indicam fronteiras que delimitam os espaços lingüísticos ou uma descontinuidade lingüística. Nas interações sociais, as fronteiras que demarcam os limites de uso de uma ou outra variedade lingüística podem ser determinadas pelas atitudes do falante em relação a cada uma de suas línguas ou são determinadas pelas atitudes do interlocutor, pressupostas pelo falante. Por exemplo, a descontinuidade ocorrerá se o falante decidir utilizar outra variedade de fala, seja pela mudança da interação social, seja pela mudança do interlocutor, seja ainda, por pressupor os juízos de valor do interlocutor em relação às variedades lingüísticas.

4 Metodologia

Neste estudo, o objetivo principal foi pesquisar as implicações da língua como fato social, não apenas a língua em si e por si mesma, mas principalmente a inter-relação língua e sociedade. Especificamente, buscou-se identificar os valores positivos e negativos atribuídos às variedades lingüísticas utilizadas pela comunidade lingüística de Nova Pádua. Para atingir esse fim, esta autora impôs-se uma linha de pesquisa partindo do ponto de vista de quem comunica o quê, para quem, com qual finalidade, utilizando qual variedade lingüística,

conforme a concepção de Fishman (1974, p. 27), adaptando-a ao objeto de estudo — atitudes lingüísticas.

“As ciências humanas não são unitárias”, afirma Demo (1985, p. 13-14), e o grupo interno, as ciências sociais, tem a visão metodológica de que seu objeto “é socialmente condicionado, ou seja, torna-se incompreensível fora do contexto de inter-relação social”. Portanto, pela natureza sociolingüística da investigação, tornou-se essencial compreender o contexto social em que o problema se insere, ou seja, a comunidade bilíngüe de NP. Um grupo social que dispõe de pelo menos três variedades de fala: Língua portuguesa *standard* (PS), dialeto italiano ou Coiné veneta (DI) e variedade de fala de língua portuguesa local (LPL), alternando-as com frequência.

Para concretizar a pesquisa, partiu-se do pressuposto de que o ítalo-brasileiro de NP, no momento da escolha das variedades lingüísticas, utiliza critérios relacionados a juízos de valor positivos ou negativos. Foi utilizado o método indutivo. Para a obtenção dos dados foi utilizada a técnica dos pares ocultos (LAMBERT, 1960) adaptada à realidade da comunidade. O estudo se propôs a observar o comportamento lingüístico a partir do ponto de vista do usuário da língua (ver seção 4.4). A natureza lingüística do problema permitiu obter mensuração quantitativa, enquanto a natureza social possibilitou obter as informações subjetivas que foram utilizadas na análise qualitativa.

4.1 A escolha da comunidade

O peculiar momento lingüístico que a comunidade de NP está vivendo motivou essa escolha, pois até há poucos anos usava como sistema de comunicação entre nativos quase que exclusivamente o dialeto italiano. Essa prática, utilizada em muitas comunidades rurais, já

teria sido observada por Frosi e Mioranza (1983, p. 511), haja vista ser favorecida pela homogeneidade étnica italiana, isto é, pela presença dominante do elemento étnico italiano.

Não se tem conhecimento de que outros estudos lingüísticos tenham sido realizados em NP. As afirmações lingüísticas que são feitas neste texto baseiam-se no fato de esta pesquisadora, ter nascido e vivido a infância e a adolescência nessa comunidade, de NP. Depois de ter migrado para a cidade, no período do êxodo rural-urbano, sempre manteve contato com a comunidade, em função de regularmente voltar para visitar a família. No início, durante oito ou dez anos, semanalmente, depois, quinzenal ou mensalmente. Recordar-se que, durante a infância e adolescência, quase todas as pessoas em NP falavam o dialeto italiano: parentes, amigos, vizinhos, colegas de escola, de catecismo, etc. As diferenças lingüísticas que se observava eram os diversos sotaques na própria Coiné (o supradialeto), uns com a presença de características vênetas, outros, lombardas. As diferenças restringiam-se a palavras que podiam terminar por vogal ou por consoante, por exemplo: *dente ou dent*.²⁶ Até os vendedores do estabelecimento comercial de maior *status* de NP, a Cooperativa Mixta, um armazém de Secos & Molhados, falavam o dialeto italiano (ou Coiné vêneta). Porém, na escola, com a professora, dentro da sala de aula, falava-se ou tentava-se utilizar a língua portuguesa. Parecia estranho se alguém da comunidade utilizasse a língua portuguesa entre si ou conosco e, se não fosse um professor, era visto como um exibido. Hoje, com formação em línguas, percebe que diferentes valores, negativos e positivos, são atribuídos às variedades lingüísticas utilizadas pela comunidade. Portanto, dados da realidade (para este estudo) são observados na perspectiva de um ex-membro da comunidade, com olhar atento às questões lingüísticas de seu (ex) grupo étnico-social.

Nas últimas décadas, mudanças socioeconômicas e demográficas que ocorreram favoreceram mudanças sociais e lingüísticas. O comportamento social mudou substancialmente. Embora ainda sejam realizadas festas religiosas anuais, o número de

²⁶ *dente* ou *dent* (vêneto e lombardo, respectivamente)

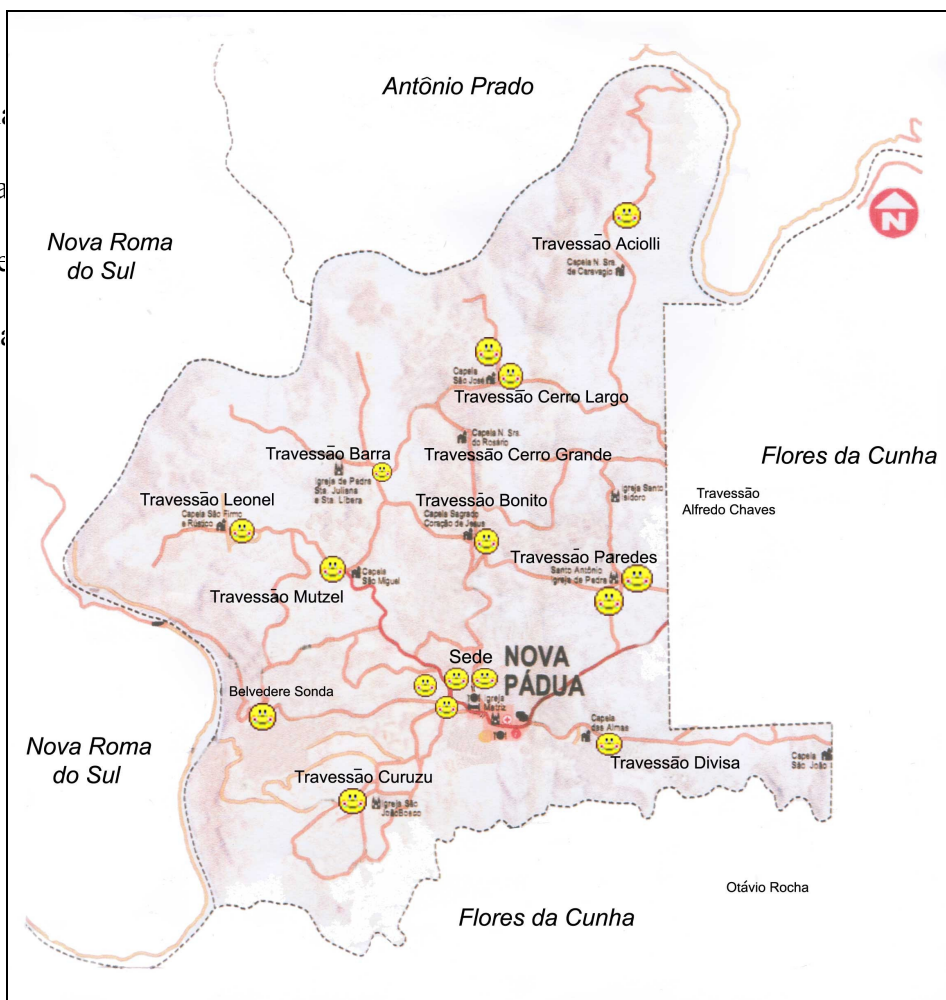
comunitários que vão às Capelas, aos domingos, para jogar bochas, baralho e futebol é bastante reduzido; já não fazem *filòs*, etc. No comportamento lingüístico, constata-se que a língua portuguesa é utilizada com maior freqüência, inclusive, no lar. Além disso, os pais interromperam a transmissão do dialeto italiano como língua materna e, nas interações, os bilíngües parecem preocupados com a “correção” da língua portuguesa, principalmente; percebe-se que filhos corrigem os pais.

4.2 Delimitação do universo de pesquisa

4.2.1 Seleção da amostra

Na visão de Labov (1984, p. 341), as atitudes em relação à língua são uniformes numa comunidade lingüística. Por isso, estabeleceu-se uma amostra de 16 sujeitos para uma população de, aproximadamente, 2.400 habitantes. Distribuiu-se esse número entre o núcleo

urbano e
(1.900 ha
aproxima
imigrante
comunida



área rural
(500 hab.,
ndentes de
enos 3/4) na

Figura 3²⁷ - Distribuição dos sujeitos da pesquisa

Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Pádua



= sujeito da pesquisa

Os critérios *idade* e *gênero* foram utilizados para se obter uma “amostra casual estratificada”.(SELLITZ, 1987, p. 92). Nessa amostra, foram selecionados quatro grupos: um grupo adulto masculino (GAM); um grupo adulto feminino (GAF); um grupo jovem masculino (GJM) e um grupo jovem feminino (GJF). A variável *idade* foi determinada tomando como ponto de partida o período histórico das mudanças socioeconômicas e culturais que se propõe tenham ocorrido na comunidade nas décadas de 60 e 70. Optou-se por essa data por pressupor que a geração reprodutiva dessa época teria interrompido a transmissão do dialeto italiano como primeira língua às crianças em favor da língua portuguesa.

4.2.2 Variáveis

Idade

²⁷ Mapa de Nova Pádua (adaptado).

A percepção social dos valores atribuídos aos sistemas de comunicação pode ser estudada em “tempo aparente”.(TARALLO, 2002, p. 65). Isso ocorre porque as reações subjetivas e valores lingüísticos podem acontecer de forma diferente nas diferentes fases da vida do indivíduo. Por isso, utilizou-se a variável idade e dois grupos com oito entrevistados para cada grupo foram definidos. O grupo dos adultos (GA) compreendeu a faixa etária que vai de 35 aos 55 anos, representando a geração que viveu mudanças socioeconômicas e culturais das décadas de 60 e 70. O grupo jovem (GJ) também é composto por oito pessoas, com faixa etária entre 10 e 30 anos, representou a geração imediatamente subsequente às mudanças.

Gênero

Os estudos de Labov (1974, p. 59) mostraram que as reações subjetivas entre homens e mulheres divergiram, isto é, avaliaram diferentemente padrões e variações lingüísticos.

Fundamentados na teoria de Labov, de que as reações subjetivas em relação às formas de fala podem divergir entre diferentes gêneros, optou-se pela variável *gênero* para o estudo em questão. A amostra dos 16 sujeitos foi subdividida em dois subgrupos de oito sujeitos do sexo masculino e oito do sexo feminino, que também foram subdivididos de acordo com a faixa etária (quadro 1).

QUADRO I - DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS – ADULTO (GA) E JOVEM (GJ) – SEGUNDO IDADE E GÊNERO

GRUPO	GAM	GAJ	GJM	GJF	TOTAL
FAIXA ETÁRIA	35 A 55 ANOS	35 A 55 ANOS	10 A 30 ANOS	10 A 30 ANOS	xxxxxxxx
Nº DE SUJEITOS	04	04	04	04	16

4.3 Hipóteses

As hipóteses que se buscou confirmar ou falsear são:

- a) os ítalo-brasileiros da comunidade de NP interromperam a transmissão do dialeto italiano como primeira língua nas décadas de 60 e 70, aproximadamente, e a língua materna dos membros da comunidade em que nasceram a partir dessa época é a língua portuguesa;
- b) diferentes juízos de valor – prestígio ou estigma – são atribuídos às variedades lingüísticas, PS; DI; LPL, pela comunidade de NP;
- c) o comportamento lingüístico dos membros da comunidade de NP é regulado pelos juízos de valor, prestígio e estigma, atribuídos aos sistemas lingüísticos em uso na comunidade.

4.4 Instrumento e sua aplicação

Para a coleta dos dados, foi elaborado um instrumento inspirado na *Técnica dos Pares Ocultos*, de Lambert (1960), que a utilizou em Montreal para medir julgamentos sociais inconscientes de sujeitos relativamente à língua. Nessa técnica, textos foram gravados em duas versões, uma em língua inglesa e outro em língua francesa, por locutores bilíngües. Para a coleta dos dados, o informante ouvia as gravações nas duas línguas, sem saber que eram pares de gravações que foram realizadas pelo mesmo locutor bilíngüe. Depois de ouvir os textos, foi solicitado ao informante para atribuir valores ao locutor de cada gravação relativos à: inteligência, simpatia, antipatia, sociabilidade, etc., levando em consideração a voz do locutor. Os resultados revelaram que os sujeitos da pesquisa não perceberam que eram pares de textos gravados pela mesma voz e avaliaram com diferentes atributos o mesmo locutor, indicando que os valores atribuídos aos locutores, na verdade, eram julgamentos feitos às línguas inglesa e francesa.

O instrumento da pesquisa resultou num misto de questionário e entrevista. Foram oito questões de avaliação positiva e negativa, que foram respondidas após a amostra ter ouvido um texto gravado por um único locutor em três versões diferentes: em língua portuguesa *standard* (PS), em dialeto italiano (DI) e na variedade de fala de língua portuguesa local (LPL), variedades de fala utilizadas pela comunidade de NP.

De forma diversa à técnica de Lambert (1960), o sujeito deste estudo ouviu as gravações, sabendo que o locutor era um só e estava ciente de que deveria escolher e atribuir valores aos sistemas de fala e não ao locutor (Anexo D). Assim, em cada questão, a amostra escolheu uma variedade lingüística e justificou a escolha. Na justificativa, atribuiu valores positivos. A seguir, na mesma questão, apontou um sistema de fala que ele não utilizaria para a proposta da pesquisa e novamente justificou a opção. A partir das escolhas, foram coletados dados quantitativos e, a partir das justificativas, dados qualitativos utilizados na análise.

4.4.1 Gravação do texto

As gravações nas diferentes variedades lingüísticas (PS, DI e LPL) tiveram por objetivo provocar a conscientização dos sujeitos sobre o uso dos diversos sistemas lingüísticos na comunidade. O texto utilizado foi extraído de um folheto emitido pela prefeitura de NP, que teve por finalidade divulgar o município. A mensagem foi gravada por um único locutor bilíngüe dialeto italiano/português e também hábil na pronúncia da variedade de fala local de língua portuguesa.

4.4.2 Questionário

O questionário foi dividido em quatro partes: a primeira contém questões acerca de informações pessoais (idade, local de nascimento, ocupação, constituição familiar, etc.) e três questões sociolingüísticas: a) qual foi a língua materna adquirida pelo sujeito; b) qual língua ele transmitiu. Na segunda, estão algumas questões sobre características socioeconômicas do sujeito. Nas terceira e quarta partes, apresentou-se ao sujeito questões que investigam atitudes lingüísticas do sujeito em relação aos sistemas de fala utilizados em NP. Na terceira parte, o bilíngüe atribuiu valores às variedades lingüísticas para uma proposta de mostrar a cultura de NP nos meios de comunicação. Na quarta parte, novamente, ele atribuiu valores às variedades lingüísticas, porém para uma proposta de uso restrito em diferentes domínios: em casa, na Capela, na escola e interações com pessoas da cidade. As questões foram elaboradas de forma a serem levantados dados quantitativos e qualitativos. Isso foi possível porque as perguntas previam dupla resposta: uma objetiva – qual das três versões do texto publicitário o sujeito escolheu e qual rejeitou para determinada finalidade e uma subjetiva – por que o sujeito escolheu e por que rejeitou determinada variedade lingüística. Dessa forma, os dados quantitativos foram obtidos através das escolhas de avaliação positiva e escolhas de avaliação negativa; e os dados qualitativos foram obtidos através das justificativas em relação à justificativa das escolhas.

4.4.3 Aplicação do instrumento

Para que fossem obtidos dados, primeiramente, entrou-se em contato com o informante para colocá-lo a par do estudo e convidá-lo a participar da pesquisa. Alguns, por serem conhecidos, contactou-se por telefone, outros foram contactados por conhecidos da pesquisadora, que intermediaram a visita. Em alguns casos, essas pessoas acompanharam a

pesquisadora e a apresentaram aos sujeitos. Uma vez aceito o convite, o encontro foi marcado previamente, que sempre aconteceu na casa do sujeito do estudo.

Para contextualizar o informante, no momento do encontro, foi dito aos sujeitos da amostra que o objetivo do estudo baseava-se no pressuposto de que o dialeto italiano não estava mais sendo transmitido às crianças em NP, omitindo que a intenção era investigar juízos de valor lingüísticos. Tomou-se essa precaução para evitar que o entrevistado se colocasse em posição defensiva. Depois disso, o entrevistado preencheu, a próprio punho, a primeira e a segunda partes do instrumento que contém dados pessoais, socioeconômicos e culturais. Depois, foi mostrado o folheto emitido pela prefeitura de NP que contem o texto extraído para uma virtual publicidade, explicando que ele ouviria a gravação daquele texto em três formas diferentes da fala para, após, responder ao questionário. Todos ouviram as três versões do texto no aparelho de som AKAI *AJ-C010 II* e, a seguir, responderam às questões solicitadas. Destaca-se que a amostra apenas ouviu as gravações, não leu os textos escritos nas diferentes variedades lingüísticas, e o próprio sujeito marcou as respostas. A audição do texto nas três variedades de fala teve como objetivo estimular reações em relação aos sistemas de fala. A expectativa era que o sujeito, por ser nativo, entrasse em sintonia com alguma variedade lingüística da mensagem publicitária e a percebesse como prestigiada ou estigmatizada.

Para responder às questões lingüísticas do questionário, na terceira parte, propôs-se ao sujeito imaginar-se ser, naquele momento, o Secretário de Educação, Cultura e Turismo do Município de NP. Pelo cargo virtualmente ocupado, estava incumbido de mandar gravar uma publicidade para posteriormente publicá-la nos meios de comunicação. Para isso, deveria escolher uma dentre as três gravações recém-ouvidas, nas versões: PS, DI ou LPL, pois não era permitido mandar gravar três publicidades diferentes. Uma vez realizada a escolha, o sujeito justificou a opção. Na mesma questão, o questionário solicitou ao entrevistado para

dizer qual das três variedades ele **não** usaria para o mesmo objetivo e, novamente, justificou a rejeição à variedade de fala.

Para responder à quarta parte do questionário, foi dito ao sujeito que ele próprio, na condição de locutor, deveria fazer a divulgação do município de NP. Essa divulgação deveria ser feita na própria comunidade, porém em diferentes situações sociais: em casa, na Capela, na escola, e para pessoas de cidades grandes que visitam a localidade. Para isso, novamente, deveria optar entre as três variedades lingüísticas: PS, DI e LPL, e justificar a escolha e a rejeição. Por uma questão de ética, os nomes dos sujeitos da amostra não serão publicados, e identificação é feita através de números (quadros, 2 e 3).

4.5 Avaliação dos Resultados

Para a avaliação dos resultados:

- a) foi considerada variedade lingüística de prestígio a variedade escolhida pelo sujeito para ser utilizada, em cada questão, posto que teve reação positiva ou juízos de valor positivos em relação ao sistema lingüístico para o fim proposto;
- b) foi considerada variedade lingüística desprestigiada o sistema de fala rejeitado pelo sujeito, em cada questão, posto que teve reação negativa ou juízos de valor negativos em relação ao sistema lingüístico ou apontou-o como impróprio para o fim proposto;
- c) foi considerada reação à estigmatização lingüística toda a opção de rejeição a um sistema de fala que foi justificada, porque a variedade lingüística é caracterizada como “feia” ou caracteriza o falante como “grosso”, “colono”, ou qualquer outro motivo que faça o falante sentir-se envergonhado ou inferior ao utilizá-lo;
- d) foi considerada reação à estigmatização lingüística também toda a opção de rejeição a um sistema de fala que foi justificada, porque a variedade lingüística é caracterizada

como “errada”, fazendo o falante sentir-se ignorante ou linguisticamente incompetente.

Os dados, quantitativos e qualitativos, foram computados, contabilizados e analisados. Os resultados da análise dos dados, apresentados no Capítulo 5, mostram os números das escolhas e das rejeições das variedades lingüísticas para cada fim proposto. Em primeiro lugar, apresentam-se os números das opções segundo o total da amostra, isto é, o número total de avaliações positivas e avaliações negativas para cada uma das questões. Em segundo lugar, apresenta-se a análise qualitativa das justificativas, de acordo com as justificativas dadas pelos sujeitos. Em terceiro lugar, mostra-se o resultado dos dados conforme a faixa etária e o gênero. A seguir, faz-se uma pequena reflexão sobre os resultados de acordo com os princípios teóricos de autores, como: Weinreich, Grosjean, Fishman, Labov e outros.

No final das partes (primeira, segunda, terceira e quarta) mostra-se uma síntese dos resultados e uma reflexão geral. Por fim, as considerações finais da investigação.

5 Descrição e análise dos dados obtidos

Este capítulo traz a apresentação e as análises quantitativa e qualitativa dos dados que foram levantados a partir da aplicação do referido instrumento.

A primeira e a segunda partes revelam as mudanças que determinaram a escolha da variável *idade*. Na primeira, estão os dados obtidos sobre a situação sociocultural dos sujeitos, além dos resultados da pergunta que investigou sobre qual foi a primeira língua dos sujeitos, respondendo à primeira hipótese deste trabalho.

Na segunda parte, estão os dados obtidos sobre aspectos socioeconômicos dos sujeitos, adultos e jovens, revelando o sensível desenvolvimento econômico ocorrido no período de uma geração, em NP.

Na terceira e quarta partes, estão os resultados do questionário e a análise das reações subjetivas da amostra em relação às variedades lingüísticas em uso na comunidade de NP: Português *standard*, Dialeto Italiano e a Variedade Local de Fala de Língua Portuguesa. A apresentação e a análise aparecem na mesma ordem em que as perguntas foram aplicadas pelo instrumento, isto é, subdivididas em **escolha** e **rejeição** de uma variedade lingüística.

5.1 Análise da primeira parte

5.1.1 Perfil sociocultural do grupo adulto

O período histórico que compreende as décadas de 60 e 70 determinou a escolha da variável *idade*, pois partiu-se do pressuposto de que o grupo etário desse período, ao constituir família, interrompeu a transmissão do dialeto italiano aos filhos como primeira língua. O GA é constituído por 8 (oito) sujeitos de faixa etária compreendida entre 35 e 55 anos. É um grupo nativo que teve sua formação no período das mudanças socioculturais da comunidade.

- a) *Constituição familiar* – Três famílias desses sujeitos são constituídas, por avós, pais e filhos, outras somente duas gerações: pais e filhos. Desse grupo, 7 (sete) sujeitos são casados, um (um) é viúvo, e todos têm filhos, no máximo três. Porém, são provenientes de famílias numerosas e possuem em média 8 irmãos (quadro 2). Todos têm parentes próximos (irmãos, cunhados, sobrinhos, primos, etc.) morando em centros urbanos, em número que varia entre 16 e 100.
- b) *Escolaridade e ocupação* – o nível de instrução do GA é, predominantemente, o fundamental. Apenas 1 (um) informante frequentou o Ensino Médio; 5 (cinco) sujeitos disseram ser agricultores, 1 (um) gerente comercial, e 2 (duas) são donas de casa.
- c) *Língua adquirida* – no GA, a primeira língua de 4 (quatro) dos sujeitos foi o dialeto italiano (Coiné veneta), 3 (três) adquiriram a língua portuguesa e o dialeto italiano, simultaneamente, e 1 (um) adquiriu somente a língua portuguesa.
- d) *Língua materna transmitida* – no grupo adulto, todos têm filhos. Dentre esses, 4 (quatro) transmitiram a língua portuguesa aos filhos, e 4 (quatro) transmitiram o português e o dialeto italiano, simultaneamente.
- e) *Campanha de “Brazilianização”* – dos 8 (oito) entrevistados, somente 3 (três) sabiam da existência da campanha que proibia o uso de línguas estrangeiras.

Quadro 2 – RESUMO DO PERFIL SOCIOCULTURAL DO GRUPO ADULTO - GA

ENTREVISTADO N.	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	N. DE FILHOS	N. DE IRMÃOS	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	LÍNG.MA ADQUIRIDA	LÍNG.MA. TRANSMITIDA	CAMP. DE “BRASILIANIZAÇÃO”
01	F	47	C	03	13	ENSINO FUNDAMENTAL	DONA DE CASA	DI	DI e PS	Sim
02	M	46	C	02	08	ENSINO MÉDIO	AGRICULTOR	PS	PS	Sim
04	M	44	C	02	09	ENSINO FUNDAMENTAL	AGRICULTOR	DI e PS	PS	Não
06	M	50	C	03	09	ENSINO FUNDAMENTAL	AGRICULTOR	DI	PS	Não
07	F	53	C	02	08	ENSINO FUNDAMENTAL	AGRICULTOR	DI	DI e PS	Não
08	F	46	V	02	07	ENSINO FUNDAMENTAL	AGRICULTOR	DI	DI e PS	Não

13	F	44	C	01	09	ENSINO FUNDAMENTAL	DONA DE CASA	DI e PS	PS	Sim
14	M	50	C	01	06	ENSINO FUNDAMENTAL	GERENTE COMPRAS	DI e PS	DI e PS	Não

Legenda:**F:** Feminino**M:** Masculino**C:** Casado**S:** Solteiro**V:** Viúvo**LÍNG. MA. ADQUIRIDA:** Língua materna adquirida**LÍNG. MA. TRANSMITIDA:** Língua materna transmitida**PS:** Língua portuguesa *standard***DI:** Dialeto italiano**5.1.2 Perfil sociocultural do grupo jovem**

O grupo jovem caracteriza-se por ser a geração imediatamente subsequente à do grupo adulto. Esse grupo é constituído por 8 (oito) sujeitos, com idade compreendida entre 10 e 30 anos, subdividido em dois grupos iguais de gênero masculino e feminino.

- a) *Constituição familiar* – 4 (quatro) dos entrevistados pertencem a famílias constituídas por três gerações: avós, filhos e netos. As famílias dos outros se constituem por pais e filhos apenas. No GJ, 7 (sete) sujeitos são solteiros, 1 (um) é casado, e nenhum tem filhos. São famílias pequenas: os sujeitos possuem entre um e três irmãos (quadro 3). Todos têm parentes próximos (tios, primos, avós, etc.) morando em grandes centros urbanos, em número que varia de 10 a 80 pessoas.
- b) *Escolaridade e ocupação* – o nível de escolaridade da amostra no GJ resultou em: 5 (cinco) sujeitos possuem Ensino Médio, 2 (dois) cursam Faculdades e 1 (um) tem Ensino Fundamental. Desses, 2 (dois) sujeitos declararam-se agricultores, 4 (quatro) disseram ser estudantes, 1 (uma) dona de casa e 1 (um) é operador de máquinas.
- c) *Língua adquirida* – do grupo jovem, 50% adquiriram apenas a língua portuguesa na infância, a outra metade adquiriu, simultaneamente, o português e o dialeto italiano.
- d) *Língua materna transmitida* – nenhum dos sujeitos desse grupo tem filhos, por isso, a pergunta que investigava qual língua transmitiu aos filhos ficou sem resposta.

- e) *A Campanha de “Brazilianização”* – dos 8 (oito) entrevistados do GJ, nenhum tinha conhecimento da campanha que proibiu o uso de línguas estrangeiras. Portanto, todos os sujeitos do GJ desconhecem que o uso do dialeto italiano um dia foi proibido.

Quadro 3 – RESUMO DO PERFIL SOCIOCULTURAL DO GRUPO JOVEM – GJ

ENTREVISTADO N.	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	N. DE IRMÃOS	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	LÍNG.MA. ADQUIRIDA	LÍNG.MA. TRANSMITIDA	CAMP. DE “BRASILIANIZAÇÃO”
03	F	25	S	02	ENSINO MÉDIO	DONA DE CASA	PS e DI	---	Não
05	F	21	S	02	ENSINO SUPERIOR	ESTUDANTE	PS	---	Não
09	M	22	S	02	ENSINO MÉDIO	AGRICULTOR	PS e DI	---	Não
10	M	17	S	03	ENSINO MÉDIO	ESTUDANTE	PS e DI	---	Não
11	M	26	C	01	ENSINO FUNDAMENTAL	OPERADOR DE MÁQUINA	PS	---	Não
12	M	19	S	03	ENSINO MÉDIO	AGRICULTOR	PS	---	Não
15	F	22	S	02	ENSINO SUPERIOR	ESTUDANTE	PS	---	Não
16	F	17	S	02	ENSINO MÉDIO	ESTUDANTE	PS e DI	---	Não

Legenda:

F: Feminino

M: Masculino

C: Casado

S: Solteiro

LÍNG. MA. ADQUIRIDA: Língua materna adquirida

LÍNG. MA. TRANSMITIDA: Língua materna transmitida

PS: Língua portuguesa *standard*

DI: Dialeto italiano

5.1.3 Síntese dos resultados

Por fim, os dados da primeira parte do instrumento mostraram uma significativa mudança sociocultural na comunidade de NP. Houve considerável redução na constituição familiar e um aumento na escolaridade, que passou do Ensino Fundamental para Ensino Médio e, para alguns, Superior. A aquisição da língua materna sofreu uma inversão, pois enquanto na geração adulta 50% dos sujeitos adquiriram somente o dialeto italiano, na geração jovem, 50% adquiriram somente a língua portuguesa (tabela 1). Poucos sujeitos

tiveram conhecimento da Campanha de “Brazilianização” ou proibição do uso do dialeto italiano, portanto, considerou-se que as atitudes lingüísticas colhidas neste estudo têm correlação mínima com esses fatos históricos.

TABELA 01 – A LÍNGUA MATERNA ADQUIRIDA/16 SUJEITOS – GA e GJ

GRUPO	VARIEDADE LINGÜÍSTICA			Total de sujeitos
	LÍNGUA PORTUGUESA <i>STANDARD</i>	DIALETO ITALIANO	LÍNGUA PORTUGUESA <i>STANDARD</i> e DIALETO ITALIANO	
ADULTO	01 (12,5%)	04 (50%)	03 (37,5%)	08
JOVEM	04 (50%)	00 (0%)	04 (50%)	08

5.2 Análise da segunda parte

5.2.1 Perfil socioeconômico da amostra

Os dados econômicos e culturais foram levantados a partir dos depoimentos dos informantes, por não existirem registros oficiais em virtude de o município de NP ter sido desmembrado do de Flores da Cunha em 1992. Os dados existentes nas fontes oficiais restringem-se ao município (no seu todo) sem a especificação para cada um dos distritos. Apesar disso, foi possível traçar o perfil sociocultural e econômico da amostra deste estudo, que será apresentado, porém sem as subdivisões para adulto e jovem, como foi feito na primeira parte.

Através das informações, fez-se uma comparação da situação socioeconômica no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970 e o atual.

- a) *Situação econômica* – 4 (quatro) sujeitos do grupo adulto entendem que a própria situação econômica, no período de 1960 e 1970 era pior do que é hoje. Para 3 (três), era semelhante à de hoje e 1 (um) disse que hoje a situação financeira é pior (o

provedor da família desse sujeito é caminhoneiro). Foram desconsideradas as respostas do grupo jovem, porque disseram apenas supor como era a situação pelos comentários dos pais.

- b) *Mecanização e meios de transporte* – a mecanização agrícola, em NP, iniciou em torno de 1970. Hoje, segundo as declarações, mais de 60% das famílias possuem um trator e algumas possuem até dois. Quase 40% deles possuem caminhão para transportar a produção e pelo menos 1(um) dos entrevistados afirmou que a família possui mais de um. Mais de 90% das famílias possuem automóvel ou caminhonetes para passeio, e algumas possuem até dois veículos.
- c) *Bens de consumo e meios de comunicação* – a aquisição dos bens de consumo, como eletrodomésticos e meios de comunicação de massas, foi possível a partir da eletrificação, instalada em NP por volta de 1970. Porém, antes havia rádios à pilha, que podem funcionar sem energia elétrica.

Segundo as respostas, 9 (nove) sujeitos da amostra, 8 (oito) jovens e um adulto, afirmaram que o rádio já existia na família quando nasceram e, por isso, não souberam precisar a época em que a família o adquiriu. Para 5 (cinco) entrevistados, o rádio foi adquirido entre 1960 e 1970 e para os outros 2 (dois), antes dessa época. Os eletrodomésticos já existiam em todas as famílias dos jovens quando nasceram. No grupo adulto, 5 (cinco) sujeitos afirmaram que esses bens de consumo foram adquiridos entre as décadas de 60 e 70. Os outros 3 (três), entre as décadas de 70 e 80. As respostas para o *televisor* foram semelhantes às dos eletrodomésticos. Em todas as casas dos sujeitos da amostra há *telefone*. Para 3 (três) entrevistados, o telefone foi adquirido entre 1970 e 1980; para os outros 13 (treze), o telefone foi adquirido depois de 1980. No contato com as famílias dos entrevistados foi observado que muitos jovens navegam pela Internet.

5.2.2 Síntese dos resultados

Por fim, os dados mostraram que importantes mudanças socioeconômicas ocorreram na comunidade de NP a partir das décadas de 60 e 70. Certamente, o fenômeno necessita de maiores estudos para mostrar a exata dimensão. Pode-se, todavia, afirmar que, em relação ao trabalho, a comunidade passou da atividade agrícola braçal (de enxada e de foice) para a mecanização. A eletrificação rural propiciou conforto e bem-estar material pela aquisição de eletrodomésticos. A televisão e o rádio representaram o fim do isolamento informativo e propiciou freqüente contato com a língua portuguesa. Esse contato, possivelmente, favoreceu a *percepção* dos falantes de NP acerca da existência da forma culta de fala da língua portuguesa, o que pode significar a consciência de níveis mais ou menos cultos de fala da língua brasileira e língua “correta” ou “errada”. Além disso, essa percepção, possivelmente, foi além do nível de sistemas lingüísticos, dialeto italiano e língua portuguesa, possibilitando também que se percebesse a diferença existente entre a língua portuguesa culta e a variedade de fala local de língua portuguesa.

5.3 Análise da terceira parte

Nesse segmento, são revelados a análise e os resultados obtidos na terceira parte do instrumento, que contém quatro perguntas subdivididas. Primeiro, a questão solicita ao sujeito para que **escolha** uma das variedades lingüísticas e, segundo, para que elimine uma das variedades que **não usaria** para as propostas sugeridas pela pesquisa (Cap. 4). A seguir, a questão pede uma justificativa para a opção. A análise dos resultados foi feita para cada questão separadamente. Uma vez que se obtiveram justificativas longas, juntamente com

divagações pessoais do sujeito, transcreveu-se a síntese da resposta (geralmente uma frase) na qual ele explica o porquê da opção. Não estão transcritas as respostas de todos os sujeitos a todas as questões por dois motivos: primeiro, a apresentação tornar-se-ia excessivamente extensa e, segundo, porque muitas respostas são semelhantes. Assim, foram selecionadas as respostas de forma a mostrar justificativas diversas, incluindo no texto um número igual de justificativas para cada sujeito. A transcrição das respostas não é fonética, pois não é esse objetivo do estudo. Encerra-se a terceira parte com uma síntese dos resultados.

5.3.1 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de divulgar o município, mostrando os aspectos naturais e culturais de NP

Em NP, a cultura italiana ainda está muito presente na culinária e no que diz respeito a homenagens a santos, que são realizadas com grandes festas. Para realizar a festa do padroeiro, em uma Capela, por exemplo, quase todos os membros são convocados para trabalhar: os jovens fazem o trabalho mais pesado, e os velhos se responsabilizam pelos mais leves, como fechar *agnolini*. Nos salões, cabem, em média, oitocentos convidados. A comunidade procura vender todos os ingressos, pois parte do lucro é utilizado para manter o patrimônio da Capela e fazer novos investimentos. Portanto, é de interesse comum que as festas tenham sucesso e, em torno dessas festas, forma-se uma Comunidade de Prática de acordo com a concepção de Meyerhoff, citado por Chambers (2002).

Nessa questão, perguntou-se aos sujeitos qual das três mensagens publicitárias, versões PS, DI ou LPL, ele **escolheria** para divulgar o município de NP: a gastronomia, as festas da colônia, os atrativos naturais e culturais com o objetivo de atrair turistas.

Como se pode ver na tabela 2, as respostas a essa pergunta mostram a equivalência entre os índices de escolha da variedade dialetal italiana e a variedade de fala local de língua portuguesa: 43,75% dos sujeitos atribuíram prestígio, tanto para a LPL como ao DI, e

somente 12,5% avaliaram positivamente o PS, apontando para uma sintonia com a fala dialetal italiana e a variedade de língua portuguesa local.

TABELA 2 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, ASPECTOS NATURAIS E CULTURAIS DE NP: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	02	12,50
DI.....	07	43,75
LPL.....	07	43,75
TOTAL	16	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Ao atribuir prestígio ao português *standard*, os sujeitos do estudo revelaram preocupação com a eficácia da mensagem, quer dizer, a publicidade poderia não cumprir seu objetivo de comunicar devido ao sistema de fala utilizado. Portanto, as atitudes foram racionalizadas, e não subjetivas:

“Porque se eu colocasse uma coisa em dialeto, ia te(r) um público que não ia entende(r).” (05)

“Porque nem todo mundo entende o dialeto.” (12)

As atitudes subjetivas dos 43,75% dos sujeitos que atribuíram prestígio ao DI revelaram que os bilíngües ignoraram que esse sistema de fala é de uso restrito, e as respostas parecem orientar-se pela estima ao próprio sistema de fala, elemento da própria cultura:

“Porque eu entendo e acho bonito.” (03)

“Porque o povo de Nova Pádua se sentiria bem. Até valorizado.” (01)

“Nós vamo(s) usa(r) o nosso jeito de se(r). A nossa cultura, como a gente é.” (11)

“Porque é bom fala(r) só de uma língua, não misturado.” (04)

Os argumentos que justificaram o prestígio à LPL revelam a preocupação do falante em facilitar a comunicação com o interlocutor ou em valorizar a cultura local, que não é mais exclusivamente italiana, mas ítalo-brasileira:

“Como sendo um pequeno paraíso italiano, se mistura(r) Nova Pádua com Itália, então fica esse português com italiano.” (08)

“Para mostra(r) como nós falamos, como nossos pais...” (02)

“É o português que todo mundo entende...” (09)

“Porque todos vão consegui(r)entende(r).” (16)

Para a análise das justificativas lembra-se que, do ponto de vista de Grosjean (1982), (Cap. 3), a língua pode ser vista, tanto como instrumento de comunicação quanto como símbolo de identidade. Por ser um símbolo, a língua é acompanhada de atitudes e valores possuídos por seus usuários e também por pessoas que não sabem a língua.

Nessa questão, fatores sociais como sentimento de pertença ao grupo étnico italiano e lealdade para com a língua dos ancestrais atuaram como determinantes na escolha das variedades lingüísticas, pois até as marcas do DI presentes na língua portuguesa foram valorizadas.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

De acordo com a tabela 3, percebe-se uma pequena discrepância entre as duas gerações referente ao significado social atribuído às variedades lingüísticas. O GA atribuiu maior valor positivo à LPL (62,50%), apontando para uma identificação com a cultura local, enquanto o GJ parece reconhecer mais a identidade étnica do grupo, atribuindo maior valor positivo ao DI, com 50% das escolhas. Destaca-se a frequência zero de escolhas do PS no GA, mostrando que para os adultos a língua portuguesa culta não identifica uma Comunidade de Prática.

TABELA 3 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, OS ASPECTOS NATURAIS E CULTURAIS DE NP: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	00	00	02	25,0
DI.....	03	37,5	04	50,0
LPL.....	05	62,5	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Referentemente aos gêneros, a tabela 4 revela que homens e mulheres atribuíram juízos de valor às variedades lingüísticas de forma semelhante. Ambos os gêneros deram pouco prestígio ao PS: somente 12,5% em ambos os grupos. As mulheres conferiram maior prestígio ao DI (50%) do que os homens (37,5%). Os homens (destacam-se os adultos) atribuíram maior prestígio à LPL (50%) do que as mulheres (37,5%).

TABELA 04 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, ASPECTOS NATURAIS E CULTURAIS DE NP: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	01	12,5	01	12,5
DI.....	03	37,5	04	50,0
LPL.....	04	50,0	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

5.3.1.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de divulgar o município, mostrando aspectos naturais e culturais de NP

Nessa questão, perguntou-se à amostra qual das três mensagens publicitárias, versões PS, DI ou LPL, ele **não escolheria** para divulgar o município de NP, a gastronomia, as festas da colônia, os atrativos naturais e culturais com o objetivo de atrair turistas.

A tabela 5 revela que 43,75% dos sujeitos atribuíram valor negativo ao PS, 25% dos sujeitos atribuíram valor negativo ao DI, enquanto 31,25% avaliaram negativamente a LPL.

TABELA 5 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, ASPECTOS NATURAIS E CULTURAIS DE NP: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	07	43,75
DI.....	04	25,00
LPL.....	05	31,25

TOTAL	16	100
Fre. R. = Frequência de Rejeição DI = Dialeto Italiano	PS = Língua Portuguesa <i>Standard</i> LPL = Língua Portuguesa Local	

Observa-se coerência entre as avaliações positivas e negativas da questão. O PS foi a variedade lingüística mais rejeitada, porém a análise qualitativa mostra a ausência de estigma para com a língua oficial. O pouco prestígio do PS justifica-se pela ausência de identidade com essa variedade de fala, e as atitudes revelaram preocupação em preservar a cultura e a identidade italianas. Isto é, não usam o português porque desejam conservar o DI:

“Porque daí a gente iria exclui(r) totalmente a nossa origem.” (15)

“Porque toda a região fala italiano. Então, por que fala(r) o português?” (01)

“Porque já que é uma cidade que tem bastante italianos, falam... a maioria fala italiano.” (16)

“Porque o italiano já... já fica dentro.” (06)

O DI sofreu o menor índice de rejeição (25%) e não apresentou marcas de estigma. Os sujeitos o evitaram porque poderia não cumprir a função de comunicar a mensagem:

“Porque o DI é mais difícil de se(r) entendido. O português todo mundo entende.” (13)

“Se tu que(r) divulga(r), não é todo mundo que vai entende(r).” (09)

Os juízos de valor negativo em relação à LPL apontam para a percepção de estigma, pois essa é a fala do “colono” (07): um indivíduo de classe social inferior. Observa-se, também, a percepção do estereótipo lingüístico. A percepção de “erro” lingüístico aponta para um estereótipo lingüístico, pois é forma de fala que denota ignorância (“errada”) e da incompetência “engasgada”, “embaralhada” e, por isso, deve ser evitada:

“Por causa que fica tudo meio embaralhado, meio engasgado.” (04)

“Porque, se eles não entenderiam(entendessem), partia pro português. Seria misturado, que nem, (es)taria er(r)ado.” (10)

“Porque eu acho que esse sotaque aqui, muitas vezes eles debocha(m). *Come i dize, coloni.* Isso e aquilo... Então, se for pra faze(r) uma coisa melhor, (usa-se) ou o português ou o dialeto.” (07)

As variáveis sociais: faixa etária e gênero

A tabela 6 revela um comportamento lingüístico variado entre os sujeitos das diferentes faixas etárias. No GA, 50% dos sujeitos atribuíram valor negativo ao PS, 25% rejeitaram o DI, e 25% avaliaram negativamente a LPL. O grupo jovem também mostrou certa confusão nas opções de rejeição, porém foi o dialeto italiano que sofreu menor avaliação negativa. O índice valor negativo foi 37,5%, tanto ao PS como à LPL, enquanto a rejeição ao DI foi de 25%.

TABELA 6 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, ASPECTOS NATURAIS E CULTURAIS DE NP: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	03	37,5
DI.....	02	25,0	02	25,0
LPL.....	02	25,0	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição

PS = Língua Portuguesa *Standard*

DI = Dialeto Italiano

LPL = Língua Portuguesa Local

A análise através dos gêneros, cfe tabela 7, mostrou uma inversão nos juízos de valor negativo em relação ao DI e à LPL. Enquanto somente 12,5% dos homens rejeitaram o dialeto italiano, 37,5% das mulheres o eliminaram; a LPL foi rejeitada por 50% dos homens, enquanto somente 12,5% das mulheres atribuíram valor negativo a essa variedade lingüística. Em relação ao PS, houve pouca discrepância: 50% das mulheres e 37,5% dos homens atribuíram valor negativo à variedade *standard* de língua portuguesa.

TABELA 7 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, ASPECTOS NATURAIS E CULTURAIS DE NP: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	03	37,5	04	50,0
DI.....	01	12,5	03	37,5
LPL.....	04	50,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição

PS = Língua Portuguesa *Standard*

DI = Dialeto Italiano

LPL = Língua Portuguesa Local

A divergência dos resultados entre os gêneros aponta para um comportamento masculino mais conservador e a um feminino mais inovador, pois as mulheres avaliaram negativamente o DI mais do que os homens. Numa avaliação sociolingüística, pode-se entender que a vergonha apresenta-se nas situações de uso do dialeto italiano e a variedade de fala local de língua portuguesa, justamente os sistemas de fala que refletem a identidade italiana do usuário.

5.3.2 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que NP é um *pequeno paraíso*

A Bíblia diz que o *Paraíso* é um Éden (MICHAELIS, 1998), o lugar criado por Deus para abrigar Adão e Eva; para a teologia, *Paraíso* é o céu, o lugar dos bem-aventurados; para a economia, é paraíso fiscal, um país onde não se pagam tributos, e assim por diante.

A expressão *pequeno paraíso italiano* foi utilizada na Campanha Pró-Emancipação do Município. A frase agradou à comunidade, que a adotou mesmo após a emancipação. Parece que ela encerra a ideologia de NP, pois para os nativos a expressão resume as características do lugar: não há pobreza, as pessoas são solidárias e são todos “iguais,”²⁸ as pessoas têm tudo de que precisam: trabalho, boa alimentação, escola e o conforto dos meios de comunicação e de transporte, e evoca um lugar tranqüilo.

Para a pesquisa, entendeu-se ser necessário investigar a correlação entre a ideologia e as variedades lingüísticas, perguntando qual das três mensagens publicitárias: em português *standard*, em dialeto italiano ou na variedade de fala de língua portuguesa local, os sujeitos **escolheriam** para mostrar que NP é um *pequeno paraíso* e que em NP vive-se bem. Entretanto, na pergunta, o vocábulo **italiano** foi excluído, pois, dessa forma, se evitaria

²⁸ O termo “iguais” é entendido no sentido de homogeneidade étnica.

sugerir uma correlação entre a expressão *pequeno paraíso italiano* com a segunda opção das respostas: b) dialeto italiano.

Conforme a tabela 8, observa-se que o maior percentual de avaliações positivas (62,5%) foi atribuído ao DI. Outros 25% escolheram a LPL, e apenas 12,5% optaram o PS.

TABELA 8 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE NP É UM PEQUENO PARAÍSO: TOTAL DA AMOSTRA

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	02	12,5
DI.....	10	62,5
LPL.....	04	25,0
TOTAL	16	100

Fre. E. = frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As atitudes positivas para com o PS indicam um comportamento orientado para a solidariedade ao receptor da mensagem, isto é, decorre da disposição em facilitar a comunicação:

“Pra publicidade, então, tem que se(r) o português. Porque o italiano, nem todo mundo entende o italiano.” (07)

As reações subjetivas positivas em relação ao DI indicam a correlação feita pelo sujeito entre a frase e a identidade étnica:

“Porque já teria que dizer as raízes do pessoal que veio da Itália e tudo.” (06)

“Por ser um lugarzinho pequeninho.... próprio italiano descendente, mio padre veio da Itália pra cá, pra continuar a cultura que está em nós.” (11)

“Porque, assim, é uma cultura daqui.” (03)

“Pra continua(r), pra mostra(r) que aqui é uma cidade italiana.” (15)

“Porque ainda teria recordação dos antigos que eram italianos, né.” (14)

A avaliação positiva com a LPL é baixa (25%) se comparada ao DI. As justificativas apontam para um latente reconhecimento da existência de uma prática etnolingüística local:

“Porque a gente se entende melhor assim. É um pessoal simples que não precisa de muitas história(s) de fala(r) tudo correto pra se vive(r) bem, né.” (08)

“Porque a gente mostra a forma de como nós aqui vivemos. A forma de como nós mantemos a tradição que nossos pais trouxeram de fora.” (02)

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise por faixa etária revela que os jovens atribuíram maior valor positivo à variedade dialetal italiana do que os adultos (tabela 9). O GA e o GJ avaliaram igualmente a língua portuguesa *standard*, atribuindo-lhe pouco prestígio, 12,5% em cada grupo. Quanto ao dialeto italiano, o GJ atribui maior prestígio (75%) do que o GA (50%). A avaliação positiva para com a variedade de fala local de língua portuguesa foi consideravelmente maior no grupo adulto (37,5%), enquanto somente 12,5% dos jovens manifestaram prestígio à LPL.

TABELA 9 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE NOVA PÁDUA É UM *PEQUENO PARAÍSO*: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	01	12,5	01	12,5
DI.....	04	50,0	06	75,0
LPL.....	03	37,5	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Referentemente aos gêneros, a tabela 10 mostra que a frequência de avaliação positiva dos homens para com o DI (75%) é maior do que a avaliação das mulheres (50%), E mulheres jovens atribuíram maior prestígio ao DI do que as adultas. Homens e mulheres atribuíram prestígio igual e reduzido ao PS, 12,5% das opções em cada grupo. A LPL foi prestigiada mais pelas mulheres, 37,5% das escolhas (destacou-se o GAF), enquanto somente 12,5% dos homens atribuíram prestígio à variedade de fala de língua portuguesa local.

TABELA 10 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE NOVA PÁDUA É UM *PEQUENO PARAÍSO*: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E	%	Fre. E	%
PS.....	01	12,5	01	12,5

DI.....	06	75,0	04	50,0
LPL.....	01	12,5	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise para a questão remete-nos a Blom e Gumperz (2002), pois afirmam que os membros da comunidade de Hemnesberget, ao utilizar o seu dialeto, se reconhecem como um *time local*. O dialeto para os falantes é importante porque é um sinal de diferenciação e de identificação com os indivíduos de origem local.

Em NP, foi inevitável a correlação entre a variedade dialetal italiana e a frase que remete à ideologia da comunidade, neste estudo e o sentimento étnico mostrou-se relevante. O grupo jovem destacou-se, atribuindo maior prestígio ao dialeto italiano do que os adultos.

5.3.2.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que NP é um *pequeno paraíso*.

Essa questão perguntou à amostra da pesquisa qual das variedades lingüísticas **não escolheria** de forma alguma para mostrar que NP é um *pequeno paraíso*.

Para a avaliação negativa (tabela 11) houve coerência dos sujeitos entre escolha e rejeição em relação ao dialeto italiano, posto que 18,75% atribuíram valor negativo ao dialeto italiano, enquanto 50% evitaram a língua portuguesa *standard*, e 31,25% dos sujeitos avaliaram negativamente a LPL.

TABELA 11 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE NP É UM PEQUENO PARAÍSO: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	08	50,00
DI.....	03	18,75
LPL.....	05	31,25
TOTAL	16	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição

PS = Língua Portuguesa *Standard*

DI = Dialeto Italiano

LPL = Língua Portuguesa Local

Observa-se que houve pouca rejeição à variedade dialetal italiana. Segundo Weinreich (1974, p. 146), o sentimento de fidelidade lingüística, normalmente, surge em situações de línguas em contato, e a lealdade lingüística aparece como o desejo de uma comunidade lingüística em conservar sua língua e, se necessário, defendê-la da usurpação estrangeira.

Nesta pesquisa, atitudes lingüísticas negativas em relação ao português *standard* revelam a existência de uma preocupação para com uma possível substituição da língua materna dos patriarcas, o dialeto italiano. Além disso, o português aparece como uma segunda língua difícil (tem que estudar) para outros eliminar o português significa conservar a identidade italiana. Mesmo assim, ninguém atribuiu estigma ao PS:

“Eu vo(u) ter que elimina(r) o português *standard*. Porque se eu elimina(r) o português com sotaque italiano, vo(u) termina(r) também com a mistura do italiano com o português. E não vai mais fica(r) o italiano, eu acho.”(16)

“Porque é mais difícil. Tem que studia(r). O italiano também é difícil, mas o português também.” (08)

“Porque não faz parte da nossa tradição. Só por isso que a gente aqui só fala italiano e a gente se obriga a fala(r) português, quando vêm as pessoas de fora.” (01)

“Ah, uma região de italianos tem que te(r) sempre o italiano no meio.” (12)

A avaliação negativa para com o DI foi justificada, principalmente, em função da solidariedade com o receptor da mensagem, no sentido de facilitar a comunicação.

“eu vo(u) te(r) que elimina(r) de novo o dialeto porque ninguém entende.” (13)

A LPL, novamente, é evitada por apresentar mescla lingüística. A interferência das línguas aparece como um “erro” lingüístico, que pode significar incompetência em língua portuguesa e, conseqüentemente, vergonha:

“Porque quando nós era(mos) pequenininho aí falava português e, às vezes, misturava italiano. Aí a gente chegava a i(r) pra escola e chegava a confundi(r). Como a gente podia escreve(r), às vezes, a gente acabava escrevendo errado.” (03)

“Porque fica misturado.” (14)

Portanto, a preocupação com o “erro” lingüístico determina a escolha e uso da variedade de fala.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A faixa etária, conforme a tabela 12, avaliou negativamente o PS de forma idêntica: 50% tanto no GA como no GJ. O dialeto italiano foi avaliado negativamente por 25% dos adultos (destacou-se o GAF) e por 12,5% dos jovens. A LPL foi mais rejeitada pelos jovens (37,50%) do que pelos adultos (25%).

TABELA 12 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE NOVA PÁDUA É UM PEQUENO PARAÍSO: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	04	50,0
DI.....	02	25,0	01	12,5
LPL.....	02	25,0	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Referentemente aos gêneros, a tabela 13 revela um percentual idêntico de juízos de valor negativo ao PS homens e mulheres: 50% em ambos os gêneros. Contudo, em relação às outras variedades, homens e mulheres divergiram. Nos grupos masculinos, 50% dos sujeitos avaliaram negativamente a LPL, e nenhum homem rejeitou o dialeto italiano. No gênero feminino, 37,5% das mulheres rejeitaram o DI, e somente 12,5% rejeitaram a LPL.

TABELA 13 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE NOVA PÁDUA É UM PEQUENO PARAÍSO: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	04	50,0
DI.....	00	00	03	37,5
LPL.....	04	50,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As demonstrações de fidelidade ou lealdade lingüística ao dialeto italiano sugerem reações subjetivas à perspectiva da perda do símbolo lingüístico de identidade de grupo. As reações negativas com relação ao “erro” lingüístico percebido na LPL podem ser analisadas à luz de Fishman (1975, p. 217), pois entende ele que onde se apresentam atitudes e consciência de tipo purístico, a interferência pode ser vista não como uma imperfeição do falante ou daquilo que ele diz, mas da própria língua. Em situações de bilingüismo, afirma, a interferência ou a alternância de códigos está em relação, de um lado, com os domínios e as causas da variação do bilingüismo e, de outro, com os processos socioculturais e o tipo de interação.

5.3.3 Avaliação positiva das variedades para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que o povo de NP é inteligente, trabalhador e capaz de grande progresso econômico

Em NP, trabalha-se muito. Tratores e máquinas estão sempre funcionando. ,Em dias de semana, é difícil encontrar alguém em casa se tiver sol. Se chover, as pessoas estão nos galpões preparando cargas de produtos para vender. Para investigar a relação entre *língua* e *trabalho*, indagou-se à amostra qual das três mensagens, em PS, DI ou LPL, escolheriam para mostrar que o povo de NP é um povo **inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico.**

Frisa-se que a ocupação predominante em NP é o trabalho agrícola, posto que menos de 25% dos habitantes residem no núcleo urbano. Assim, parece que as variedades lingüísticas têm significado semelhante para os bilíngües, tanto os que vivem na pequena cidade como os da área rural. Lembra-se que em determinado momento da história recente ocorreu um considerável desenvolvimento socioeconômico, conforme dito anteriormente.

Os resultados dos dados mostram a semelhança numérica no índice de escolhas das variedades lingüísticas, indicando, mesmo pequena, uma mudança nas atitudes lingüísticas em

relação ao dialeto italiano, pois ocorreu um relativo decréscimo de prestígio ao DI (37,5%) e um relativo aumento de prestígio do PS (31,25%). O percentual de frequência de escolhas da variedade portuguesa local (31,25%) equiparou-se ao DI (tabela 14).

TABELA 14 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE O POVO DE NOVA PÁDUA É INTELIGENTE, TRABALHADOR E CAPAZ DE GRANDE PROGRESSO ECONÔMICO: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	05	31,25
DI.....	06	37,50
LPL.....	05	31,25
TOTAL	16	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As reações lingüísticas subjetivas, ao serem relacionados língua, trabalho e progresso econômico, podem ser interpretadas de acordo com Siguan (2001, p. 153), haja vista entender que a escolha das línguas, para o bilíngüe, será determinada pela identificação que ele possui com cada uma delas, o desejo de utilizá-las e as normas que regulam o uso de uma ou de outra língua em situações distintas. Entretanto, no caso de imigrantes que chegam em busca de subsistência econômica, se chegarem em número considerável, constituir-se-ão em minorias lingüísticas, e a língua de origem será frágil diante da língua do país receptor. Por mais forte que seja o desejo de manter a própria identidade cultural e lingüística, o imigrante não pode deixar de valorizar a língua do país em que se instalou e nem de dominá-la para assegurar a própria integração e sobrevivência.

Segundo a avaliação da amostra, o prestígio atribuído ao português *standard* decorre, principalmente, do *status* que o sistema lingüístico oferece, pela possibilidade de ascensão econômica e intelectual e em função do receptor da mensagem e pela preocupação em proteger-se do estigma de colono:

“Tem que se(r) português. Se não, como é que tu vai na televisão fala(r) italiano? *Chi che entende?*”²⁸ (07)

“Quando í (for) para fora, mostrar que estudo(u). Porque quando tu começa fala(r) italiano, na cidade, eles dizem que é um colono, não sei o quê...” (10)

“Porque seria um dialeto puro já dentro da..., da mídia, sei lá, uma coisa assim... que tu (es)tá indo pra frente.” (14)

As justificativas para as escolhas do DI podem indicar a presença do estereótipo *italiano = trabalhador* e a correlação língua e identidade étnica:

“Pra continua(r)... resgata(r) a origem italiana, não perde(r) aquilo que veio das nossas raízes.” (15)

“Porque todos são trabalhadores, são descendente(s) de italiano, têm as mesmas origem(ns).” (11)

“O italiano é bonito, bem falado ele é bonito. Pra mostra(r) a beleza do nosso município tem que se(r) italiano.” (13)

As reações positivas em relação à LPL, novamente, apontam para a consciência de uma cultural local, caracterizada pela produção lingüística de língua portuguesa com a presença de características do dialeto italiano:

“Vai se entrosa(r) com a área de bastante produção, vai se entrosa(r) também com gente da cidade, de fora daqui, que vai fala(r) português. Vai vende(r) a mercadoria. É bastante inteligente porque sabe negocia(r) e sabe produzi(r). Jeito da Itália e falando o jeito de todo Brasil, de toda região.” (16)

“Porque daí combina português com italiano, aquela salada de fruta.” (06)

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise dos dados de acordo com a faixa etária revela que adultos e jovens atribuíram juízos de valor positivo de forma semelhante aos sistemas de fala. A tabela 15 mostra que o português *standard* foi avaliado positivamente por 25% do GA e por 37,5 do GJ. À variedade dialetal italiana foi atribuído prestígio por 37,5% do grupo adulto, e o mesmo índice foi atingido pelo grupo jovem. A LPL foi avaliada positivamente por 37,5% do GA e por 25% do GJ.

²⁸ “*Chi che entende*” = “Quem entende?” (Tradução nossa.)

TABELA 15 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE O POVO DE NOVA PÁDUA É INTELIGENTE, TRABALHADOR E CAPAZ DE GRANDE PROGRESSO ECONÔMICO: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	02	25,0	03	37,5
DI.....	03	37,5	03	37,5
LPL.....	03	37,5	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Observe-se pela tabela 16 que os dados revelam mudanças de atitudes lingüísticas. Os homens, que nas propostas anteriores, atribuíram maior prestígio ao dialeto italiano, nessa questão, atribuíram prestígio maior às variedades de língua portuguesa. No grupo masculino, 37,5% atribuíram prestígio ao PS, outros 37,5% escolheram a LPL, enquanto 25% avaliaram positivamente o DI. Mudanças de avaliação ocorreram também no grupo feminino, que atribuiu maior prestígio ao DI do que os homens. Nessa proposta, 50% das mulheres atribuíram prestígio ao DI, enquanto 25% avaliaram positivamente a LPL, e 25% atribuíram juízos de valor positivo ao PS.

TABELA 16 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE O POVO DE NOVA PÁDUA É INTELIGENTE, TRABALHADOR E CAPAZ DE GRANDE PROGRESSO ECONÔMICO: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	03	37,5	02	25,0
DI.....	02	25,0	04	50,0
LPL.....	03	37,5	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As atitudes lingüísticas masculinas, nessa questão, indicam que a necessidade de subsistência exerce pressão sobre o indivíduo no sentido de procurar dominar a língua comum da economia e, no caso de imigrantes, a língua do país receptor. Os homens, pela necessidade de interação com o meio urbano, percebem mais do que as mulheres essa necessidade e atribuíram maior prestígio às variedades de língua portuguesa. Esse comportamento indica que as novas formas de produção, mesmo agrícolas, representam um novo universo em que o dialeto italiano não cumpre mais integralmente a função de comunicação. A interação com o meio urbano dá-se através da compra de subsídios agrícolas e venda de produtos, uma função predominantemente masculina. Dessa forma, os homens têm mais presente a necessidade de domínio da língua portuguesa para uma situação de trabalho, enquanto as mulheres parecem correlacionar o trabalho somente ao cultivo.

5.3.3.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar que o povo de NP é inteligente, trabalhador e capaz de grande progresso econômico

Nessa questão, perguntou-se aos sujeitos qual das três mensagens publicitárias, na versão PS, DI ou LPL, eles **não escolheriam** para mostrar que o povo de NP é **inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico**.

A análise mostra (tabela 17) que as reações avaliativas negativas contradizem-se com a primeira parte, em que o índice de freqüência de escolhas do DI foi reduzido. A redução de avaliação positiva criou uma expectativa de maior rejeição à variedade dialetal italiana. Surpreendentemente, nenhum sujeito atribuiu valor negativo ao DI, que obteve índice ZERO. A avaliação negativa dividiu-se entre o PS e a LPL, ou seja, 50% de freqüência de rejeição para cada uma das variedades lingüísticas.

TABELA 17 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE O POVO DE NP É INTELIGENTE, TRABALHADOR E CAPAZ DE GRANDE PROGRESSO ECONÔMICO: TOTAL DA AMOSTRA

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	08	50,0
DI.....	00	00
LPL.....	08	50,0
TOTAL	16	100

Fre. R = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As reações subjetivas lingüísticas apontam para uma correlação entre etnia italiana, trabalho e fidelidade lingüística, mas não há referência de estigma ou desprestígio ao PS:

“Se eu fala(r) português eu vo(u) dize(r) que eu vim de Portugal. Não, eu vo(u) te(r) que mostra(r) de onde eu vim, porque que eu (es)to(u) aqui e o que eu (es)to(u) fazendo aqui porque eu trouxe tudo de lá. No caso, eu não, meus antepassados trouxeram.” (02)

“Ah, porque isso aí é tipo... uma coisa mais interior, mais italiana, que nem... não é uma coisa mais culta de cidade, daí é melhor usa(r) esse.” (9)

“Porque eu acho, assim, que não vem da pessoa, assim, de ela fala(r) português com sotaque italiano. Eu acho, assim, que de certa forma a pessoa acaba falando errado, não é porque ela não tenha capacidade.” (03)

O comportamento negativo em relação à LPL aponta para o estigma lingüístico, pois a mescla lingüística é vista como “erro” lingüístico e, por isso, deve ser corrigido, indicando a presença de estigma lingüístico:

“Porque eles iam dize(r): – Ah, olha o jeito que eles falam, só pode se(r) colono.” (05)

“Porque eu não gosto muito da língua misturada. [...] Porque fica tudo atrapalhado. Parece até que as palavras são mastigadas. [...] Por que eu não usaria uma? Será que é porque todo mundo diz *i colonoti*? porque quem fala misturado é colono. Eles dizem: – Ali nós não vamo(s) porque é *puri coloni*. [...] De gente burra, ignorante. Colono é se(r) burro, ignorante, que não sabe nada. Por isso que não gostam de se(r)chamado(s) de *colonoti, coloni*.” (13)

“Porque fica misturado.” (14)

A análise dos dados permite dizer que o índice ZERO de rejeição para o DI foi significativo, pois correlacionamos língua-trabalho-progresso e os sujeitos associaram a variedade dialetal italiana ao trabalho e à etnia. Por isso, acreditamos que o fato de ser italiano confere *status* de trabalhador ao indivíduo, e esse é um aspecto positivo do imigrante. Além disso, atitudes podem revelar o estereótipo do italiano-trabalhador, um tipo social que foi

construído pelo “mito” do imigrante (IANNI, 1979, p. 18) que veio fazer a América, desbravador, trabalhador, resistente e, conseqüentemente, heróico e vitorioso.

Goffman (1988, p. 148) afirma que o estigma não envolve tanto um conjunto de indivíduos concretos quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo, o normal e o estigmatizado, participa de ambos. O normal e o estigmatizado não são pessoas, mas perspectivas geradas em situações sociais durante contatos mistos, em virtude de normas não-cumpridas que atuam sobre o encontro. De forma semelhante às marcas corporais, é interessante observar como, no uso das línguas, em determinadas situações, o sujeito procura “encobrir”, as marcas linguísticas de uma variedade de fala sem prestígio. Em outra situação, porém, a vergonha pode desaparecer, ele sentir orgulho da marca e ostentá-la.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise por faixas etárias revelou (tabela 18) uma avaliação negativa idêntica entre as diferentes faixas etárias da amostra: 50% dos adultos e 50% dos jovens evitaram, tanto o PS como a LPL. Entretanto, deve-se destacar que no GA os juízos de valor negativo foram idênticos entre homens e mulheres, porém, no GJ, a LPL sofreu maior avaliação negativa por parte dos homens, e as mulheres atribuíram maior valor negativo ao PS.

TABELA 18 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE O POVO DE NOVA PÁDUA É INTELIGENTE, TRABALHADOR, CAPAZ DE GRANDE PROGRESSO ECONÔMICO: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	04	50,0
DI.....	00	00	00	00
LPL.....	04	50,0	04	50,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise referente aos gêneros mostrou que homens e mulheres divergiram quanto à avaliação negativa em relação às variedades de fala de língua portuguesa. A tabela 19 mostra

que as mulheres atribuíram maior valor negativo ao PS (62,5%), enquanto os homens (62,5%) atribuíram maior valor negativo à LPL (destaca-se o GJM).

TABELA 19 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, QUE O POVO DE NP É INTELIGENTE, TRABALHADOR E CAPAZ DE GRANDE PROGRESSO ECONÔMICO: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	03	37,5	05	62,5
DI.....	00	00	00	00
LPL.....	05	62,5	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

5.3.4 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar a verdadeira identidade de NP

O objetivo da última questão da terceira parte do instrumento foi levar a amostra a uma reflexão sobre a própria identidade lingüística. Por isso, explicitou-se o vocábulo *identidade* de NP e alertou-se de que a publicidade seria veiculada em veículos de comunicação como rádio e TV. Assim, indagou-se aos sujeitos qual das três mensagens, em língua portuguesa *standard*, dialeto italiano ou variedade de fala de língua portuguesa local, ele **escolheria** para mostrar **a verdadeira identidade** de NP, sua cultura e seus costumes, na mídia (TV e rádio).

Para Labov (1976), um grupo social pode utilizar uma forma lingüística não-padrão, estigmatizada, como arma para demarcar seu espaço, sua identidade, sua cultura local e seu perfil de comunidade como grupo social separado. Nessa pesquisa, ao explicitar e correlacionar língua e identidade, as reações positivas da amostra traduziram-se em maior prestígio ao dialeto italiano, com 56,25% da frequência de escolhas. Somente 18,75% dos

sujeitos atribuíram prestígio ao PS, e 25% dos sujeitos atribuíram juízos de valor positivo à LPL (tabela 20).

TABELA 20 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, A VERDADEIRA IDENTIDADE DE NP: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	03	18,75
DI.....	09	56,25
LPL.....	04	25,0
TOTAL	16	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A solidariedade ao receptor da mensagem justifica a avaliação positiva ao PS e, além disso, os sujeitos preocupam-se com a eficácia da mensagem. Porém, reafirma-se a ausência de identidade lingüística com a língua portuguesa culta. O *não-dito*, para a frase “exige um certo nível cultural” revela o estigma do DI e da LPL, pois não têm nível cultural, entende-se nível de instrução, suficiente para mostrar uma comunidade na mídia. Só português *standard* revela esse nível:

“Eu ia fala(r) todas as verdades, mas usando essa linguagem. Porque eu ia (es)tá(r) na TV, ia (es)tá(r) no rádio... sei lá, é uma imprensa, eu acho que isso exige um certo.... um certo nível cultural.”(05)

As justificativas para a avaliação positiva à variedade dialetal italiana reivindicam o resgate da cultura e reforçam a identidade étnico-lingüística:

“Porque, na maioria (das vezes), na TV, sempre passa tudo em português, tudo em português?”

Por que quando é num lugar que, digamos assim, por exemplo, é uma cultura que vem de fora, vem aqui pro Brasil, é uma região de alemão(ães) eles fazem na sua língua? Seu comercial é tudo em alemão, eles procuram sua origem, por que nós não podemos cultiva(r)?” (11)

“Porque é uma região de italianos aqui em Nova Pádua. É mais fácil pros turistas vi(re)m.” (04)

“Pra mostra(r) que o município é de pequeno porte e dize(r) que têm culturas italianas, falando italiano.” (10)

A amostra justificou o prestígio atribuído à LPL reafirmando a consciência da cultura do grupo social e da identidade lingüística local. Novamente, sujeitos racionalizaram e evitaram reações subjetivas, acreditando que a propaganda deve chamar a atenção:

“Porque é assim que é Nova Pádua, o pessoal daqui fala e vive.” (07)

“Na rádio e na TV já seria importante o dialeto italiano. Essa mistura que vai faze(r) com o quê? Vai faze(r) com que chame atenção porque é uma propaganda. E a propaganda tem que chama(r) a atenção, né? Pra chama(r) atenção eu tenho que faze(r) alguma coisa diferente.” (02)

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise dos dados de acordo com as faixas etárias, revela uma significativa divergência entre os valores atribuídos às variedades lingüísticas para a proposta de mostrar a identidade do grupo social de NP. A tabela 21 revela que o GA não pôde relacionar a própria identidade à língua portuguesa *standard* e atribuiu-lhe prestígio ZERO, mostrando a ausência de identidade com o PS. O GJ não suportou a correlação identidade e LPL e atribuiu-lhe prestígio ZERO, revelando pouca tolerância à interferência lingüística. O GJ (destacam-se os homens) atribuiu maior prestígio (62,5%) ao DI do que os adultos (50%). O PS foi avaliado positivamente por 37,5% do GJ, enquanto 50% do GA atribuíram valor positivo à LPL.

TABELA 21 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, A VERDADEIRA IDENTIDADE DE NP: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre.E.	%
PS.....	00	00	03	37,5
DI.....	04	50,0	05	62,5
LPL.....	04	50,0	00	00
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise referente aos gêneros, ao se evocar o termo *identidade*, revela que, tanto os homens quanto as mulheres atribuíram maior valor positivo ao DI. A tabela 22 mostra que os homens atribuíram maior prestígio (62,5%) ao DI do que as mulheres (50%). A LPL foi avaliada positivamente por 25% dos homens e por 25% das mulheres, enquanto o PS foi avaliado positivamente por 25% das mulheres e por somente 12,5% dos homens.

TABELA 22 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, A VERDADEIRA IDENTIDADE DE NP: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	01	12,5	02	25,0
DI.....	05	62,5	04	50,0
LPL.....	02	25,0	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas

PS = Língua Portuguesa *Standard*

DI = Dialeto Italiano

LPL = Língua Portuguesa Local

As atitudes lingüísticas da amostra deste estudo sugerem uma reflexão de acordo com Hudson (1998), por considerar importante a avaliação positiva da própria língua ou das variedades lingüísticas pelo falante, pois sendo assim avaliam positivamente a si mesmos. Também sugere que uma sociedade funciona melhor quando todos seus membros se sentem orgulhosos de ser o que são. Em contrapartida, Fishman (1975, p. 208) afirma que as atitudes e os valores lingüísticos são difíceis de ser analisados, pois ainda se sabe pouco sobre as atitudes e os estados emotivos em relação à língua (da fidelidade à antipatia pela língua). Em contextos multilíngües, em particular naqueles em que às línguas associam-se estereótipos sociais, existem reações para com as línguas enquanto tais, que em geral trata-se de estereótipos lingüísticos, e os bilíngües mudam suas atitudes em relação às línguas. Nos EUA, os imigrantes passaram a considerar as próprias línguas maternas, não o inglês, de forma positiva e nostálgica depois de tê-las definido como feias em outros tempos. Pessoas mais

jovens, de segunda ou terceira geração, mesmo que não falem a língua materna dos pais, as consideram com menor emoção, mas com atitudes mais positivas do que os velhos.

Nesta pesquisa percebeu-se a dificuldade em interpretar as atitudes dos bilíngües, pois, somente se o sujeito o declarar, sabe-se qual é a variedade prestigiada ou estigmatizada. Em NP, de acordo com as justificativas, a variedade com a qual os sujeitos sintonizam melhor, para as situações propostas, parece ser o dialeto italiano. Isso quer dizer que a identidade lingüística correlaciona-se à origem étnica do grupo etnolingüístico.

5.3.4.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de mandar gravar uma publicidade com o fim de mostrar a verdadeira identidade de NP

Nessa questão, foi perguntado ao sujeito qual das três mensagens, das versões PS, DI e LPL, ele **não escolheria** para mostrar a verdadeira identidade de NP, sua cultura e seus costumes, na mídia (TV e rádio).

Os resultados dos dados (tabela 23) mostram que a língua portuguesa culta é a mais rejeitada, pois 56,25% da amostra atribuíram-lhe valor negativo, 25% rejeitaram a LPL, enquanto apenas 18,75% dos sujeitos avaliaram negativamente o DI.

TABELA 23 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, A VERDADEIRA IDENTIDADE DE NP: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	09	56,25
DI.....	03	18,75
LPL.....	04	25,0
TOTAL	16	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
PS = Língua Portuguesa *Standard*

DI = Dialeto Italiano
LPL = Língua Portuguesa Local

As justificativas para a rejeição da língua portuguesa são atitudes subjetivas que remetem a um passado coletivo recente. Os indivíduos recusam-se a “arrancar as raízes”, manifestando lealdade para com a língua dos pais. Ao mesmo tempo, confundem-se com os estereótipos étnico, lingüístico e social, “misturar as duas não fica legal” e “italiano povo trabalhador”:

“Acho que fica mais bonito. Mostra mais a origem, se a gente fala(r) só o dialeto do que se mistura(r) as duas coisas. Eu prefiro só o dialeto do que mistura(r) as duas. Não fica legal.” (15)

“Porque não cabe(m) as nossas raiz(es), as nossas tradições, tudo. Não tem.” (06)

“Se eu quero mostra(r) a cultura daqui, então tem que bota(r) a língua que falamos aqui também.” (13)

“Porque daí não vai te(r) nem aquele sotaque de italiano. Vai se(r) uma coisa mais fina. Daí não transmite essa mensagem de italiano povo trabalhador, essas coisa(s).”(09)

As avaliações negativas para o DI consideram a função da comunicação e o receptor da mensagem:

“Que nem eu já disse: Na televisão todo mundo vai ve(r), todo mundo vai assisti(r). Na rádio, muitas pessoas vão (es)tá(r) ouvindo. Se tu fala(r) um dialeto italiano, tu não vai consegui(r) entende(r).” (16)

De acordo com Siguan (2001) um bilíngüe pode evitar a interferência lingüística por querer facilitar a comunicação ou pode fazê-lo em nome da correção da língua, tal como os sujeitos justificaram a rejeição à LPL, pela mescla e pelo “erro” lingüísticos:

“Porque (es)tá er(r)ado fala(r) assim. Eu também falo e (es)tá e(r)rado fala(r) assim.” (12)

“Por causa que fala tudo meio misturado.” (04)

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise referente às faixas etárias (tabela 24) revela que adultos e jovens reagiram de forma semelhante em relação ao PS e ao DI. A língua portuguesa *standard* foi rejeitada por 62,5% do GA e por 50% do GJ. O dialeto italiano foi avaliado negativamente por 25% dos sujeitos do grupo adulto e por 12,5% dos jovens. A LPL foi eliminada por 37,5% do GJ e por apenas 12,5% do GA.

TABELA 24 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, A VERDADEIRA IDENTIDADE DE NP: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	05	62,5	04	50,0
DI.....	02	25,0	01	12,5
LPL.....	01	12,5	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise referente aos gêneros (tabela 25) revela semelhança na frequência de avaliação entre homens e mulheres em relação ao PS e DI e divergência em relação à LPL. A língua portuguesa *standard* foi avaliada negativamente por 62,5% das mulheres e por 50% dos homens. O dialeto italiano foi avaliado negativamente por 12,5% dos homens e por 25% das mulheres. A frequência de rejeição à LPL foi menor no grupo feminino (12,5%), enquanto 37,5% dos homens a evitaram (destaca-se o GJM).

TABELA 25 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MOSTRAR, ATRAVÉS DE UMA PUBLICIDADE, A VERDADEIRA IDENTIDADE DE NP: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	05	62,5
DI.....	01	12,5	02	25,0
LPL.....	03	37,5	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A ausência de identidade do grupo étnico-social com a língua portuguesa pode ser justificada pela pouca história da comunidade em relação à sociedade brasileira, pois o grupo social constrói a identidade através de conquistas, derrotas, valores, sonhos, costumes compartilhados, etc., que são guardados na memória coletiva e transmitidos através da língua. Em NP, há pouca memória histórica em língua portuguesa para relacioná-la à identidade, e as atitudes lingüísticas da amostra indicam a recusa dos ítalo-brasileiros em romper o vínculo

com o passado. Essas atitudes remetem ao comportamento dos russos, que perceberam que, sem a língua utilizada no passado, tornava-se difícil escrever a história no presente. Depois de tentar apagá-la para esquecer do passado, trabalharam para resgatá-la porque a língua do passado é o elo necessário para o grupo social reconhecer-se no presente (SERIOT, 1999).

Esta investigação mostrou a dificuldade de os falantes romperem bruscamente com a Itália e o dialeto italiano. Mesmo que os indivíduos tenham consciência de que possuem apenas “raízes” italianas, o pouco tempo de história brasileira vivida pelo grupo ainda é insuficiente para sedimentar a nova identidade (brasileira).

5.3.5 Síntese dos resultados

Nesse segmento, são apresentados os resultados finais da terceira parte do instrumento no qual propôs-se à amostra uma situação virtual, em que o sujeito escolheria uma das variedades lingüísticas que são utilizadas pela comunidade de NP a fim de divulgar aspectos socioculturais da comunidade ítalo-brasileira. A proposta da pesquisa, nessa terceira parte, era que o locutor da mensagem publicitária seria outra pessoa, isto é, não o sujeito da pesquisa. As respostas, ao final, somam 64 (sessenta e quatro) escolhas de avaliação positiva e 64 (sessenta e quatro) opções de rejeição, de avaliação negativa às variedades lingüísticas.

Alerta-se que, para melhor visualização dos resultados das variáveis sociais, *faixa etária e gênero*, apresentam-se ilustrações por meio de gráficos, e não mais por tabelas.

5.3.5.1 Síntese da avaliação positiva

A soma final das respostas de valor positivo atribuído aos sistemas de fala (tabela 26) revela que a variedade dialetal italiana (Coiné) é o sistema de fala de maior prestígio, somando 50% das opções de avaliação positiva. À LPL foram atribuídas 31,25% das escolhas

de prestígio e, por fim, o menor índice de avaliação positiva foi atribuído à língua portuguesa *standard*, com 18,75% dos juízos de valor positivo.

TABELA 26 – SOMA FINAL GERAL DA TERCEIRA PARTE

FREQÜÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MANDAR GRAVAR UMA PUBLICIDADE A FIM DE DIVULGAR A CULTURA DE NP: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	12	18,75
DI.....	32	50,00
LPL.....	20	31,25
TOTAL	64	100

Fre. E. = freqüência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Os argumentos que justificaram o prestígio à variedade dialetal italiana evocam a identidade étnica, “recordação dos antigos”, “raízes”, “nossa cultura”, “identificação com a Itália”, “o italiano é bonito”, “verdade é o que a gente é: de origem italiana” e desvelam a correlação entre a língua dos imigrantes italianos e o grupo étnico-social. Destaca-se que a maior freqüência de juízos de valor positivo ao DI ocorreu nas questões 3.2 e 3.4, em que foi abordada a ideologia da comunidade (*o pequeno paraíso*) e explicitado o termo *identidade*.

O prestígio atribuído à LPL foi justificado pela percepção de uma cultura local, “pra mostra(r) como é a cultura daqui”, “é o sotaque da região”.

O pouco prestígio atribuído à língua portuguesa *standard* mostrou que o bilíngüe usaria a língua padrão, principalmente, pela necessidade de haver comunicação, pois “nem todo mundo entende o italiano”. A busca de *status* social deve ser relacionada aos progressos econômico e intelectual, que também são fatores que estimulam o uso da língua padrão, “mostrar que vai pra frente”, “mostrar que estudou”, revelando pouca identidade afetiva para com o sistema lingüístico culto brasileiro.

Enfim, enquanto nenhuma referência de estigmatização foi feita à língua portuguesa *standard*, também se revelou a ausência de identidade com a variedade culta. Em

contrapartida, enquanto o DI como a LPL remetem à identidade lingüística do sujeito, também se revelam como variedades de fala estigmatizada.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A soma final das avaliações positivas às variedades lingüísticas revelou atitudes lingüísticas divergentes entre as faixas etárias com relação ao PS e à LPL, porém revela um comportamento lingüístico semelhante com relação ao DI. No grupo adulto (GA), a soma final das avaliações positivas aos sistemas de fala resultou nos seguintes dados: 9,37% do total das respostas optaram pelo PS; 43,75% do total das respostas optaram pelo DI, enquanto 46,85% do total das respostas optaram pela LPL. No grupo jovem (GJ), a soma final das avaliações positivas aos sistemas de fala resultou nos dados que seguem: 28,12% do total das respostas optaram pelo PS; 56,25% do total das respostas optaram pelo DI, e 15,62% do total das respostas optaram pela LPL.

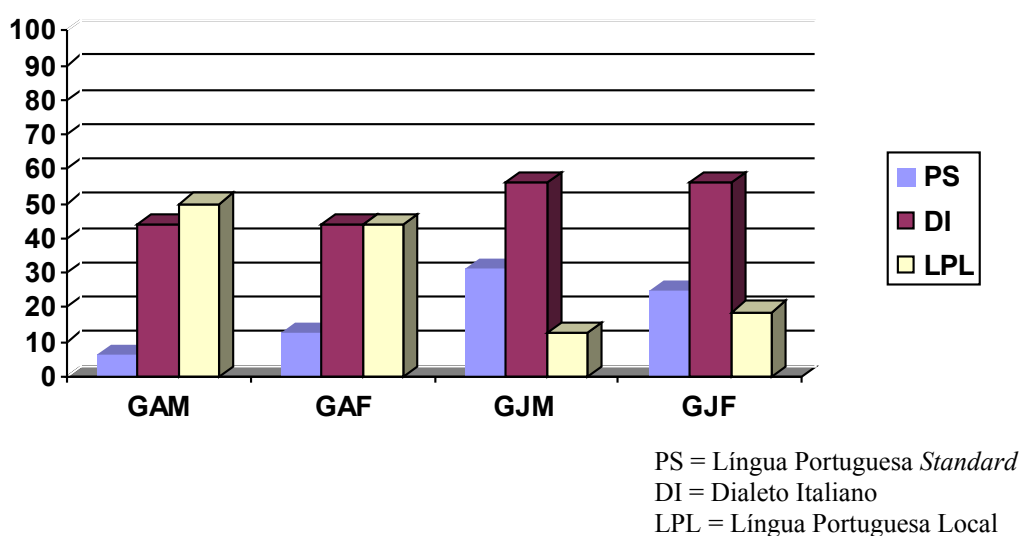
Referentemente aos gêneros, a soma final apresentou números surpreendentemente idênticos na avaliação positiva entre homens e mulheres, porém escondem um resultado peculiar que será explicado a seguir. A soma da frequência de escolhas das variedades lingüísticas resultou nos seguintes dados, idênticos em ambos os gêneros: 18,75% do total das respostas optaram pelo PS; 50% do total das respostas optaram pelo DI, enquanto para 31,25% do total das respostas a opção foi pela LPL.

Para esclarecer os dados idênticos entre os gêneros, observe-se a figura 4. Em primeiro lugar, destaca-se que, com relação ao DI, existe um equilíbrio nas manifestações de prestígio entre os gêneros e em ambas as faixas etárias. Entretanto, com relação ao PS e à LPL, a homogeneidade dos dados por gêneros é explicada pela homogeneidade das escolhas entre homens e mulheres da mesma faixa etária. Por exemplo, os resultados do grupo masculino adulto são semelhantes aos do grupo feminino adulto, porém divergem sensivelmente dos resultados do grupo masculino jovem. O mesmo ocorre com o gênero feminino, pois as

escolhas do GAF são semelhantes ao GAM, mas divergentes do grupo feminino jovem. Portanto, o percentual das manifestações de prestígio atribuído ao português *standard* foi alavancado pelos jovens, e o percentual de prestígio atribuído à variedade de fala de língua portuguesa local foi alavancado pelos adultos.

FIGURA 4 – SOMA FINAL GERAL DA TERCEIRA PARTE

FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MANDAR GRAVAR UMA PUBLICIDADE A FIM DE DIVULGAR A CULTURA DE NP: **DADOS POR GRUPOS**



A análise das atitudes positivas com relação ao DI revela a afetividade do grupo étnico-social à variedade lingüística. O GJ atribuiu maior prestígio à LPL do que os adultos. Esse comportamento pode indicar que o movimento de retorno às origens esteja atingindo as novas gerações de forma positiva. A divergência das atitudes lingüísticas com relação à língua portuguesa *standard* e a variedade de fala local expressam diferenças favorecidas pelo tempo. Em uma palavra: a geração adulta, por ter um nível menor de instrução, tolera a mescla lingüística, enquanto os jovens, de nível de instrução mais elevado, toleram-na menos. O menor prestígio atribuído ao DI por adultos pode ser o resultado da campanha em favor do uso da língua portuguesa (na juventude) em detrimento do dialeto italiano.

5.3.5.2 Síntese da avaliação negativa

Para mandar gravar uma publicidade a fim de divulgar os aspectos culturais de NP (tabela 27), 50% da amostra rejeitaram o PS, somente 15,62% evitaram o dialeto italiano, e 34,37% rejeitaram a LPL.

TABELA 27 – SOMA FINAL GERAL DA TERCEIRA PARTE

FREQÜÊNCIA DE REJEIÇÃO DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA MANDAR GRAVAR UMA PUBLICIDADE COM O FIM DE DIVULGAR A CULTURA DE NP: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	32	50,00
DI.....	10	15,62
LPL.....	22	34,37
TOTAL	64	99,99

Fre. R. = Freqüência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Na recusa em utilizar a língua portuguesa culta, os indivíduos reafirmam a identidade com o DI e refletem a ausência de identidade com essa variedade lingüística. Contudo, alguns se preocupam com o receptor da mensagem: “A fala daqui é o dialeto italiano”; “Pra que todo mundo entendesse”. A rejeição ao DI revela respostas objetivas, de sujeitos conscientes do uso restrito da fala dialetal italiana: “Se tu que(r) divulga(r), não é todo mundo que vai entende(r)” (09); “Eu vo(u) te(r) que elimina(r) de novo o dialeto porque ninguém entende.”(13) A LPL, ao mesmo tempo em que revela a cultura ítalo-brasileira local, é a variedade de fala percebida como estigmatizada: “Porque (es)taria er(r)ado” (10); “Porque mistura(r) as duas não fica legal” (15); “Porque o pessoal diz: *varda che buri che i Zé, i parla medo par sorte, no i sà gnanca parlar*” ²⁹(04); “Eu acho que esse sotaque aqui, muitas vezes, eles debocha(m), como dize(m) *coloni*.” (07)

A investigação mostrou, através das reações lingüísticas, que a LPL é uma variedade lingüística que sofre estigmatização. A marca do estereótipo lingüístico está correlacionada,

²⁹ Veja como são burros, falam a metade de uma língua e a metade de outra, nem sabem falar” (Tradução nossa.)

principalmente, ao sentimento de ignorância pela mescla lingüística apreendendo-a como “erro” lingüístico e pela percepção do estigma *colono*.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

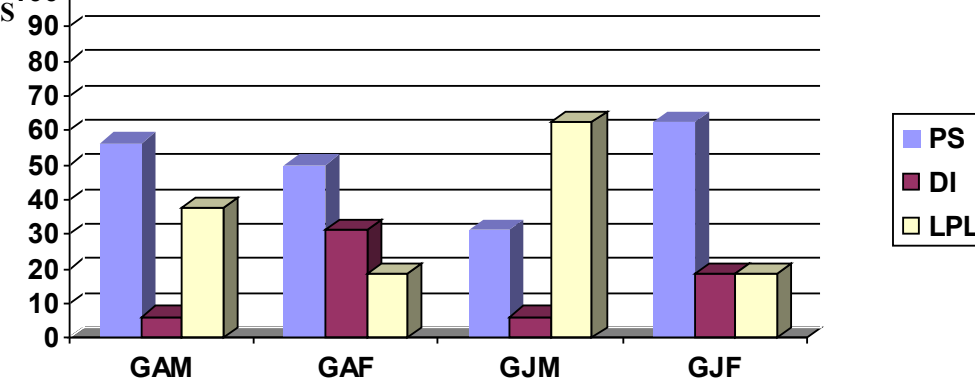
A soma final das avaliações negativas às variedades lingüísticas revelou atitudes lingüísticas semelhantes entre as faixas etárias com relação às três variedades lingüísticas utilizadas pela comunidade de NP. No GA, a soma final das avaliações negativas aos sistemas de fala resultou nos seguintes dados: do total das respostas, o PS foi rejeitado por 53,12% das opções do GA e por 46,87% do GJ. O dialeto italiano foi rejeitado por 18,75% das opções do GA e por 12,5% do GJ, enquanto a LPL foi rejeitada por 28,12% do GA e por 40,62% do GJ.

Referentemente aos gêneros, a análise da avaliação negativa às variedades lingüísticas (figura 5) mostrou pouca divergência entre homens e mulheres com relação ao PS e à LPL, mas significativa divergência com relação à LPL.

Do total das respostas, o PS foi rejeitado por 43,75% das opções masculinas e por 56,25% das opções femininas; o DI foi rejeitado por 6,25% das opções masculinas e por 25,0% das opções femininas; a LPL foi rejeitada por 50,0% das opções masculinas e por 18,75 % das opções femininas.

FIGURA 5 – SOMA FINAL GERAL DA TERCEIRA PARTE

FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE MANDAR GRAVAR UMA PUBLICIDADE COM O FIM DE DIVULGAR A CULTURA DE NP: **DADOS POR GRUPOS**



PS = Língua Portuguesa *Standard*
DI = Dialeto Italiano
LPL = Língua Portuguesa Local

Portanto, destaca-se o alto nível de rejeição à variedade de fala local de língua portuguesa nos grupos masculinos e a pouca rejeição a essa variedade nos grupos femininos. Além disso, as mulheres (destacam-se as adultas) atribuem maior valor negativo ao dialeto italiano do que os homens, apontando, talvez, a um comportamento feminino mais inovador e a um comportamento masculino mais conservador.

5.4 Análise da quarta parte

Nessa parte, buscou-se obter dados que revelassem as atitudes lingüísticas dos sujeitos bilíngües em interações face a face. Foram adaptados à nossa realidade os “domínios” sociolingüísticos, que haviam sido apontados por Greenfield (1968) e Fishman (1975, p. 106): família, amigos, religião, instrução e profissão. Para esta pesquisa, foram selecionados os

domínios: Família, Capela, Escola e situações de Interação com pessoas que vêm das cidades, por se entender essas interações sociais como as principais existentes na comunidade. Os resultados quantitativos estão apresentados em números absolutos, com os respectivos percentuais. Dos dados qualitativos, transcreveram-se as sínteses das respostas, buscando-se apresentar respostas variadas a fim de mostrar os diferentes pontos de vista dos sujeitos.

Os resultados da quarta parte frustraram as expectativas, pois, na série de questões da terceira parte, o dialeto italiano foi a variedade lingüística mais prestigiada. Por isso, acreditava-se que, ao menos, para os “domínios” mais íntimos o prestígio permanecesse ou, talvez, aumentasse. Contudo, na condição de emissores da mensagem, o comportamento lingüístico dos indivíduos diverge do comportamento lingüístico idealizado.

5.4.1 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária à família

A família é a célula base que constitui a sociedade ocidental. A situação familiar sugere relações íntimas entre os indivíduos, o comportamento lingüístico é mais espontâneo, mais despreocupado em relação aos sistemas lingüísticos e às suas regras. Nos estudos de Fishman (1975, p. 106), é o primeiro domínio para análise de situações de uso das línguas.

Para se investigar as atitudes lingüísticas do bilíngüe no ambiente familiar, foi perguntado ao sujeito qual das três mensagens publicitárias, em língua portuguesa *standard*, dialeto italiano ou variedades de fala local de língua portuguesa, ele **escolheria** para divulgar, pessoalmente a mensagem publicitária aos familiares.

De acordo com Mackey (1972, p. 558), mesmo no seio da família, a língua principal de um dos membros pode diferenciar-se daquela de outros membros, e essa língua pode ser usada e entendida pelos outros membros ou pode ser entendida e nunca usada. Em contrapartida, Haugen (1973, p. 84) diz que as diferenças lingüísticas indicam diferenças

sociais, e os filhos adolescentes descobrem a diferença entre classe superior e classe inferior e o que significa pertencer a este ou aquele lado.

Os dados revelados pela pesquisa mostram que para falar pessoalmente aos familiares, o sistema lingüístico de maior prestígio é a LPL com 56,25% da freqüência de escolhas. A variedade lingüística de menor valor positivo é o PS (12,50%). O DI foi escolhido por apenas 31,25% da amostra (tabela 28).

TABELA 28 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE AOS FAMILIARES: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	02	12,50
DI.....	05	31,25
LPL.....	09	56,25
TOTAL	16	100

Fre. E.= Freqüência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa Standard
LPL = Língua Portuguesa Local

Dentre os argumentos que justificaram o prestígio atribuído ao PS está a falta de competência lingüística na variedade dialetal italiana, confirmando que os jovens possuem pouco domínio na variedade dialetal italiana:

“Porque eu não ia consegui(r) fala(r) o dialeto e, a terce(i)ra, eu não sei se eu ia consegui(r) fala(r) misturando os dois.”(15)

Os argumentos que justificaram as atitudes de prestígio para com o DI mostram que alguns bilíngües dominam melhor o sistema de fala italiano e, possivelmente, seja a língua materna do falante:

“Porque a gente entende cor(r)eto o italiano e eles iam entende(r) melhor do que português.” (03)

“É porque é a língua mais fácil de a gente se entende(r), se comunica(r). É que a o(u)tra a gente fala meio que mastigado fica mais difícil.” (06)

“Porque a gente é acostumado, aqui em casa, a fala(r). Conforme o assunto, a gente fala.” (01)

As justificativas para a escolha da variedade de fala local, LPL, apontam para uma instabilidade lingüística no ambiente familiar e à preocupação do falante em interagir de acordo com o sistema de fala do interlocutor:

“Porque que nem eles (os pais) depois, quando tu (es)tá falando com eles, eles te falam também em italiano daí tu fala italiano também, eles falam um po(u)co de português...” (10)

“Na minha casa, como eu falo italiano, falo o dialeto aportuguesado.” (02)

“Porque eu, com os meus irmãos mais novos, eu falo português. Com os meus irmãos mais velhos eu falo o italiano. [...] Até que eu era pequena, eles eram mais velho(s) eles falavam só italiano. Depois, veio aquela lei que obrigou todo mundo fala(r) português. Então nós também falava(mos) português com os menores. Não era uma lei do município, era na escola, os professores. Tinha o padre que fazia campanha.” (13)

Uma vez que a comunidade desta pesquisa originou-se por imigração, é relevante considerar a teoria de Fishman (1975, p. 168), que afirma que, em comunidades onde ocorre uma rápida e maciça industrialização e imigração, pode ocorrer o abandono dos tradicionais modelos socioculturais pelos indivíduos que aprendem a língua associada aos meios de produção e à instrução do novo país. Em casos de imigração, os imigrantes e seus filhos podem usar entre si a própria língua materna e também a do país receptor, alternando-as de forma aparentemente casual. Entretanto, pode haver uma desorganização dos valores e normas, resultantes da imigração e da industrialização simultâneas e, uma vez que os papéis nos domínios doméstico, escolar e trabalho ficaram confusos, a língua do trabalho e a da escola acaba por ser usada também em casa.

Na comunidade ítalo-brasileira de NP, a industrialização foi insignificante, mas ocorreram importantes mudanças socioculturais como mecanização e tecnologia agrícola, aumento da escolarização, advento dos meios de comunicação e de transporte que integraram a comunidade rural ao meio urbano. Portanto, a instabilidade e a confusão lingüísticas no ambiente familiar justificam-se, pois as exigências do mundo externo são introduzidas na família pela interação dos familiares com o universo exterior.

Variáveis sociais: idade e gênero

Para a proposta de falar à família, a tabela 29 mostra que adultos não utilizariam o PS, mas reagiram de forma semelhante aos jovens em relação ao DI e à LPL.

TABELA 29 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE AOS FAMILIARES: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	00	00	02	25,0
DI.....	03	37,5	02	25,0
LPL.....	05	62,5	04	50,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As manifestações de escolhas revelaram que, no grupo adulto, nenhum deles atribuiu prestígio ao PS, enquanto 37,50% avaliaram positivamente o DI, e 62,5% atribuíram prestígio à LPL. No grupo jovem, 25% avaliaram positivamente o PS, outros 25% atribuíram prestígio ao DI, e 50% atribuíram juízos de valor positivo à LPL.

Referentemente aos gêneros (tabela 30), a análise das atitudes lingüísticas positivas mostrou pequenas divergências entre homens e mulheres.

TABELA 30 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE AOS FAMILIARES: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	01	12,5	01	12,5
DI.....	03	37,5	02	25,0
LPL.....	04	50,0	05	62,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Homens e mulheres atribuíram pouco prestígio ao PS, ou seja, 12,5% em ambos os gêneros. No grupo masculino, observou-se que 37,5% dos homens avaliaram positivamente o DI, e 50% atribuíram prestígio à LPL. No grupo feminino, 25% das mulheres atribuíram

prestígio ao DI, e 62,5% avaliaram positivamente a LPL. Portanto, para falar aos familiares, a variedade de maior prestígio (em ambos os grupos) é a LPL, enquanto que à língua portuguesa *standard* foi atribuído menor valor positivo.

5.4.1.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária à família

Nessa questão, perguntou-se ao sujeito qual das variedades lingüísticas, português *standard*, dialeto italiano ou variedade de fala local de língua portuguesa, ele **não escolheria** para transmitir a mensagem publicitária à família.

Em situações de bilingüismo, o bilíngüe pode não estar consciente das próprias atitudes positivas ou negativas. Para Weinreich (1974, p. 121-122), a alternância e a mescla lingüísticas podem ser condenadas por uma sociedade tal como os modos de comportamento, ou estruturas da personalidade são aceitos em um grupo e condenados em outro. Além disso, os valores lingüísticos são transmitidos ao indivíduo pelo ambiente, e a predisposição do indivíduo de suportar ou hostilizar a interferência lingüística depende de fatores ambientais.

Na pesquisa, a amostra reafirmou o pouco prestígio atribuído à variedade culta de língua portuguesa. O PS foi o sistema de fala mais rejeitado para utilizar em família, enquanto poucos atribuíram valor negativo à LPL (tabela 31).

TABELA 31 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE AOS FAMILIARES: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	08	50,00

DI.....	05	31,25
LPL.....	03	18,75
TOTAL	16	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise das atitudes revelou que alguns sujeitos reconhecem o fraco domínio da língua portuguesa culta, outros percebem que a variedade lingüística de uso diário em família é um estereótipo lingüístico:

“Porque eu não sei fala(r) só português puro.” (14)

“Porque, aqui em casa, acho que ninguém fala assim. Ia fica(r) estranho.” (05)

“Porque até eu não conseguiria acho fala(r) tão bem assim, tão culto. [...] Só que dentro da família tu não vai fica(r) procurando as melhores palavras pra fala(r) coisas assim. Vai no grosso mesmo, no sotaque.” (09)

Manifestações subjetivas mostram que o bilíngüe está consciente de que o domínio da língua *standard* favorece a ascensão social. Outras atitudes justificam a rejeição de um sistema de fala de minorias em função do interlocutor e pelo estigma lingüístico:

“Porque o português é interessante, né. Agora que meus filhos (es)tão na Faculdade e estudam, eles precisam desse português correto, né.” (08)

“Parece que fica feio eu fala(r), fala(r) com uma criancinha, ali, que (es)tá aprendendo fala(r), fala(r) italiano.” (13)

Os argumentos para avaliar negativamente a LPL remetem, principalmente, ao estereótipo lingüístico, à noção de que a interferência lingüística indica “erro” na fala:

“porque (es)tá e(r)rado fala(r) assim.” (12)

O estudo mostrou o que Goffman (1988, p. 63) já afirmara: “as pessoas normais que vivem próximo de colônias constituídas de grupos tribalmente estigmatizados conseguem, com bastante habilidade, manter seus preconceitos”. Observe-se como as afirmações: “fica feio” ou “vai no grosso” para a LPL sugerem dizer que em NP o uso da LPL e do DI entre familiares não diminuiu o menosprezo a essas variedades lingüísticas.

Variáveis sociais: idade e gênero

Em relação ao PS (tabela 32), observa-se atitudes linguísticas negativas semelhantes nas duas gerações. Os dados mostraram que 50% dos adultos e 50% dos jovens atribuíram juízos de valor negativo ao PS. Em relação às outras variedades, no GA, 37,5% avaliaram negativamente o DI, e 12,5% atribuíram valor negativo à LPL. No grupo jovem, 25% avaliaram negativamente o DI, e outros 25% atribuíram valor negativo à LPL.

TABELA 32 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE AOS FAMILIARES: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	04	50,0
DI.....	03	37,5	02	25,0
LPL.....	01	12,5	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise dos dados entre os gêneros revelou que homens e mulheres rejeitaram igualmente o PS: 50% de rejeição em cada grupo. Porém, em relação ao DI, as mulheres atribuíram maior valor negativo do que os homens. A tabela 33 revela que nos grupos masculinos, 25% dos sujeitos atribuíram valor negativo ao DI, enquanto outros 25% avaliaram negativamente a LPL. Nos grupos femininos, 37,5% atribuíram valor negativo ao dialeto italiano, enquanto 12,5% rejeitaram a LPL.

TABELA 33 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE AOS FAMILIARES: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	04	50,0	04	50,0
DI.....	02	25,0	03	37,5

LPL.....	02	25,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Ao contabilizar-se os dados para o estudo, observou-se que nenhuma mulher adulta avaliou negativamente a LPL reafirmando uma tendência inovadora, isto é, de renúncia ao dialeto italiano em favor da língua portuguesa.

5.4.2 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária às pessoas da comunidade na Capela.

Segundo Fishman (1975, p. 167), em situações de bilingüismo sem diglossia, em circunstâncias em que as línguas ou variedades em uso nas comunidades bilingües não possuem funções bem definidas ou não são mantidas separadas, ocorrem rápidas mudanças e inquietação social e há um difuso abandono de normas já existentes antes da consolidação das novas normas.

Em NP, até há algumas décadas, nas Capelas, desenvolviam-se todas as atividades sociais. Hoje, aos domingos, encontram-se lá adultos e velhos nativos, juntamente, com extracomunitários (os empregados), jogando cartas ou bochas. Poucos jovens vão às Capelas, pois possuem carros e preferem sair em direção às cidades para dançar, ir ao cinema, etc. Para analisar as atitudes positivas, na Capela, indagou-se aos sujeitos qual das variedades lingüísticas, língua portuguesa *standard*, dialeto italiano ou variedade de fala de língua portuguesa local, ele **escolheria** para divulgar a publicidade às pessoas da própria comunidade.

Os resultados (tabela 34) revelaram um equilíbrio numérico, mostrando uma grande diversidade lingüística, para uso na Capela. A amostra atribuiu o mesmo índice de prestígio ao PS e ao DI (31,25%). O valor positivo à LPL foi um pouco maior (37,5%).

TABELA 34 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE ÀS PESSOAS DA COMUNIDADE NA CAPELA: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	05	31,25
DI.....	05	31,25
LPL.....	06	37,50
TOTAL	16	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Nas justificativas, os juízos de valor positivos atribuídos ao PS confundem-se. Para alguns indivíduos, o ambiente da Capela é formal, por isso, usam a língua portuguesa. Outros se preocupam com o interlocutor. Além disso, a percepção do estigma lingüístico ao DI justifica o uso do PS:

“Porque eu falo mais ou menos com eles com o português.” (12)

“Se fosse só pra fala(r) com as pessoas, *come due o tre* ³⁰. Agora, se fosse numa reunião, então eu usaria o português, *no ndar lá parlar talian, te parli um poquetin dizemo* ³¹, algumas palavras. Porque, na frente de todo mundo, a gente tem que usa(r) mais português.” (07)

“Porque todo mundo fala o português, quando (es)tá em grupos assim. Ainda mais, fala(r) com o(u)tras pessoas. No caso, eu falaria português pra não se(r) chamada de burra. [...] Tu vai lá em público, tu começa a fala(r) italiano, imagina eles vão começa(r) te ri(r) atrás Ainda mais a juventude que (es)tá crescendo agora. [...] Eles vão dize(r): – Essa colona ali não sabe nem fala(r) português.” (13)

As justificativas para a escolha lingüística revelaram um comportamento preventivo dos sujeitos para evitar o estigma. Goffman (1988, p. 58) considera ser muito importante para o indivíduo o que pode ser dito sobre sua identidade social nas interações sociais e um estigmatizado precisa saber até que ponto o estigma interfere na interação, pois ele sabe que sua apresentação em público trará conseqüências. Por isso, entende-se que sujeitos da pesquisa, ao optarem pela língua portuguesa, evitam as variedades que revelam a etnia italiana e também o estigma de colono: “Essa colona ali.”

³⁰ Se fosse falar com pessoas, como, em duas ou três.

³¹ Não ir lá e falar em italiano, falar um pouquinho, digamos, algumas palavras.

Quanto ao DI, a avaliação positiva é justificada em função da solidariedade ao interlocutor bilíngüe e para com os de “mais idade”, que simbolizam o grupo social:

“Porque lá na minha Capela todo mundo fala italiano.[...] Ma(s), na Capela, tu pega gente com um pouquinho mais de idade... tudo italiano. Depois, tu (es)tá no meio deles, acaba falando também.” (09)

A análise qualitativa revela que o PS pode ser uma variedade lingüística imprópria para interações na Capela, e os argumentos que justificaram o prestígio atribuído à LPL, sugerem o reconhecimento de uma cultura lingüística local. Os sujeitos demonstraram “lealdade” lingüística ao próprio grupo etnolingüístico:

“Como sempre vo(u) te(r) que usa(r) aquela misturada que se sabe fala(r) mais do que a o(u)tra.” (14)

“Porque eles falam meio português, um po(u)co italiano, falando eles vão entender assim.” (10)

“Se eu fala(r) o português *standard*... , eles me conhecem que eu so(u) de Nova Pádua...[vão dizer]: – Essa ali (es)tá querendo enfeita(r), (es)tá querendo se faze(r). Eles vão até fala(r) mal de mim. Eu prefiro português com sotaque italiano pra representa(r), assim. [...]. Nova Pádua discrimina uma pessoa que (es)tá querendo fala(r) co(r)reto.” (16)

A análise das atitudes lingüísticas, quando avaliadas em relação às Capelas, revela uma mistura de valores atribuídos aos sistemas de fala, indicando que as pessoas percebem um comportamento lingüístico pouco homogêneo e também sem clareza em relação às representações de prestígio ou estigma ao usar uma das variedades nessas situações-circunstâncias. A amostra revelou-se confusa, e fatores como interlocutor, situação formal ou informal e estigma lingüístico orientam o comportamento lingüístico dos indivíduos.

Variáveis sociais: idade e gênero

A análise referente às faixas etárias revela juízos de valor variados. A tabela 35 mostra que, entre os adultos, o PS possui pouco valor positivo (25%). Ao DI e à LPL foi atribuído valor idêntico (37,5%), destacam-se os homens. No grupo jovem, 37,5% atribuíram valor positivo, tanto ao PS como à LPL, e outros 25% avaliaram positivamente o DI.

TABELA 35 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE ÀS PESSOAS DA COMUNIDADE NA CAPELA: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	02	25,0	03	37,5
DI.....	03	37,5	02	25,0
LPL.....	03	37,5	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

De acordo com a tabela 36, observam-se divergências entre os gêneros com relação ao DI e ao PS para uso na Capela. Enquanto os homens atribuíram maior valor positivo ao DI do que as mulheres, elas, por sua vez, avaliaram positivamente o PS mais do que os homens. Nos grupos masculinos, 50% dos sujeitos atribuíram prestígio ao DI, enquanto 37,5% atribuíram prestígio à LPL, e somente 12,5% avaliaram positivamente o PS. Um total de 50% das mulheres atribuiu valor positivo ao PS, enquanto 37,5% avaliaram positivamente a LPL. Somente 12,5% atribuíram valor positivo ao DI.

TABELA 36 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE ÀS PESSOAS DA COMUNIDADE NA CAPELA: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	01	12,5	04	50,0
DI.....	04	50,0	01	12,5
LPL.....	03	37,5	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Pelos dados, observa-se a tendência de sujeitos ao purismo das línguas preferindo sistemas de de fala sem mescla lingüística. Além disso, novamente, revela-se o comportamento inovador das mulheres, que renunciam ao dialeto italiano, preferindo a língua portuguesa.

5.4.2.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a mensagem publicitária às pessoas da comunidade na Capela

As línguas faladas pela vizinhança do bilíngüe ou por seu grupo étnico, pelo grupo de trabalho, de recreação ou de igreja influenciam o falante. Com freqüência, as línguas usadas nesses ambientes tomam o lugar da língua do lar em seu discurso, afirma Mackey (1972).

Para analisar as atitudes negativas da amostra, na Capela, questionou-se aos sujeitos qual das variedades lingüísticas, língua portuguesa *standard*, dialeto italiano ou variedade de fala de língua portuguesa local, ele **não escolheria** para falar sobre NP às pessoas da própria comunidade.

Os resultados dos dados (tabela 37) reafirmam o pouco prestígio da língua portuguesa culta: 56,25% dos sujeitos a avaliaram negativamente. A LPL sofreu a menor avaliação negativa, apontando para uma prática lingüística ítalo-brasileira local.

TABELA 37 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE ÀS PESSOAS DA COMUNIDADE NA CAPELA: TOTAL DA AMOSTRA

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	09	56,25
DI.....	04	25,00
LPL.....	03	18,75
TOTAL	16	100

Fre. R. = Freqüência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Os argumentos que justificaram os juízos de valor negativo atribuídos ao PS denotam o reconhecimento da existência de uma cultura lingüística local, isto é, o valor negativo ao PS justifica-se pelo prestígio à LPL, que possui marcas da variedade dialetal italiana: “Somos descendentes”. Além disso, sujeitos acreditam não ter competência na língua portuguesa *standard* ou a comunidade requer fidelidade ao grupo etnolingüístico:

“Lá na Capela é tudo gente como aqui em casa, assim, tudo no mesmo nível, assim.” (05)

“Porque somo(s) descendente(s), não conseguimos(s) distingui(r) o cor(r)eto: o português do italiano é sempre essa mistura.” (11)

“Sei lá, acho que eles iam pensa(r) que tu (es)tá um po(u)co te fazendo. Se é uma pessoa dali, que é acostumada com o italiano, que nasceu ali, vai fala(r) meio culto, tu vai (es)ta(r) falando chique ali, pra quê, também?” (09)

As reações negativas para com o DI comprovam a preocupação do bilíngüe com os interlocutores monolíngües, pois, em interações mistas, faz-se necessário o uso do português:

“Porque têm mulheres que são empregada(s), que vêm de fora, elas não ia(m) entende(r) nada.” (07)

Não se têm justificativas para a rejeição da LPL, pois, durante as entrevistas, alguns sujeitos repetiam-se nas explicações ou mostravam-se relutantes em responder. Coincidentemente, os três sujeitos que evitaram essa variedade de fala não a justificaram.

A análise qualitativa de certas atitudes lingüísticas negativas sugere que, na Capela, o sujeito deve comportar-se como seus iguais. Por exemplo, um sujeito rejeitou o PS porque pareceria que ele está “se fazendo”, quer dizer, o indivíduo quer mostrar-se como alguém que não é. Nessa situação, a pronúncia do PS entre o grupo ítalo-brasileiro, que usa uma variedade com marcas dialetais italianas, o distinguiria negativamente. Pode-se interpretar esse comportamento, de acordo com Mackey (1972), quando afirma que o comportamento lingüístico de um bilíngüe pode ser influenciado pela atitude do ouvinte.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

Referentemente aos gêneros, a análise mostra (tabela 38) que, a avaliação negativa das variedades lingüísticas, adultos e jovens, para uso na Capela, é semelhante. No GA, 62,5% evitaram o português *standard* (destacam-se os homens); 25% atribuíram valor negativo ao DI (somente mulheres), e 12,5% avaliaram negativamente a variedade de fala local de língua portuguesa. No GJ, 50% atribuíram valor negativo ao PS; 25% rejeitaram o DI, e outros 25% atribuíram juízos de valor negativo à LPL.

TABELA 38 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE ÀS PESSOAS DA COMUNIDADE NA CAPELA: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	05	62,5	04	50,0
DI.....	02	25,0	02	25,0
LPL.....	01	12,5	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Na análise referente aos gêneros, constata-se que tanto os homens como as mulheres rejeitaram com maior frequência o PS, porém divergiram em relação ao DI e à LPL. As mulheres rejeitaram o DI com maior frequência do que os homens. No grupo masculino, 62,5% dos sujeitos atribuíram valor negativo ao PS; 12,5% rejeitaram o DI, e 25% avaliaram negativamente a LPL. Nos grupos femininos, 50% das mulheres rejeitaram o PS, enquanto 37,5% atribuíram valor negativo ao DI, e somente 12,5% evitaram a LPL (tabela 39).

TABELA 39 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE ÀS PESSOAS DA COMUNIDADE NA CAPELA: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	05	62,5	04	50,0
DI.....	01	12,5	03	37,5
LPL.....	02	25,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Novamente, as mulheres evitaram o dialeto italiano mais do que os homens.

5.4.3 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade na escola

Em NP, a escola é respeitada, e os professores são referência para os comportamentos lingüístico e social da comunidade. Conforme já afirmado, na comunidade de NP o Ensino Fundamental foi introduzido em 1972, e o Ensino Médio, somente no ano de 2001.

Weinreich (1974) afirma que a escola bloqueia a liberdade de comportamento lingüístico e, em situações de bilingüismo, sustenta as normas da língua padrão contra os empréstimos desenfreados. Para Bourdieu (1996), a escola está enredada com o Estado e a ela compete o ensino da língua oficial, que é obrigatória em ocasiões e espaços oficiais. Entende que o domínio da língua padrão significa capital lingüístico lucrativo no mercado de trabalho e recurso necessário para a ascensão social. Em Nova Iorque, Labov (1974) observou que os professores avaliam negativamente o vernáculo dos alunos. No entanto, os Parâmetros Curriculares Brasileiros para o ensino da Língua Portuguesa (1997) orientam para que se respeitem as diferenças e que o mito da língua “certa” seja eliminado.

Assim, é tarefa da escola ensinar a língua oficial aos cidadãos. No Brasil, a sociedade é marcada pela diversidade, e o ensino da LP torna-se mais complexo devido ao multiculturalismo e ao multilingüismo. Os diversos povos aqui instalados formaram comunidades etnicolingüísticas. Por isso, a escola como instituição do Estado tem dupla responsabilidade: ensinar a língua portuguesa padrão sem subestimar a origem ou a língua do imigrante ou de seu descendente, devido à mescla lingüística que o falante possa produzir.

Para investigar as atitudes lingüísticas no ambiente escolar, os sujeitos da pesquisa foram indagados sobre qual das três mensagens publicitárias, em PS, DI ou LPL, **escolheriam** para divulgar a publicidade sobre NP, pessoalmente, na escola.

As atitudes lingüísticas da amostra para falar à comunidade escolar (tabela 40) indicam uma linha de comportamento lingüístico quase homogênea, prevalecendo o prestígio à língua portuguesa culta com 87,5% das opções. Nenhum sujeito atribuiu valor positivo ao DI, e somente 12,5% escolheram a LPL.

TABELA 40: FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE NA ESCOLA: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	14	87,5
DI.....	00	00
LPL.....	02	12,5
TOTAL	16	100

Fre. E. = frequência de Escolhas
 DI = Dialeto Italiano
 PS = Língua Portuguesa *Standard*
 LPL = Língua Portuguesa Local

De acordo com os dados subjetivos, as atitudes em relação ao português *standard* possuem justificativas várias. Jovens afirmaram não dominar o DI e nem a LPL. Alguns demonstraram lealdade para com a língua portuguesa, reconhecendo o Brasil como sua pátria. Há quem perceba a escola como um ambiente culto e formal, onde se deve usar a língua padrão. Entretanto, é na escola que o estigma lingüístico está mais presente:

“A prime(i)ra, porque as o(u)tras duas não ia sai(r) nada.” (15)

“Porque, eu (es)to(u) no meio de pessoas que têm uma cultura, têm um pouco mais de estudo, [...] Eu acho que eu tenho que fala(r) culto. Porque, afinal, eu (es)to(u) estudando.” (05)

“Por causa dos alunos e dos professores. Todo mundo fala português.” (04)

“Porque a gente é brasile(i)ro, *semo qua*,³² elas são brasile(i)ra(s) e português é a língua que todo mundo fala.” (07)

“Pra rapaziada nova, seria hoje em dia, seria o português, pra gurizada do colégio. Porque eles, a maioria, eles só fala(m) português. Porque se tu fala(r) o dialeto italiano ou português com sotaque italiano... não fecha hoje em dia.” (06)

“Eu vo(u) te(r) que fala(r) português porque eu não consigo fala(r) italiano. Acaba te sentindo mal, porque as pessoas dão risada. Não, tipo, as pessoas aqui de Nova Pádua, ma(s) se tu for para [...],³³ lá as pessoas de lá riem de ti. (...). Debochavam, davam risada, chamavam de colono. Era coisa que revoltava, até.” (03)

As justificativas para o uso da LPL orientam-se pelo culto à cultura local e revelam a dificuldade em dominar a língua portuguesa:

“Olha que seria importante também o português correto pra eles aprende(r). Ma(s), também pra conserva(r) a tradição seria português com sotaque italiano. Por ser mais fácil de se explica(r).” (08)

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

³² estamos aqui (no Brasil).

³³ O nome da localidade foi omitido.

O prestígio quase absoluto atribuído ao PS mostra a força da escola no ensino da língua nacional. Em ambas as gerações, 87,5% avaliaram positivamente o PS, e somente 12,5% dos sujeitos, tanto adultos como jovens utilizariam a LPL (tabela 41).

TABELA 41 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE SOBRE NP NA ESCOLA: FAIXA ETÁRIA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	07	87,5	07	87,5
DI.....	00	00	00	00
LPL.....	01	12,5	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Na análise referente aos gêneros, os resultados foram idênticos: 87,5% dos homens e o mesmo percentual de mulheres atribuíram valor positivo ao PS; somente um homem e uma mulher (12,5%) optaram pela variedade de fala de língua portuguesa local (tabela 42).

TABELA 42 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE SOBRE NP, NA ESCOLA: GÊNEROS

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	07	87,5	07	87,5
DI.....	00	00	00	00
LPL.....	01	12,5	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As instituições de ensino, ao ensinar a língua nacional, podem posicionar-se de duas formas: primeiro, estimular a apropriação da língua oficial em benefício do país e do cidadão, respeitando as diferenças lingüísticas e, segundo, ter como fim a homogeneização, buscando eliminar as diferenças lingüísticas. É positiva a construção do sentimento de nação através do ensino da língua oficial, porém tornar-se-á uma prática negativa se a escola utilizar como

recurso o estigma aos sistemas de fala dos grupos minoritários e a repressão ao uso das línguas dos diferentes grupos étnico-sociais. Na escola, o estigma pode aparecer se a língua oficial, escrita e normatizada, passa a ser identificada como a língua “correta” e a língua falada não-padrão passa a ser vista como sistema lingüístico “errado” e inferior.

A pesquisa mostrou a dupla responsabilidade da escola para com a comunidade de NP, pois, primeiramente, os sujeitos desejam integrar-se à sociedade brasileira: “Porque a gente é brasile(i)ro” e, segundo, porque admiram o ambiente escolar: “Porque, eu (es)to(u) no meio de pessoas que têm uma cultura, têm um pouco mais de estudo.” Portanto, a escola deve empenhar-se em atenuar a estigmatização. Deve ter presente que marcas de outra língua na fala de um indivíduo apenas revelam sua origem e que atitudes de estigma lingüístico podem calar falantes que, se falassem, poderiam contribuir com o crescimento da sociedade brasileira com novas idéias, projetos, valores, criticando erros ou simplesmente sentindo-se cidadão.

5.4.3.1 Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre NP na Escola

Para analisar as atitudes lingüísticas negativas, perguntou-se aos sujeitos qual das três mensagens publicitárias, em PS, DI ou LPL, eles **não escolheriam** para divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre NP na escola.

O valor positivo atribuído ao PS, na escola, é confirmado pela recusa em eliminar o PS no ambiente escolar. Nenhum informante evitou o PS, portanto a frequência de rejeição foi ZERO; 56,25% evitaram o DI, enquanto 43,75% eliminaram a LPL (tabela 43).

TABELA 43 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE A PUBLICIDADE SOBRE NP, NA ESCOLA: TOTAL DA AMOSTRA

VARIETUDE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	00	00
DI.....	09	56,25

LPL.....	07	43,75
TOTAL	16	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Alguns dos jovens reconhecem o pouco domínio da variedade dialetal italiana ou percebem o estigma nessa variedade lingüística. Além disso, reconhecem a necessidade de dominar a língua portuguesa e, por isso, renunciam ao DI:

“Por causa que, os alunos de agora... pra acompanha(r) a evolução no mundo, então eles precisam sabe(r) o português correto.” (08)

“Por causa, a respeito dessas crianças que não entende(m).” (01)

“Poderia até usa(r). Só que têm uns que não vão entende(r) tudo. Não são todos que vão entende(r) o italiano na escola.” (09)

“Na escola, eu não uso. Eu me sinto insegura na escola. Nunca ia consegui(r) fala(r) o italiano puro na escola. [...]. Acho que penso que vão ri(r) da minha cara (...). Eu penso no que eles vão pensa(r) de mim. Eu falando esse italiano, *italianão*, esse italiano.” (16)

A amostra justificou as escolhas em virtude do estigma lingüístico “rir” de quem não “sabe falar direito” e em nome da língua pura, aprender a “língua certa”:

“Porque mistura(r) o português e o italiano? Se (es)tá no colégio, se não tem aula de italiano eles aprende(m) o português cor(r)eto, o certo.” (11)

“Porque, digamos assim, tu não sabe fala(r) direito e o pessoal ri atrás, uma coisa parecida assim.” (14)

“Porque, se fosse uma oitava série em diante, continuava (a escolher) com a terce(i)ra. Agora sendo pequenos, so(u) obrigado a pega(r) a prime(i)ra porque senão não vo(u) dize(r) nada pra ninguém. Ninguém vai o(u)vi(r) nada. *I capisse mia*,³⁴ entende?” (02)

As atitudes lingüísticas negativas confirmam a correlação entre os sistemas de fala, dialeto italiano e variedade de fala local de língua portuguesa, e o ser social inferior “italianão”, “italianoto”, “colono”, “grosso”. A avaliação negativa a essas variedades lingüísticas parece regular seu (não) uso na escola. As atitudes negativas em relação às variedades que refletem a origem italiana podem significar, no futuro, insegurança e sensação de incompetência lingüística, a recusa em falá-la em público e a alienação do indivíduo do próprio grupo social, conforme sugere Grosjean (1982).

³⁴ Eles não entendem.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise de acordo com as faixas etárias mostra atitudes lingüísticas semelhantes, tanto o DI como LPL, sofrem avaliação negativa para uso na escola. A variedade dialetal italiana foi rejeitada por 62,5% dos jovens e por 50% dos adultos. A LPL foi rejeitada por 37,5% dos jovens e por 50% dos adultos (tabela 44).

TABELA 44 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE SOBRE NP NA ESCOLA: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	00	00	00	00
DI.....	04	50,0	05	62,5
LPL.....	04	50,0	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise dos resultados (tabela 45), revela divergência entre os gêneros na avaliação negativa. No gênero masculino, 25% dos homens rejeitaram o DI, enquanto 75% rejeitaram a LPL (destacam-se os adultos). No gênero feminino, 87,5% das mulheres atribuíram valor negativo ao DI (destacam-se as adultas), e somente 12,5% avaliaram negativamente a LPL.

TABELA 45 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE SOBRE NP NA ESCOLA: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	00	00	00	00
DI.....	02	25,0	07	87,5
LPL.....	06	75,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Portanto reafirma-se o comportamento inovador das mulheres que, segundo Labov (1974, p. 345), possuem papel de guia no que tange à variação lingüística e reagem negativamente às formas estigmatizadas mais do que os homens.

5.4.4 Avaliação positiva das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre NP a pessoas que vêm das cidades

Freqüentemente, as pessoas da comunidade de NP interagem com pessoas urbanas, seja por motivo de negócios ou por visitas de parentes e amigos. Nessa questão, propôs-se ao sujeito que ele não sairia de sua comunidade, mas a pessoa da cidade viria a NP.

Para investigar as reações lingüísticas nessa situação, foi perguntado à amostra qual das três mensagens, em língua portuguesa *standard*, dialeto italiano ou variedade de fala de língua portuguesa local, **escolheriam** para divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre NP a pessoas que vêm das cidades.

Os resultados revelaram que a variedade lingüística de maior prestígio é o PS e a de menor valor positivo é o DI. Do total da amostra, 62,5% escolheram o PS; somente 6,25% atribuíram prestígio ao DI, enquanto 31,25% optaram pela LPL (tabela 46).

TABELA 46 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR A PUBLICIDADE, PESSOALMENTE, A PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	10	62,50
DI.....	01	6,25
LPL.....	05	31,25
TOTAL	16	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise qualitativa revela a preocupação dos bilíngües com o interlocutor. Dois fatores foram determinantes para a escolha do PS: porque se acredita que a pessoa urbana não entende o DI; por pensar que a pessoa da cidade possui “nível cultural” mais elevado e essa diferença dificultaria a comunicação:

“Fica, fica, pro pessoal da cidade, tem que se(r) o português porque como é que eles vão entende(r) o italiano? Não tem, de forma nenhuma!” (06)

“A maioria das pessoas que vem da cidade... tu não vai fala(r) outra língua que eles não entende(m).” (12)

“Se alguém, que é descendente de italiano, vem pra cá passeia(r) vai compreende(r). Mas, se são de outros lugares, que vêm pra conhece(r), entendem só português.” (11)

“Eu não sei o nível cultural das pessoas que chegaram. Então, pra mim, não dá um impacto, como se eu fala(r) muito coloquial.” (05)

Um único sujeito atribuiu prestígio ao DI em interações com pessoas das cidades. Ele reconheceu, na própria fala, características lingüísticas que revelam a origem do grupo etnolingüístico e assumiu um comportamento orientado para o reconhecimento da identidade lingüística:

“Não adianta a gente quere(r) fala(r), bota(r) palavra bonita, e não quere(r) fala(r), porque, na verdade, a gente é o que a gente fala aqui.” (03)

A avaliação positiva à LPL revelou amadurecimento de alguns sujeitos em relação à aceitação da cultura lingüística local: “É do jeito que eu sou.” Segundo Goffman (1988, p.113), essa é a fase em que o indivíduo estigmatizado “se aceita e se respeita [...] é a fase final, madura e bem-ajustada”:

“É do jeito que eu so(u), eu falo tudo misturado.” (13)

“Porque elas também, de repente, sei lá! Talvez goste(m) de alguma palavra diferente.” (14)

“Essas pessoas que vêm da cidade, né, em primeiro lugar, se eu quero chama(r) atenção eu vo(u) usa(r) a terce(i)ra porque bem ou mal eles vão entende(r). Eles vão ri(r), vão ri(r), mas eu fiz a minha propaganda.” (02)

As atitudes qualitativas dos bilíngües revelam preocupação com o interlocutor e com as normas sociais de interação. Para Siguan (2001, p. 166-168), as normas regem não apenas encontros de entre pessoas conhecidas, mas também em espaços e instituições. Dessa forma, se a interação ocorrer entre interlocutores conhecidos ou habituais, o bilíngüe não necessita decidir qual língua deve usar, pois as normas que a regem já são mais ou menos estáveis. Porém, se for uma interação entre pessoas desconhecidas, o bilíngüe vai levar em conta seu conhecimento das línguas do lugar e das normas sociais que regem seu uso.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

Na proposta de os sujeitos interagirem com pessoas que vêm das cidades, os dados referentes às faixas etárias (tabela 47) revelam significativa divergência em relação à LPL. A variedade local de língua portuguesa foi prestigiada por 50% dos adultos e por apenas 12,5% dos jovens. O PS foi prestigiado por 50% dos adultos e 75%.

TABELA 47 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE A PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	04	50,0	06	75,0
DI.....	00	00	01	12,5
LPL.....	04	50,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Entre as gerações, a tabela 48 mostra que o prestígio atribuído ao PS foi idêntico entre homens e mulheres, isto é, 62,5% de avaliação positiva à língua portuguesa *standard* (destacam-se os jovens). Em relação ao prestígio atribuídos à LPL, 37,5% dos homens e 25% das mulheres avaliaram positivamente essa variedade (destacam-se os adultos).

TABELA 48 – FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE A PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. E.	%	Fre. E.	%
PS.....	05	62,5	05	62,5
DI.....	00	00	01	12,5
LPL.....	03	37,5	02	25,0
TOTAL	08	100	08	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Em NP, mesmo que a diglossia não esteja estabelecida, parece que, a exemplo das atitudes lingüísticas na escola, as normas para o uso das variedades de fala sugerem uma

estabilidade. Os bilíngües optam pela variedade de língua portuguesa culta para falar com pessoas das cidades e pela variedade de fala de língua portuguesa local para falar com pessoas mais íntimas.

5.4.4.1. Avaliação negativa das variedades lingüísticas para a proposta de divulgar, pessoalmente, a publicidade sobre NP a pessoas que vêm das cidades

Para investigar as atitudes lingüísticas da amostra em interações com pessoas urbanas, perguntou-se aos sujeitos qual das três mensagens, em língua portuguesa *standard*, dialeto italiano ou variedade de fala de língua portuguesa local eles **não escolheriam** para falar sobre NP a **pessoas que vêm das cidades**

A análise dessa questão (tabela 49) revela que, para a amostra, o DI é a variedade lingüística de menor prestígio, com 75% de avaliação negativa. A LPL foi rejeitada por 18,75% dos sujeitos, e somente um sujeito eliminou o PS.

TABELA 49 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE A PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	01	6,25
DI.....	12	75,00
LPL.....	03	18,75
TOTAL	16	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

O valor negativo atribuído à variedade dialetal italiana para falar com pessoas que vêm das cidades foi justificado, principalmente, em função do interlocutor: “Eles não entendem.”

Porém, o estigma lingüístico: “Eles são capaz de dar risada”, favorece a rejeição ao DI:

“Porque os da cidade (es)tão acostumado(s) a fala(r) um português mais correto, eles não iam entende(r) muito, acho. O italiano de NP e português misturado já entenderiam alguma coisa.” (08)

“Por causa que acho que eles não entenderiam direito, teria que se expressa(r) melhor.” (10)

“Porque não vão entende(r) nada, a maioria não vai entende(r), quem vem de fora.” (09)

“Porque eles não entende(m).” (06)

“Porque a gente não sabe se eles sabem fala(r) italiano, se eles entendem.” (04)

“Porque eles são capaz(es) até de da(r) risada depois.” (01)

As atitudes negativas em relação à LPL justificaram-se em função do interlocutor ou para evitar o estigma lingüístico:

“É a mesma coisa que tu fala(r), ali, só o dialeto italiano, também. A mesma coisa. Eles não vão entende(r) tudo o que tu que(r) passa(r) pra eles.” (12)

“É a maneira que o pessoal mais debocha(m). [...] As pessoas que vêm da cidade, elas não entendem porque que as pessoas falam assim.” (03)

As atitudes lingüísticas da amostra, nessa questão, permitem uma interpretação de acordo com os estudos de Blom e Gumperz (2002), na Noruega. Segundo os autores, a pesquisa mostrou que os nativos de uma pequena comunidade podem utilizar entre si o dialeto local, porém alteram o código lingüístico assim que forasteiros se aproximam, pois percebem que indivíduos de fora costumam associar o dialeto local com falta de instrução formal e sofisticação. Além disso, se o falante demonstrar domínio do dialeto local e se recusar a utilizá-lo, a comunidade interpreta a atitude como desprezo ao “time local”. As justificativas deste estudo sugerem que valores como solidariedade e polidez regulam o comportamento lingüístico dos sujeitos para com pessoas estranhas ou urbanas, uma vez que elas “não entendem” o dialeto italiano. Por outro lado, o estigma lingüístico “eles debocham” parece ser fator determinante para que os nativos evitem a variedade de fala de língua portuguesa local em interações com pessoas urbanas.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A análise referente aos grupos das diferentes faixas etárias (tabela 50) revela atitudes lingüísticas divergentes em relação ao português *standard* e à LPL, porém semelhantes em relação ao dialeto italiano. No GA, 12,5% atribuíram valor negativo ao PS; 87,5% rejeitaram

o DI, e ninguém atribuiu juízos de valor negativo à LPL. No GJ, ninguém rejeitou o PS; 62,5% avaliaram negativamente o DI, e 37,5% rejeitaram a LPL.

TABELA 50 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE A PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: **FAIXA ETÁRIA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	De 35 a 55 anos		De 10 a 30 anos	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	01	12,5	00	00
DI.....	07	87,5	05	62,5
LPL.....	00	00	03	37,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise dos dados referente aos gêneros (tabela 51) mostra que 87,5% das mulheres e 62,5% dos homens rejeitaram o DI. Nenhuma mulher avaliou negativamente o PS, e somente uma (da geração jovem) eliminou a LPL. No grupo masculino, 25% dos homens (só os jovens) rejeitaram a LPL, e somente um homem (adulto) eliminou o PS.

TABELA 51 – FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA A PROPOSTA DE DIVULGAR, PESSOALMENTE, A PUBLICIDADE A PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: **GÊNEROS**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	M		F	
	Fre. R.	%	Fre. R.	%
PS.....	01	12,5	00	00
DI.....	05	62,5	07	87,5
LPL.....	02	25,0	01	12,5
TOTAL	08	100	08	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Novamente, os resultados reafirmaram a existência de atitudes negativas das mulheres em relação à variedade dialetal italiana e as atitudes negativas dos homens jovens em relação à variedade local de fala de língua portuguesa .

5.4.5 Síntese dos resultados

Os dados para os domínios *família* e *Capela* mostraram-se significativamente distintos dos domínios *escola* e *interação com pessoas urbanas*. Para manter clara essa distinção, apresenta-se a síntese dos resultados subdividida. Gráficos foram adotados para melhor visualização dos dados *faixa etária* e *gênero*. Na descrição dos dados, descreve-se a média das escolhas e das rejeições, isto é, a média dos grupos por faixa etária e a média dos grupos por gênero.

5.4.5.1 Síntese da avaliação positiva

Variedades lingüísticas prestigiadas na família e na Capela

Observe-se que a soma das escolhas para os domínios da família e da Capela mostrou a LPL como a variedade de fala de maior prestígio (46,87%), tornando possível a substituição do dialeto italiano em favor da língua portuguesa. O PS possui o menor prestígio (21,87%), o DI possui muito menos prestígio do que se imaginava para uso em situações informais e íntimas: somente 31,25% das opções de escolha (tabela 52).

TABELA 52 – RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE
FREQÜÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA UTILIZAR EM FAMÍLIA E NA CAPELA: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	07	21,87
DI.....	10	31,25
LPL.....	15	46,87
TOTAL	32	99,99

Fre. R. = Freqüência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Dessa forma, entende-se que o comportamento lingüístico em casa e na capela, em que predomina o prestígio à variedade de fala local de língua portuguesa, orienta-se para o reconhecimento de uma cultura lingüística local, dir-se-ia etnolingüística, ítalo-brasileira em ambientes mais íntimos e informais: “Aqui em casa, é tudo misturado.” (14); “Porque é o que eu falo também.” (09)

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

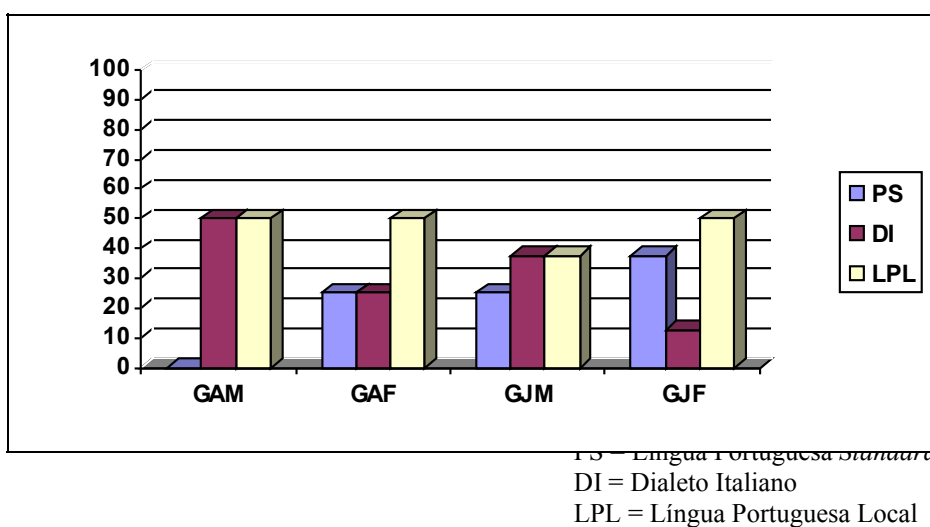
A avaliação positiva dos sistemas de fala para utilizar em família e na Capela foi semelhante em relação à LPL (figura 6).

No GA, a média da soma das escolhas das variedades lingüísticas ficou assim distribuída: 12,5% dos sujeitos atribuíram prestígio ao PS (somente as mulheres); 37,5% avaliaram positivamente o DI (destacam-se os homens), e 50% atribuíram juízos de valor positivo à LPL (índice idêntico para ambos os gêneros).

No GJ, a média da soma das escolhas das variedades lingüísticas revelou os seguintes resultados: 31,25% dos jovens atribuíram prestígio ao PS (destacam-se as mulheres); 25% avaliaram positivamente o DI (destacam-se os homens), e 43,75% atribuíram valor positivo à LPL (a freqüência é semelhante entre os gêneros).

FIGURA 6: RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE

FREQÜÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP, PESSOALMENTE, NA FAMÍLIA E NA CAPELA – DADOS POR GRUPOS



Quanto aos gêneros, a análise permite afirmar que as mulheres atribuem maior valor positivo ao PS do que os homens: no gênero feminino, a média de escolhas é de 31,25%; enquanto somente 12,5% dos homens optaram pelo PS. Os homens atribuem maior valor positivo ao DI do que as mulheres. No gênero masculino, a média de escolhas é de 43,75%,

enquanto somente 18,75% da média das escolhas femininas foram favoráveis à variedade italiana. O prestígio atribuído à LPL é semelhante: a média de avaliação positiva é de 43,75% no grupo masculinos, e de 50% no grupo feminino.

A análise dos resultados sugere que a geração jovem mostra uma tendência maior à aculturação brasileira do que os adultos. Conforme Labov (1974, p. 59) ensina, as mulheres possuem um comportamento mais inovador do que os homens. Nesta pesquisa, as mulheres utilizam mais as variedades de língua portuguesa que os homens, assumindo o papel de guia na evolução lingüística. Os homens, por sua vez, usam mais formas não *standard*.

Variedades lingüísticas prestigiadas na escola e para interagir com pessoas de cidades

Para utilizar na escola e para interagir com pessoas urbanas, o PS é o sistema lingüístico de maior prestígio (75%); a LPL foi avaliada positivamente por 21,87% dos sujeitos, e o dialeto italiano quase não foi lembrado, somente 3,12% (tabela 53).

TABELA 53 – RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE
FREQÜÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP NA ESCOLA E PARA INTERAGIR COM PESSOAS URBANAS: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIÉDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	24	75,00
DI.....	01	3,12
LPL.....	07	21,87
TOTAL	32	99,99

Fre. E. = Freqüência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

A análise qualitativa dos dados revela que, para uso na escola (instituição do Estado), as atitudes positivas são orientadas para a obediência às normas da língua portuguesa oficial e por lealdade à pátria brasileira: “Por causa que ali eles exigem o português.” (01); “Porque a gente é brasile(i)ro.” (07) Revela-se, também, a pouca competência lingüística na variedade dialetal italiana nos grupos jovens: “Porque, no colégio [...], tem um monte que não entendem.” (12) Na escola, o estigma lingüístico torna-se mais presente, e a possibilidade de

ser exposto a uma situação ridícula parece maior: “Você acabo(u) sendo ridicularizado por causa da forma como você fala.” (02) Para interagir com pessoas urbanas, a avaliação positiva da língua portuguesa decorre, principalmente, da função da comunicação, isto é, deve-se usar uma língua culta: “Pro pessoal da cidade tem que se(r) o português, porque como é que eles vão entende(r) o italiano? Não tem... de forma nenhuma.” (06)

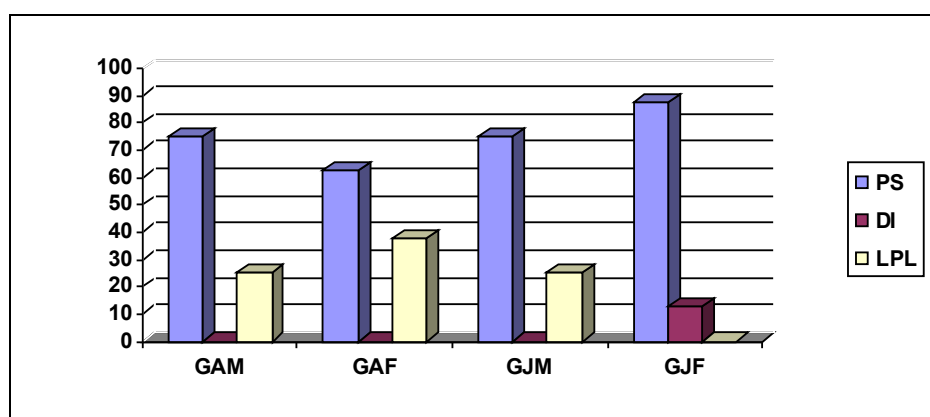
Portanto, o prestígio atribuído aos sistemas lingüísticos: PS, DI e LPL, é determinado pelos valores positivos ou negativos que são atribuídos às formas de fala, pode ser pelo usuário ou pelo interlocutor. Contudo, apesar de qualquer juízo de valor atribuído ou percebido nos sistema de fala, a preocupação com a comunicação, a lealdade ao grupo e a solidariedade com o interlocutor parecem prevalecer sobre o estigma lingüístico.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

Para utilizar na escola e interagir com pessoas urbanas (figura 7) há uma relativa homogeneidade nas atitudes lingüísticas. No GA, a média da soma das escolhas das variedades lingüísticas ficou assim distribuída: 68,75% dos sujeitos atribuíram prestígio ao PS; nenhum adulto atribuiu valor positivo ao DI, e 31,25% avaliaram positivamente a LPL. No GJ, a média da soma das escolhas das variedades lingüísticas revelou os seguintes resultados: 81,25% atribuíram prestígio ao PS; 6,25% avaliaram positivamente o DI, e 12,5% atribuíram valor positivo à LPL.

FIGURA 7: RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE

FREQÜÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP, PESSOALMENTE, NA ESCOLA E PARA INTERAGIR COM PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: DADOS POR GRUPOS



PS = Língua Portuguesa *Standard*

DI = Dialeto Italiano

LPL = Língua Portuguesa Local

A análise dos dados referentes aos gêneros revela que homens e mulheres atribuíram valor positivo idêntico ao PS (75%) na média das escolhas. O DI foi avaliado positivamente somente por uma mulher (6,25%). A LPL foi prestigiada por 25% dos homens e por 18,75% das mulheres (somente as adultas). Enfim, as atitudes positivas em relação às variedades lingüísticas sugerem respeito às normas institucionais, na escola, apontando à quase-homogeneidade lingüística em favor da língua portuguesa *standard*. Para interagir com pessoas de cidades, o comportamento parece orientado por normas sociais como a solidariedade ao interlocutor e para facilitar a comunicação.

5.4.5.2 Síntese da avaliação negativa

Observa-se, de acordo com a tabela 54, que a soma da freqüência de rejeição dos sistemas de fala, nos domínios *família* e *Capela*, o maior índice de rejeição foi atribuído ao português *standard* (53,12%), enquanto a avaliação ao DI foi de 28,12%. A menor avaliação negativa coube à variedade de fala local de língua portuguesa (18,75%).

TABELA 54 – RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE

FREQÜÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP NA FAMÍLIA E NA CAPELA: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	17	53,12
DI.....	09	28,12
LPL.....	06	18,75
TOTAL	32	99,99

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

As avaliações negativas dos sistemas de fala revelam divergências entre os sujeitos da amostra e sugerem não haver uma variedade lingüística explicitamente “antipática” à comunidade de NP. O PS foi rejeitado, principalmente, pela falta de competência lingüística e de familiaridade com o sistema de fala: “Eu não sei fala(r) só português puro” (14); “Ia fica(r) estranho.”(05) Os sistemas de fala, DI e LPL, foram rejeitados pela preocupação com a comunicação, a solidariedade com o interlocutor e o estigma lingüístico: “Têm mulheres que são empregadas(s) que vêm de fora. Elas não iam entende(r) nada.” (07); “Porque (es)tá er(r)ado fala(r) assim.” (12) As atitudes indicam a consciência acerca das diferentes situações sociais que requerem diferentes formas de fala.

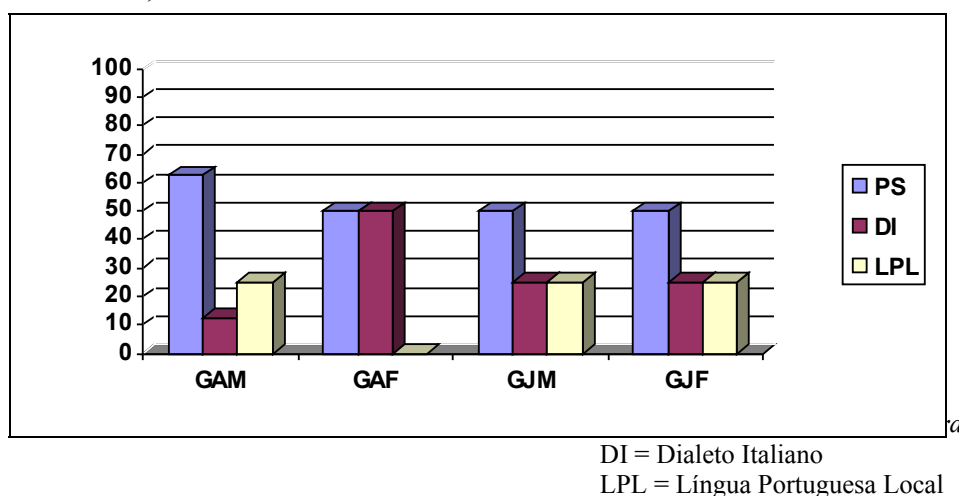
Variáveis sociais: faixa etária e gênero

A figura 8 revela que, para utilizar em casa e na Capela, a média da soma das opções de rejeição aos sistemas de fala entre as faixas etárias, adultos e jovens atribuem menor prestígio ao PS.

No GA, a média da soma da frequência de rejeição às variedades lingüísticas revelou: 56,25% dos sujeitos eliminaram o PS; 31,25% rejeitaram o DI, e somente 12,5% atribuíram valor negativo à LPL. No GJ, a média da soma da frequência de rejeição das variedades lingüísticas revelou: 50% atribuíram valor negativo ao PS; 25% rejeitaram o DI, e outros 25% eliminaram a variedade de fala de língua portuguesa local.

FIGURA 8: RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE

FREQÜÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP, PESSOALMENTE, NA FAMÍLIA E NA CAPELA: **DADOS POR GRUPOS**



A análise dos dados revela semelhança nas atitudes negativas entre os gêneros em relação ao PS e à LPL e divergência em relação do DI. O português *standard* foi rejeitado por 56,25% das opções masculinas e por 50% das opções femininas. O DI foi evitado por 18,75% das opções masculinas e por 37,5% das opções femininas (destaca-se o GAF). A média do índice de rejeição à LPL é de 25% no grupo masculino e de 12,5% no grupo feminino. Novamente, as atitudes negativas em relação ao DI sobressaíram-se no grupo feminino adulto.

Variedades lingüísticas rejeitadas para utilizar na escola e com pessoas das cidades

A tabela 55 revela que, para utilizar na escola e para interagir com pessoas urbanas, o PS é o sistema de fala de menor valor negativo (3,12%), o DI é a variedade lingüística de maior valor negativo (65,62%). À LPL foram atribuídas 31,25% das opções de rejeição.

TABELA 55 – RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE

FREQÜÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP NA ESCOLA E PARA INTERAGIR COM PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: **TOTAL DA AMOSTRA**

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R.	%
PS.....	01	3,12
DI.....	21	65,62
LPL.....	10	31,25
TOTAL	32	99,99

Fre. R. = Freqüência de Rejeição
DI = Dialeto Italiano

PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa Local

Diversos fatores favorecem a rejeição ao DI e à LPL na escola e em interações com pessoas urbanas. A função de comunicação dos sistemas de fala: “Sendo pequenos, sou obrigado a pega(r) a primeira, porque, senão, não vou dize(r) nada a ninguém”(02), a solidariedade com o interlocutor: “Por causa que, acho que, eles não iam entende(r) direito.” e, segundo, o estigma lingüístico: “Porque é a maneira que o pessoal mais debocha. [...] As pessoas da cidade não entendem por que as pessoas (daqui) falam assim.” (03); “Se tu não sabe fala(r) direito, o pessoal ri atrás.” (14) Além disso, o bilíngüe pode querer evitar um sistema lingüístico, também, por preocupar-se com o *status* social ou intelectual do interlocutor, porque determinada forma de fala denota incompetência lingüística ou ignorância, pois a interferência lingüística é percebida como “erro lingüístico”, que é correlacionado ao estigma social, isto é, a variedade lingüística é correlacionada a uma classe social inferior.

Variáveis sociais: faixa etária e gênero

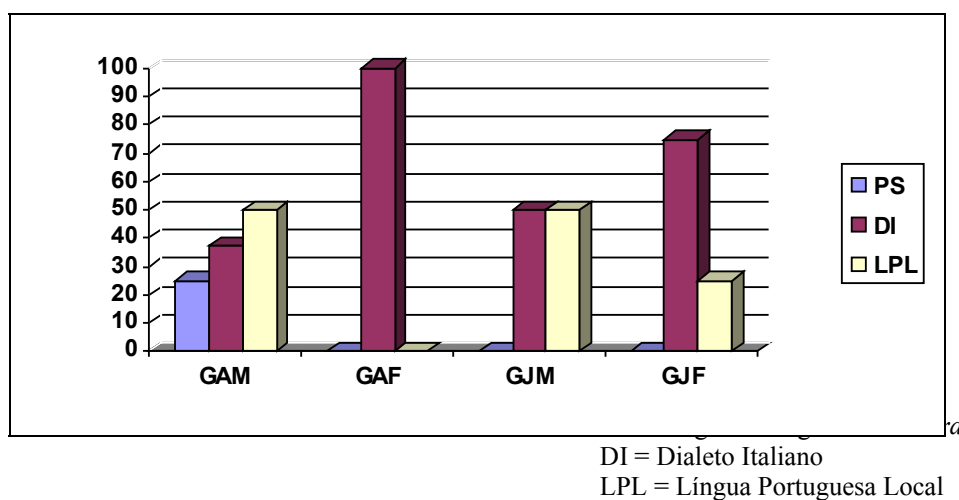
A análise dos dados entre as faixas etárias revela a semelhança da avaliação negativa das formas de fala para a proposta de utilizar as variedades lingüísticas na escola e interagir com pessoas que vêm das cidades (figura 9).

No GA, a média da soma da frequência de rejeição às variedades lingüísticas ficou assim distribuída: 6,25% dos sujeitos rejeitaram o PS; 68,75% eliminaram o DI (destacam-se as mulheres), e 25% atribuíram valor negativo à LPL (destacam-se os homens).

No GJ, a média da soma da frequência de rejeição às variedades lingüísticas mostrou os seguintes dados: nenhum dos jovens eliminou o PS, 62,5% eliminaram o DI (destacam-se as mulheres), e 37,5% rejeitaram a LPL (destacam-se os homens).

FIGURA 9: RESULTADO PARCIAL DA QUARTA PARTE

FREQÜÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS PARA DIVULGAR NP, PESSOALMENTE, NA ESCOLA E PARA INTERAGIR COM PESSOAS QUE VÊM DAS CIDADES: DADOS POR GRUPOS



A análise dos dados, referente aos gêneros, revela divergências nos juízos de valor negativo atribuídos ao DI e à LPL. No gênero masculino, 6,25% das opções rejeitaram o PS, enquanto nenhuma mulher eliminou a língua portuguesa *standard*. O DI foi rejeitado por 43,75% das opções masculinas e de por 87,5% das opções femininas (100% no GAF). A LPL foi rejeitada por 50% das opções dos homens e por 12,5% das opções das mulheres.

Resumindo: a pesquisa mostrou a evidente percepção da amostra diante dos diferentes domínios de uso lingüístico e da consciência da necessidade de adequar-se lingüisticamente nas diferentes situações. Os dados revelaram que poucos falantes – os adultos mais do que os jovens – usam o dialeto italiano. Os jovens, por sua vez, atribuem maior prestígio ao PS do que os adultos. O GA atribuiu maior prestígio à LPL do que os jovens, que rejeitaram mais a mescla lingüística e a vêem de forma mais negativa do que os adultos. Os grupos adultos, por sua vez, percebem a LPL como uma cultura lingüística ítalo-brasileira de forma mais positiva do que os jovens. Os dados mostraram, também, que as mulheres atribuem maior valor positivo a ambas as variedades de língua portuguesa e maior valor negativo ao DI do que os homens. Pelo comportamento feminino, parece remota a possibilidade de um retorno à transmissão do DI, uma vez que, nessa comunidade, as mães ficam mais próximas das

crianças do que os pais. Os homens revelaram um comportamento mais conservador do que as mulheres, valorizando a variedade dialetal italiana mais do que as mulheres.

Finalmente, a pesquisa mostrou o que um olhar superficial não revela: a diversidade das atitudes lingüísticas dos sujeitos diante de diferentes situações sociais ou pessoas diferentes. Algumas atitudes são subjetivas, outras são conscientes. Consta-se pouca hesitação em relação aos sistemas de fala nas situações em que as normas sociais ou lingüísticas estão preestabelecidas, pois o indivíduo as reconhece e, geralmente, as obedece. Contudo, em situações em que as normas lingüísticas não estão previamente definidas, um conflito lingüístico intragrupo parece desorientar os bilíngües de NP.

5.5 Resultado final geral

5.5.1 Resultado final geral da avaliação positiva

A soma final geral das opções de escolha das variedades lingüísticas revela números equivalentes na avaliação positiva da amostra. Dentre as 128 opções, 43% do prestígio foi atribuído PS: 43% ao DI, e 42% à LPL (cf. tabela.56).

TABELA 56 – SOMA FINAL GERAL – TERCEIRA E QUARTA PARTES
FREQUÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS: TOTAL DA AMOSTRA

VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. E.	%
PS.....	43	33,6
DI.....	43	33,6
LPL.....	42	32,8
TOTAL	128	100

Fre. E. = Frequência de Escolhas
DI = Dialeto Italiano

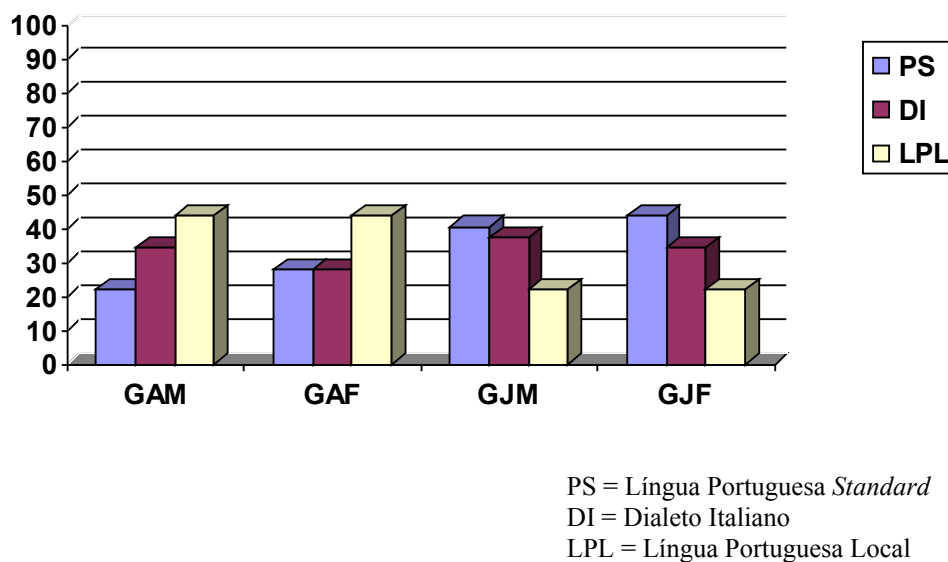
PS = Língua Portuguesa *Standard*
LPL = Língua Portuguesa *Loca*

Variáveis sociais: faixa etária e gênero.

A análise entre as faixas etárias pode auxiliar a compreensão do fenômeno. Segundo o percentual final geral: 25% no GA e 42,18% no GJ atribuíram prestígio ao PS; 31,25% dos adultos e 35,93% dos jovens avaliaram positivamente o DI; 43,75% dos adultos e 21,87% dos

jovens atribuíram valor positivo à LPL. Por esses dados, observa-se uma inversão nos percentuais de valor positivo atribuído ao PS e à LPL por adultos e jovens, revelando os efeitos do tempo. Enquanto os adultos prestigiam mais a variedade de fala local de língua portuguesa, revelando maturidade e consciência da identidade, os jovens, que são mais instruídos mostram-se mais sensíveis à interferência lingüística e atribuem menos valor positivo à LPL do que os adultos. Além disso, o GJ mostra-se mais sensível aos movimentos de resgate cultural, avaliando positivamente o dialeto italiano mais do que os adultos. O gráfico abaixo (figura10) mostra relativa sintonia na avaliação positiva das variedades lingüística apenas em relação ao dialeto italiano. Enquanto os homens e mulheres adultos atribuíram maior valor positivo à LPL, os homens e mulheres jovens atribuíram maior prestígio ao português *standard*.

FIGURA.10: RESULTADO FINAL GERAL– TERCEIRA E QUARTA PARTES.
REQÜÊNCIA DE ESCOLHAS DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS: DADOS POR GRUPOS



5.5.2 Resultado final geral da avaliação negativa

A soma final geral das opções de rejeição às variedades lingüísticas (cf. tabela.57) revela divergências. O português *standard* é a variedade lingüística de maior avaliação negativa (39%); segue-se o dialeto italiano (31,2%) e a LPL (29,6%)

TABELA 57 – SOMA FINAL GERAL – TERCEIRA E QUARTA PARTES
FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS: TOTAL DA AMOSTRA

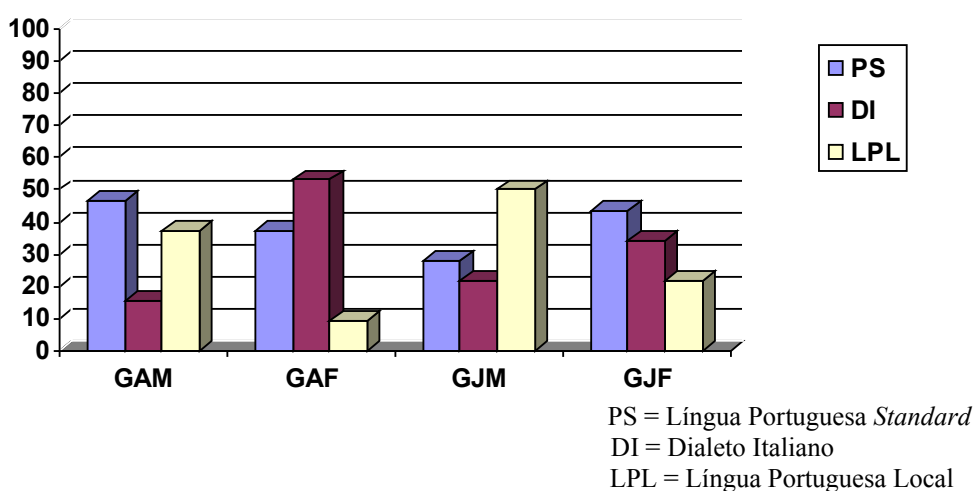
VARIEDADE LINGÜÍSTICA	Fre. R	%
PS.....	50	39,0
DI.....	40	31,2
LPL.....	38	29,6
TOTAL	128	100

Fre. R. = Frequência de Rejeição PS = Língua Portuguesa *Standard*
 DI = Dialeto Italiano LPL = Língua Portuguesa *Loca*

Variáveis sociais: faixa etária e gênero.

A soma final geral do dados referente às faixas etárias revela que os adultos atribuem maior valor negativo ao português *standard* e os jovens avaliam negativamente mais a variedade de fala local de língua portuguesa. Consta-se que 42,18% dos adultos e 35,93% dos jovens avaliaram negativamente o PS; 34,37% dos adultos e 28,12% dos jovens atribuíram valor negativo ao DI; e 23,43% dos adultos e 35,93% dos jovens rejeitaram a LPL. Há divergências entre os gêneros em relação ao DI e à LPL (fig. 11). Em ambos os grupos, o índice de valor negativo ao DI foi alavancado pelas mulheres. No GA, dentre as vinte e duas opções de rejeição, dezessete ocorreram no GFA. No GJ, das dezoito opções de rejeição, onze são do GF. Em relação à LPL, no GA, das quinze opções de rejeição à LPL, doze ocorreram no GM. No GJ, das 23 (vinte e três) das opções de rejeição, dezesseis são do GM.

FIGURA 11: RESULTADO GERAL FINAL – TERCEIRA E QUARTA PARTES
FREQUÊNCIA DE REJEIÇÃO ÀS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS – DADOS POR GRUPOS



6 Considerações finais

Na Região de Colonização Italiana (RCI), como já foi dito, a partir de 1975, ocorreu um grande movimento para revalorizar a cultura italiana. Depois disso, os ítalo-brasileiros passaram a revalorizar a própria culinária, os cantos, os *filòs*, etc., mas, mesmo assim, o dialeto italiano (Coiné), parece estar cedendo lugar à língua portuguesa.

Mudanças lingüísticas, às vezes, são benéficas, e os grupos sociais as aprovam. Outras vezes, as mudanças são desaprovadas porque afetam aspectos culturais e o grupo social ressentem-se das perdas como a substituição do dialeto de um grupo minoritário em favor de uma língua culta. Apesar disso, nem sempre o grupo tem ciência de que as próprias atitudes lingüísticas favorecem inovações. Em NP, o aumento de usuários da língua portuguesa, principalmente entre crianças e jovens, faz crer que a língua materna transmitida às crianças é a língua portuguesa, em detrimento do dialeto italiano que foi a primeira língua das crianças até há três ou quatro décadas. Esse comportamento estimulou a curiosidade desta pesquisadora que se propôs a investigar se fatores sociais como prestígio e estigma lingüísticos seriam percebidos e se esses valores regulariam o comportamento lingüístico dos bilíngües ítalo-brasileiros dessa comunidade. Para isso, orientou a pesquisa a partir das três hipóteses:

- a) a língua materna dos ítalo-brasileiros jovens em NP é a língua portuguesa; contrariamente, a língua materna dos adultos é o dialeto italiano;
- b) os bilíngües ítalo-brasileiros de NP avaliam de forma diversa as variedades lingüísticas utilizadas pela comunidade de fala, atribuindo-lhe prestígio ou estigma;
- c) o comportamento lingüístico dos bilíngües ítalo-brasileiros de NP é determinado pelos juízos de valor (prestígio ou estigma), que pressupõem serem atribuídos aos sistemas lingüísticos pelo interlocutor às variedades lingüísticas: PS, DI e LPL.

Os resultados da pesquisa falsearam parcialmente a primeira hipótese, mas confirmaram a segunda e a terceira.

Em relação à primeira hipótese, acreditava-se que tivesse corrido uma brusca interrupção na transmissão do dialeto italiano em favor da língua portuguesa como língua materna, motivada pela rápida evolução econômica, pelo advento da escola e de sua campanha em favor do uso da língua portuguesa. Além disso, os bilíngües passaram a ter contato intenso com a língua portuguesa através de TV e rádio e, também, seriam estimulados pelos conterrâneos recém-urbanizados. A investigação falseia parcialmente essa hipótese, pois a aquisição da língua portuguesa no lugar do dialeto italiano como língua materna está sendo gradual, e muitos bilíngües têm duas línguas maternas. A pesquisa revelou que 50% da amostra de cada faixa etária, adulta e jovem, adquiriram ao mesmo tempo o DI e a língua portuguesa. Portanto, no período das mudanças socioculturais e socioeconômicas, o dialeto italiano já estava sendo substituído, e a campanha realizada pela escola e apoiada pela Igreja, que estimulava o ensino da língua portuguesa aos filhos pelos próprios pais, pode ter sido o “golpe de misericórdia” do sistema dialetal. Quanto à campanha de “brasilianização”, pode ser que ela tenha surtido pouco efeito em NP, devido ao isolamento, mas certamente a comunidade não ficou imune à ação administrativa. Contudo, é pertinente considerar que, dos 16 (dezesesseis) sujeitos da amostra, somente 3 (três) tinham conhecimento de que o dialeto italiano fora proibido em tempos passados.

A segunda hipótese foi confirmada pelos resultados, pois os bilíngües atribuem diferentes juízos de valor, de prestígio ou de estigma, às variedades lingüísticas locais. A soma final das opções revela que igual prestígio foi atribuído à língua portuguesa *standard* e ao dialeto italiano. Porém, o significado social é substancialmente diverso, mostrando como uma língua traduz todo um significado afetivo e social de uma comunidade lingüística.

A pesquisa revelou que o alto prestígio atribuído à língua portuguesa *standard*, que aparece na quarta parte da descrição dos resultados, está correlacionado à comunicação, pois é a língua culta. Além disso, o domínio da língua oficial é percebido como necessário aos progressos econômico e social, imprescindível em situações formais como na escola, e necessária para interagir com pessoas das cidades, porém é isenta de afeto.

O prestígio atribuído ao dialeto italiano, que aparece na terceira parte do instrumento, está correlacionado à origem étnica e traduz-se em sentimento de pertença ao grupo social e à identidade e, nesses aspectos, é a variedade de valor afetivo. Essa afeição à variedade dialetal italiana fez com que, na pesquisa, os sujeitos reagissem de forma subjetiva e não lembrassem dos muitos receptores da mensagem publicitária que são monolíngües em língua portuguesa. No entanto, as atitudes de prestígio (atribuído ao DI) são contraditórias, pois o sistema de fala serviria apenas para mostrar ao público a cultura do grupo étnico-social na mídia.

A contradição está em que, na prática, o DI é a variedade lingüística preferida por poucos em interações com a família e na Capela, não é utilizado na escola e pouquíssimo para interagir com pessoas que vêm das cidades. Portanto, a lealdade para com o sistema dialetal italiano parece ser mais nostálgica do que funcional e, provavelmente, é o resultado do movimento de retorno às origens, um dos apelos – senão o mais evidente – de que a publicidade em geral recorre para divulgar aspectos culturais do município.

A terceira hipótese também foi confirmada. Os bilíngües percebem diferentes valores atribuídos aos sistemas de fala pelo interlocutor, e essa percepção atua como força reguladora do comportamento lingüístico na comunidade ítalo-brasileira de NP, pois o mesmo sistema de fala, que possui prestígio em determinadas situações lingüísticas, pode tornar-se um estereótipo em outra ocasião social devido ao aspecto restritivo dela.

As avaliações negativas dos sujeitos para com os sistemas lingüísticos reafirmaram a ausência de sentimento de identidade com a língua portuguesa *standard* e, em algumas

(poucas) ocasiões sociais, pode ser percebida como estereótipo lingüístico. O prestígio da língua portuguesa culta estimula seu uso. O português *standard* também é reconhecido pelas instituições públicas e pela classe social privilegiada como o sistema lingüístico “correto”, “culto”, “belo”. Contudo, em NP, o uso da variedade culta da LP em interações com pessoas íntimas pode significar: “Estar se fazendo” (09 e 16) ou, como disse Gumperz (2002, p. 61), o bilíngüe quer “banciar o importante”. Essas atitudes são indicadoras de, primeiro, lealdade para com o grupo étnico-social italiano, sua cultura e língua e, segundo, da ciência de que a escolha das variedades lingüísticas deve adequar-se às situações sociais.

Ao mesmo tempo, o dialeto italiano e a variedade de fala local de língua portuguesa refletem a identidade étnica do grupo e, também, são os sistemas lingüísticos que mais remetem ao estigma. O dialeto italiano aponta para o estigma social de “colono”, enquanto a LPL remete à noção de “erro” e, portanto, ao sentimento de incompetência lingüística.

Observa-se, também, que esse grupo social atribui e percebe os diferentes valores atribuídos por interlocutores às variedades lingüísticas, e as atitudes em relação aos sistemas de fala atuam como força coercitiva reguladora do comportamento lingüístico. A pesquisa mostrou que o riso e a ridicularização são percebidos pelos bilíngües, e que os juízos de valor positivo ou negativo estimulam atitudes defensivas e orientam o uso das variedades lingüísticas. A solidariedade ao grupo social e ao interlocutor atua como estímulo ao sentimento de pertença ao grupo, enquanto o estigma estimula um comportamento defensivo, isto é, o bilíngüe passa a evitar as variedades lingüísticas marcadas. A escola obteve êxito em mostrar que há uma língua padrão oficial e que a essa variedade estão associados valores de prestígio, pois tem seu valor reconhecido no mercado lingüístico. (BOURDIEU, 1996, p. 31-32). Contudo, parece ter permitido o estigma lingüístico em seu domínio, onde o fenômeno apareceu de forma mais explícita. Variedades lingüísticas com a presença de marcas do dialeto italiano foram evitadas também para a proposta de interagir com pessoas que vêm das

idades, sugerindo estigmatização lingüística urbana-rural como já foi apontada por Frosi (1987, p. 220).

A variedade de fala de língua portuguesa local parece estar correlacionada, principalmente, à cultura ítalo-brasileira local e revela-se como marcador de identidade do grupo étnico-social local, apontando para uma possível passagem da concepção de uma cultura italiana para uma cultura ítalo-brasileira local, quer-se dizer, italiana, mas também brasileira ou vice-versa.

O estudo revelou a instabilidade das atitudes lingüísticas, trazendo à luz um conflito entre os valores étnico-lingüísticos idealizados pelo grupo social e a obediência às normas e aos valores do grupo social mais amplo. Esse conflito favorece uma desorientação dos bilíngües quanto ao valor e às necessidades dos sistemas lingüísticos, sugerindo uma identidade lingüística irreal ou nostálgica. Porém, o grupo etnolingüístico poderia bem prestigiar a ambos os sistemas de fala, cada um em seu domínio específico. Acredita-se, também, que as atitudes positivas para com o DI podem ser o resultado do movimento de retorno às origens impulsionado por muitos intelectuais da RCI no Rio Grande do Sul, como pesquisadores, historiadores, etc. Esse movimento deve ter continuidade para que seja sedimentado o comportamento positivo dos ítalo-brasileiros em relação à própria cultura.

Além dos resultados da pesquisa propriamente dita, a realização do trabalho suscitou também outras questões que merecem investigação específica. Por exemplo, insistindo na relação entre os fatores estigma ou prestígio e comportamento lingüístico, surge uma outra questão: o nosso sujeito poderia sentir vergonha de declarar que dominava apenas o dialeto italiano na primeira infância e que só conheceu a língua portuguesa por ocasião de seu ingresso na escola? É possível, também, que bilíngües não tenham a clara distinção de qual tenha sido a própria língua materna. Segundo Weinreich (1974, p. 123), a consequência da aquisição de duas línguas, simultaneamente, que em comunidades bilíngües normalmente são

ensinadas pelos pais aos filhos, pode resultar na anulação da distinção entre língua materna e segunda língua. Quanto à substituição definitiva do dialeto italiano em favor da língua portuguesa, estudos futuros poderiam ser realizados no sentido de investigar se a homogeneidade lingüística em favor da língua portuguesa concretizou-se. Além disso, poderiam ser investigados quais fatores são mais preponderantes para mudanças em relação à predominância de uma variedade em relação à outra e os efeitos psicológicos dessas mudanças culturais no indivíduo. Um sujeito da pesquisa, ao relatar que foi aconselhado pela escola a pôr cartazes dentro de casa com os dizeres: “Sou brasileiro, a minha língua é o português”, declarou que hoje só consegue usar o dialeto italiano com os irmãos mais velhos, pois com os mais novos fala somente em língua portuguesa.

Com este estudo, acredita-se ter contribuído com resultados que levem a novas reflexões sobre o comportamento sociolingüístico dos indivíduos, especificamente, sobre as atitudes lingüísticas em situações de bilingüismo. Além disso, os resultados podem ser aproveitados pelas instituições para que seja incentivada a valorização das culturas dos grupos sociais minoritários. Esses resultados poderão servir para estimular os docentes a trabalhar no sentido de atenuar o estigma lingüístico nas escolas, enquanto incentivam seus alunos a dominar a língua portuguesa. Novas investigações poderão ser empreendidas a fim de investigar quais dos níveis favorecem a estigmatização: fonológico, morfológico, lexical e/ou sintático. Estudos mais aprofundados poderiam ser realizados, também, para investigar a substituição ou a conservação do dialeto italiano e o grau de competência do bilingüismo dos jovens, com a finalidade de verificar a possibilidade de retornarem a transmitir a variedade dialetal italiana como língua materna. Por fim, em NP, além da valorização cultural, poderia ser incentivada a prática da diglossia português-italiano, isto é, para cada domínio ou situação, usa-se uma ou outra variedade lingüística.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: São Miguel. 1962. T.1.
- ANCARINI, Umberto. A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil. *A Itália e o Rio Grande do Sul IV: Relatório de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas*. Tradução de Luis A. De Boni (org.). Caxias do Sul: Educs. Fondazione Giovanni Agnelli, 1983.
- ANTONELLI, Pietro. O Estado do Rio Grande do Sul e a Imigração Italiana. *A Itália e o Rio Grande do Sul IV: Relatório de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas*. Tradução de Luis A. De Boni (org.). Caxias do Sul: Educs; Fondazione Giovanni Agnelli. 1983.
- ANTUNES, Paranhos (Org.). *Documentário histórico do município de Caxias do Sul – 1875-1950*. São Leopoldo: Artegráfica Comércio e Indústria S.A. 1950.
- ARDUINI, Luigi. Proemio. In: *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud–1875–1925*, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.
- AZEVEDO, Thales, de. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul: Educs, 1994.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- BAREA, D. José. La Vita Spirituale nelle colonie Italiane dello Stato. In: *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud 1875-1925*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1925.
- BERRUTO, Gaetano. *La sociolinguistica*. Bologna: Zanichelli, 1987.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: YHL, 1999.
- BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John. O significado social na estrutura lingüística – Alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ P. M. (org.) *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BUNSE, Heinrich. Os dialetos Italianos no Rio Grande do Sul. In: *Imigração Italiana: Estudos*, Caxias do Sul: Coedição UCS-EST, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Tradução de Sergio Miceli e outros. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Fundamental. Brasília, 1997.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3. edição. Porto Alegre: Escola superior de Teologia; Caxias do Sul: Correio Riograndense e UCS, 1984.

_____. *O Catolicismo da imigração: do triunfo à crise*. In: RS: imigração & colonização. Aldair Marli Lando (et. al.). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

DE HEREDIA, Christine. *Do bilingüismo ao falar bilíngüe*. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (org.) *Multilingüismo*. Tradução de Celene M. Cruz e outros. Campinas: Unicamp, 1989.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia del linguaggio*. Roma: Meltemi, 2000.

FISHMAN, Joshua. *A sociologia da Linguagem*. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.

_____. *La Sociologia del linguaggio*. Roma: Officina Edizioni, 1975.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educ/Movimento, 1975.

_____. *Dialetos Italianos: um Perfil Lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educ, 1983.

FROSI, Vitalina M. *Interrelazione fra il dialeto veneto e la lingua portoghese-brasiliana*. In: MEO ZILIO, G. (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987.

_____. *I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socioculturale ed econômico: prevalenza del dialeto veneto*. In: LO CASCIO, Vincenzo (org.). *L'Italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987.

_____. *L'italiano standard e i dialetti italiani in Brasile*. In: MARCATO, Gianna (a cura di). *I confini del dialetto*. Padova: Unipress, 2001.

FURTADO. *Formação econômica do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Nacional, 1997.

GALIOTO, Pe. Antonio. *Nova Pádua e sua História*. Caxias do Sul: Maneco, 1992.

GANDINI, Marco. *Questione sociale ed emigrazione nel Mantovano 1873-1896*. 2.ed. Mantova: Someti, 2000.

GARVIN, Paul; MATHIOT, Madeleine. A urbanização da língua Guarani – um problema em linguagem e cultura. In: *Sociolingüística*. FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIANNI, Eliana. *Transferências lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilingüe do Rio Grande do Sul, 1997*. Dissertação (Mestrado). UFRGS, Porto Alegre, 1997.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Eloisa Eberle. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: Educs, 1996.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GROSJEAN, François. *Life with two languages*. Cambridge: Massachusetts: Harvard University, 1982.

GUMPERZ, John J. *La comunità linguistica*. In: GIGLIOLI, Paolo. *Linguaggio e società*. Bologna: Il Mulino, 1984.

HAUGEN, Einar. *A maldição de Babel*. In: *Diálogo*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 82-89, 1973.

HEYE, Jürgen. Sociolingüística. In: PAIS, Cidman Teodoro et al. *Manual de lingüística*. 2.ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Global, 1986.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1997.

HUDSON, Richard A. *Sociolingüística*. Il Mulino: Bologna. 1998.

IANNI, Octávio. Aspectos Políticos e Econômico da Imigração Italiana. In: *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1979.

IBGE. [Http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemum+Nova%20P%20Eldua&co](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemum+Nova%20P%20Eldua&co). (Acesso em 11 de abril de 2004)

LABOV, William. *Sociolinguistique*. Tradução do inglês por Alain Kihn. Paris: Minuit, 1976.

_____. *Lo studio del linguaggio nel suo contesto sociale*. In: GIGLIOLI, Paolo. *Linguaggio e società*. Bologna: Il Mulino, 1984.

_____. Estágios na aquisição do Inglês Standard. In: *Sociolingüística*. FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LAHIRE, Bernard. *Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis. Vozes, 2002.

LAMBERT, Wallace E. et. al. *Evoluational reactions to spoken languages*. In: *Journal of abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, 1960.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística, uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza). Rio de Janeiro: LTC, 1987

MACKEY, Willian F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Johsua. *Readings in tho sociology of language*. 3.trd. Paris: Mouton, 1972.

MANFRÓI, Olivio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul/IEL/DAC/SEC, 1975.

MAPA 2 (figura2). [Http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Nova+P%E1dua](http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Nova+P%E1dua).(Acesso em 15 de novembro de 2004).

MANTOVANI, Giselle Olivia Dal Corno; SANTINI, Mara Suzana. *Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul*. In: *Coletânea CCHA: Cultura e Saber*. Caxias do Sul: Educs, v. 2, n. 1, 1998

MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. Editora Grande Sul. 1998.

MEYERHOFF, Miriam. *Communities of Practice*. In: CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAVIANI, Neires M. S. *O pronome ético: Uma característica dialetal*. 1992. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. *O imigrante na política Rio-Grandense*. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (org.). *RS: imigração e colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H. P. de M.; ZILLES, U. (org.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

PRESTON, R, Dennis. *Language with an attitude*. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blakwel, 2002.

ROSSI, José. *Nova Pádua: história demográfica*. Monografia (Conclusão de curso) - UCS, 1984.

SABBATINI, Mario. *Il significato storico della colonizzazione*. In: *La Regione di Colonizzazione Italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rurali*. Firenze: Cultura Cooperativa, 1975.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul. 2001*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 2001.

SCHNEIDER, Regina Portella. *Geografia do Rio Grande do Sul*. São Paulo: FTD, 2001.

SELLITZ WRIGHTSMAN; COOK; KIDDER, L.H. (Org. 4. ed americana); MALUFE, J.R.; GATTI, B. A. (Coord.2.ed.bras) *Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1987. v. 1.

SÈRIOT, Patrick. Anmanésia da língua russa e a busca de identidade na Rússia. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.) *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra DC-Luzzatto, 1999.

SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza, 2001.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TITONE, Renzo. *Bilingüismo precoce e educazione bilingüe*. 2. ed. Roma: Armando, 1993.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Boringheri, 1974.

OBRAS CONSULTADAS:

BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico? Tô fora!. In: PINSKY, Jaime. (Org.). *12 faces do preconceito*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Preconceito lingüístico, o que é como se faz*. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ARRUDA, José Jobson de A; PILETTI, Nelson. *Toda a História. História Geral e História do Brasil*. Ed. Ática. 1999.

BARSA, Enciclopédia. Encyclopaedia Britannica Editores LTDA. RJ, SP, vol. 8

DURKHEIN, Émile. *As regras do método sociológico*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FELTES, H.P. de M. *A questão da cultura nos estudos da lingüística*. In: www.heloísa.pmfeltes.org.

EPSTEIN, Arnold L. *L'identità Etnica. Tre studi sull'etnicità*. Torino: Loescher, 1983.

Flores da Cunha – RS. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. VIII vol. (org. Jurandir Pires Ferreira, Pres. do IBGE, Speridião Faissol e Hildebrando Martins). Rio de Janeiro, 1959.

FURTADO. *Formação Econômica do Brasil*. 26. ed. São Paulo:Nacional, 1997.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980.

LIMA, Maria Cecília de. Conscientização de alunos(as) sobre o preconceito lingüístico”. In: *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. SILVA, D. E. G. da; VIEIRA: J. A. (Org.). Brasília: UnB. Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2002.

MENEGAT, Ivan Carlos. *Aspectos Econômicos da Emancipação de Nova Pádua*. Monografia (Conclusão de curso) - UCS. Caxias do Sul. 1995.

MENEGOTTO, Ricardo; OLIVEIRA, Giovana Mendes. *Rio Grande do Sul: História e Geografia*. Quinteto Editoria. S.P. 1999.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA; Maria Luiza, (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. 24. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PETRONE, Maria T. Schorer. Imigração. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio, et.al. *O Brasil republicano: sociedades e instituições (1889-1930)*. 7. ed. RJ: Bertrand do Brasil. 2004.

RECH, Tamara. *Scrivere per non dimenticare l'emigrazione di fine 800 nelle lettere della famiglia Rech 'Checonet'*. Quaderno n.13. A cura di Tamara Rech e Marco Rech. Comune di Seren del Grappa. Biblioteca Civica. Feltre.1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Iziodoro Blickstein. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

ANEXO A: Levantamento do êxodo de Nova Pádua, décadas de 60 e 70

NOVA PÁDUA				
Levantamento realizado para constatar a emigração da comunidade de Nova Pádua, nas décadas de 60 e 70 – Considerado na pesquisa como êxodo rural urbano.				
TRAVESSÃO OU CAPELA	L.1	L.2	L.3	L.4
SEDE/VILA DE NP	51	256	143	113
DIVISA	21	126	53	73
CURUZU	35	271	119	152
PAREDES	20	155	74	81
SANTO ISIDORO	11	73	22	51
MÜTZEL	14	125	60	65
BONITO	27	212	86	126
BARRA	15	115	57	58
ACIOLI	18	126	54	72
SÃO JOÃO BOSCO	Não realizamos o levantamento porque somente parte da capela pertence a NP			
CER				
CER				
“ZO				
LEC				
TOI				

LE
L =
L.1
L.2
L.3
L.4

Fon
leva

194

197

200

Observações

Nova Pádua

In segno di gratitudine, la popolazione di questa parrocchia ha intenzione di preparare una bella festa il 26 ottobre futuro al suo caro parroco Sr. Giulio Scardovelli in occasione del 25° anniversario del suo arrivo e permanenza tra noi. Brevemente sarà organizzata una commissione capitanata dal segretario del Parroco Sr. Angelo Arcaro que percorrerà tutta la parrocchia raccogliendo donativi per supplire le disperse di detta festa Nova-padovani, mostriamoci generosi, diamo quello possiamo, secondo le

Laida del 1939

Genajo dispeza per concierri	1
1111 pagata lenposto per la festa	14
Febraio pagato li cantari	15
1111 una messa a São Antonio	15
1111 pagato al tre dispeze per la chiesa	36
Março pagato per sininario	20
Aprilo comprato frama per sininario	192
Mai pagato a escritura del tera	13
Junha una messa a la madona	16
Setobre pagato len maestro de la doctrina	40
Totta l'ala dispeza del-1939	364

Subito a unio 1939, une entrata de 1161,100 rs.
 e subide de 364\$, 200. Com satisfacão se noto que
 serios de ouffello prosperos e praiso uie casinado

Nona Piedua ao 30 de Dezembro de 1939
 L. Berno Fiorini, Vigani

Fonte: Livro caixa de uma Capela da paróquia de Nova Pádua.

ANEXO D: INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Esse anexo compreende o instrumento utilizado para a coleta de dados, que foi subdividido em duas partes: a transcrição das três versões do texto publicitário com o qual foi

feita a gravação para apresentar à amostra e o questionário que foi subdividido em quatro partes. Portanto, tem-se:

- ANEXO D.1.1: o texto gravado na versão língua portuguesa *standard*.
- ANEXO D.1.2: o texto gravado em dialeto italiano.
- ANEXO D.1.3: o texto gravado na variedade de fala local de língua portuguesa.
- ANEXO D.2.1: Questionário – Primeira Parte
- ANEXO D.2.2: Questionário – Segunda Parte
- ANEXO D.2.3: Questionário – Terceira Parte
- ANEXO D.2.4: Questionário – Quarta Parte

ANEXO D.1.1: TEXTO GRAVADO NA VARIEDADE LÍNGUA PORTUGUESA *STANDARD*

NOVA PÁDUA

Nova Pádua está situada entre as montanhas da Serra Nordeste do Rio Grande do Sul, tem uma altitude de setecentos e dez metros acima do nível do mar e uma população de dois mil e quatrocentos habitantes. O povo paduense descende de imigrantes italianos provindos da região do Vêneto nos meados de 1890. Esses imigrantes lançaram em nosso solo a semente que hoje Nova Pádua colhe com orgulho. Trabalho, garra e religiosidade testemunham a fé e a hospitalidade desse povo. As festas da colônia, a gastronomia, os jogos, a música, os atrativos naturais e culturais, paisagens bucólicas, aguardam pela visita de quem gosta de desfrutar momentos inesquecíveis, vivendo a simplicidade da vida na colônia. Além dos atrativos turísticos o município é conhecido por seus eventos que divulgam as potencialidades de Nova Pádua. Tudo em “Nova Pádua” lembra a Europa, os vales, as montanhas, o clima, os parreirais, além da presença marcante do imigrante italiano evidenciada pela fala do dialeto Vêneto em toda a extensão do município. Visitar este pequeno paraíso italiano é reviver costumes e tradições da cultura italiana. ”

Fonte: Folheto de divulgação do município pela Prefeitura Municipal de Nova Pádua.

ANEXO D.1.2: TEXTO GRAVADO NA VARIEDADE DIALETAL ITALIANA

NOVA PÁDUA

A città de Nova Pádua a resta in medo e montagne de a Sera Nordeste del Rio Grande do Sul, a gà una altitudine de setessento e dieze metri par sora del nivel del mar e una populaçon de due mila e quattrossento abitanti. Il popolo paduense l'è descendente de imigranti taliani vegnesti de a region del Veneto lá par i mila otossento e novanta. Questi imigranti i gà metesto in te a nostra tera a semensa che, oncò, Nova Padua raccoglie con orgoglio. Laoro, forza e a religion i mostra a fede e a ospitalità de questa gente. E feste de a colonia, a gastronomia, i giughi, a musica, e bellezze de a natureza e de a cultura, paesaggi bucolici i aspetta e visite de quelli que vole disfrutare momenti meravigliosi, vivendo a simplicidade de a vita in colonia. Dopo de i atrativi turistici, il municipio l'è cognosesto anca par i eventi che i divulga e potenzialità de Nova Pádua. Tutto in Nova Pádua te fa pensare de essere in te a Europa. I valli, e montagne, el clima, i vignai, prinsipalmente a presenza forte del imigrante talian que se mostra in tel parlare dialeto Vêneto in tutto el municipio. Visitare questo piccolo paradiso talian è come vivere costumi e tradizion de a cultura taliana.”

Fonte: Folheto de divulgação do município pela Prefeitura Municipal de Nova Pádua. (Tradução nossa.)

NOVA PÁDUA

Nova Pádua tá situada entre as montagna da Sera Nordeste do Rio Grande do Sul, tem uma altitude de setessento e dez metro por cima do nível do mar e uma populaçon de dois mil e quatrossento habitánte. O povo paduense é dessendente de imigrantes italiano que vieron da rezion do Vêneto la por mil oitossento e noventa. Esses imigránte zogaron na nossa tera a semente que hoze azuntamos com orgulho. Trabalho, gara e reliziosidade móstron a fé e a hospitalidade deste povo. As festa da colónia, a gaxtronomia, os zógos, a música, os atrativo natural e cultural, as paisazem bucólica, esperon pela visita daqueles que gosta de desfrutar umas hora inesquecível, vivendo a simplissidade da vida na colónia. Além dos atrativo turístico, o munissípio é conhecido por seus evento que divulgom as potenssialidade de Nova Pádua. Tudo in “Nova Pádua” se parece co’a Eoropa, os vale, as montanha, o clima, os pareral, além da presença do dialeto vêneto, falado por toda a populaçon do municipio, mostrom que son descendente de imigránte italiano. Visitar este pequeno paraíso italiano é o mesmo que reviver os costume e as tradiçon da cultura italiana.”

Fonte: folheto de divulgação do município pela Prefeitura Municipal de Nova Pádua. (Adaptação lingüística de nossa autoria.)

ANEXO D.2.1: QUESTIONÁRIO – PRIMEIRA PARTE

A primeira parte compreende os dados de identificação e as características sócio-culturais dos sujeitos e as questões lingüísticas que visam levantar os dados informativos sobre aquisição e transmissão da língua materna. Além da questão que investiga sobre o conhecimento ou não da proibição do uso de qualquer língua estrangeira, a campanha de “brasilianização”.

1ª) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS SÓCIO-CULTURAIS

1. ANO DE NASCIMENTO: () entre 1949 e 1969 () entre 1974 e 1994
2. Nasceu em Nova Pádua? () sim () não
3. Durante quantos anos você morou em Nova Pádua? _____
4. Travessão em que mora: _____
5. Sexo: () masculino () feminino
6. ESCOLARIDADE:
 - () Primário (até a 5ª série) () Fundamental (1º grau)
 - () Ensino Médio (2º grau) () Ensino Superior (Faculdade)
7. ESTADO CIVIL: () casado () solteiro () viúvo () separado () outro
8. NÚMERO DE FILHOS: _____
9. CONSTITUIÇÃO FAMILIAR (marque todos os itens necessários)
 Quantas pessoas moram com você?
 () avós () pais () filhos () tios () sobrinhos () empregados
10. Você tem parentes que moram em cidades? () sim () não
 Quantos? _____ Especifique (pais, tios, primos, irmãos, etc.) _____
11. Profissão/ocupação: _____
12. Qual das duas línguas seus pais ensinaram a você?
 (a) Português (c) Português com sotaque italiano (e) Nenhuma dessas línguas
 (b) Dialeto italiano (d) Dialeto italiano e também português
13. Qual das duas línguas você ensinou aos seus filhos?
 (a) Português (c) Português com sotaque italiano (e) Nenhuma dessas línguas
 (b) Dialeto italiano (d) Dialeto italiano e também português
14. Você já ouviu dizer que alguma lei tivesse proibido as pessoas de falar o dialeto italiano?
 () sim () não
 Se sim: Quando? _____

A segunda parte compreende as questões sobre aspectos socioeconômicos dos sujeitos.

2ª) SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA

1. Na sua casa tem (marque todos os itens necessários):

- | | |
|---|---------------------------------------|
| (a) um carro | (f) mais de um carro |
| (b) um caminhão (p/ transportar a produção) | (g) mais de um caminhão |
| (c) uma caminhonete (passeio) | (h) mais de uma caminhonete (passeio) |
| (d) um trator | (e) mais de um trator |

2. A renda anual familiar é de:

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| (a) menos de 30 mil reais por ano | (b) de 30 a 50 mil reais por ano |
| (c) de 50 a 70 mil reais por ano | (d) de 70 a 100 mil reais por ano |
| (e) mais de 100 mil reais por ano | |

3. Nas décadas de 60/70, a situação financeira de sua família era:

- | | |
|--------------------------|---------------------------------|
| (a) idêntica à de hoje | (d) semelhante ao que é hoje |
| (b) melhor do que é hoje | (e) nenhuma dessas alternativas |
| (c) pior do que é hoje | |

4. Em que ano o rádio chegou na sua casa?

- | | | |
|------------------------|---|-----------------------|
| (a) antes de 1950 | (b) entre 1950 e 1960 | (c) entre 1960 e 1970 |
| (d) depois desta época | (e) quando você nasceu, na sua casa, já havia rádio | |

5. Em que ano os eletrodomésticos chegaram na sua casa?

- | | | |
|------------------------|--|-----------------------|
| (a) entre 1950 e 1960 | (b) entre 1960 e 1970 | (c) entre 1970 e 1980 |
| (d) depois desta época | (e) quando você nasceu, na sua casa, já havia eletrodomésticos | |

6. Em que ano a televisão chegou a sua casa?

- | | | |
|------------------------|---|-----------------------|
| (a) entre 1950 e 1960 | (b) entre 1960 e 1970 | (c) entre 1970 e 1980 |
| (d) depois desta época | (e) quando você nasceu, na sua casa, já havia televisão | |

7. Em que ano o telefone chegou a sua casa?

- | | | |
|------------------------|-----------------------------------|-----------------------|
| (a) entre 1950 e 1960 | (b) entre 1960 e 1970 | (c) entre 1970 e 1980 |
| (d) depois desta época | (e) na minha casa não há telefone | |

ANEXO D.2.3 – QUESTIONÁRIO – TERCEIRA PARTE

PROPOSTA: Imagine-se o Secretário de Cultura e Turismo de Nova Pádua e está encarregado de fazer uma publicidade com o objetivo de divulgar o município. Você tem um locutor para mandar gravar a publicidade, é ele quem vai falar.

3.1 Qual das três mensagens publicitárias você escolheria para divulgar o município de Nova Pádua, a gastronomia, as festas da colônia, os atrativos naturais e culturais com o objetivo de atrair turistas?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.1.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para divulgar a gastronomia, as festas da colônia, os atrativos naturais e culturais para atrair o turismo?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.2 Qual das três mensagens publicitárias você escolheria para mostrar que Nova Pádua é um *pequeno paraíso*, com o objetivo de provar que aqui se vive bem?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.2.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para mostrar que Nova Pádua é um *pequeno paraíso*?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.3 Qual das três mensagens você escolheria para mostrar que o povo de Nova Pádua é um povo inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.3.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para mostrar que o povo paduense é inteligente, trabalhador, capaz de grande progresso econômico?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.4 Qual das três mensagens você escolheria para mostrar a verdadeira identidade de Nova Pádua (sua cultura e seus costumes) na mídia (TV, rádio)?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

3.4.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para mostrar a cultura e os costumes?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

PROPOSTA: Imagine que você está encarregado de divulgar a imagem de Nova Pádua terá de escolher uma entre as três mensagens publicitárias que você acabou de ouvir. – Não esqueça: agora é você quem vai falar.

4.1 Qual das três mensagens publicitárias você escolheria para divulgar NP, na sua casa, para os seus familiares?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.1.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para divulgar NP, na sua casa, para os seus familiares?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.2 Qual das três mensagens publicitárias você escolheria para divulgar NP, na sua Capela, para as pessoas da comunidade?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.2.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para divulgar NP na sua Capela para as pessoas da comunidade?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.3 Qual das três mensagens publicitárias você escolheria para divulgar NP, na escola?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.3.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para divulgar NP na escola?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.4 Qual das três mensagens você escolheria para divulgar NP, para pessoas que vêm das cidades?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____

4.4.1 Qual delas você **não** escolheria, de forma alguma, para divulgar NP, para pessoas que vêm das cidades?

- (a) a primeira (português *standard* – a pronúncia usada pela mídia)
- (b) a segunda (dialeto italiano)
- (c) a terceira (português com sotaque italiano)

Por quê? _____